

6 O *INTERNATIONAL JOURNAL OF PSYCHO-ANALYSIS* (1990-2005)

Serão tratados aqui os artigos selecionados do *International Journal of Psycho-Analysis* referentes ao período de 1990 a 2005 onde conste a expressão “mente primitiva” ou congêneres, tais como: estados mentais primitivos, estados primitivos da mente, estados primitivos de atividade mental, psique primitiva e mente primordial. Além destes foram encontrados também outros que se desdobram em inúmeras variações, apresentados na sequência.

6.1 A mente primitiva

O primeiro texto encontrado é de Allegro (1990), onde o autor trata de questões relacionadas à formulação da interpretação na prática psicanalítica, analisando-a a partir do ponto de vista da forma linguística e do tipo de linguagem usado no processo de construção interpretativa. Distingue a linguagem metafórica e a linguagem explicativo-literal, cada uma delas com características e funções diferentes. De acordo com o autor, a primeira é constitutiva do processo primário e está relacionada com o deslocamento e a condensação, reativando os níveis mais primitivos da mente, e serve ao propósito de expressar afetos e emoções. A segunda é peculiar ao processo secundário, vincula-se ao pensamento lógico-formal, reativando os níveis mais desenvolvidos da mente, e supre as finalidades explicativas, referenciais e informativas. Para o autor, a importância de conhecer a função dessas formas de linguagem está em permitir ao psicanalista formular interpretações mais adequadas às necessidades clínicas.

Durante a discussão o autor acima citado utiliza expressões como “mente primitiva” e “psique primitiva”. Embora não as defina, o modo como ele as utiliza no contexto de sua discussão permite entender que a mente primitiva está intimamente relacionada com o processo primário do funcionamento mental e caracteriza-se pela ambiguidade, falta de discriminação ego/não-ego, sincretismo e indiferenciação, cujos níveis mais primitivos da mente associa com o conceito bioniano de “parte psicótica da personalidade”.

No segundo texto selecionado Hayman (1993) discute as ideias de Eugenio Gaddini apresentadas no livro que é resenhado pela autora. A expressão mente primitiva aparece como referência ao funcionamento mental dos primeiros meses de vida, ainda centrada nos processos corporais, dos quais se originam “estados mais primitivos”, “defesas primitivas”, “ego primitivo” e “vivências orais primitivas”, por exemplo.

Shengold (1993), por sua vez, ao apresentar uma comunicação sobre o simbolismo, menciona a expressão “mente primitiva”, ou “mente arcaica”, parecendo se relacionar com o universo inicial do bebê, retratado como caótico, indiferenciado, cujo “método primitivo inicial de funcionamento” (p. 962) é o processo primário. Embora o processo primário se mantenha vigente, nesse período caótico primordial do desenvolvimento psíquico inicia-se a formação do ego corporal, introduzindo-se algum nível de discriminação, criando progressivamente as condições para a evolução gradual até atingir o processo secundário de funcionamento.

Caper (1994), ao abordar questões relacionadas à definição do que seja um fato clínico psicanalítico, em certo momento utiliza a expressão “mente primitiva” a partir de uma citação de Bion extraída de *Elements of psycho-analysis*, de 1963. Nessa citação a mente primitiva é a parte dos aspectos da personalidade que fica distanciada quando se toma algo como objeto de exame no contexto clínico, mantendo-se a atmosfera de privação, que, por sua vez, gera sentimentos de abandono e solidão. Caper (1994) também faz menção ao termo “nível primitivo” de funcionamento mental.

Lussier (2000) investiga as origens do texto “Luto e melancolia”, de Sigmund Freud, um trabalho clássico de referência psicanalítica sobre o assunto, buscando explorar as bases sobre as quais o autor desenvolveu sua perspectiva. Nesse contexto, em certo momento de sua discussão a autora faz uma citação de Freud com base no texto “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, de 1915, reafirmando a ideia de que a “mente primitiva” é imperecível. Tal noção parte da concepção freudiana de que a ontogênese repete a filogênese e que o “primitivo” não diz respeito apenas ao início, ao estágio inicial, mas a algo que se consolida como parte, como componente, que permanece dinamicamente integrado no todo.

Outro texto selecionado é de Ferraro (2003), onde a autora trata das relações entre bissexualidade psíquica e criatividade, ilustrando suas hipóteses por meio de casos clínicos. De sua referência a mente primitiva é possível deduzir que a autora remete a aspectos narcísicos e pré-edípicos a existência de uma parte infantil e uma parte adulta no funcionamento mental, a primeira das quais corresponderia a uma parte “incivilizada” que persistiria atuante no psiquismo, o que lembra a concepção freudiana de que a mente primitiva é imperecível.

Lombardi (2004) tece alguns comentários sobre o trabalho do cineasta Stanley Kubrick, em especial sobre seu filme *Eyes wide shut*, no decorrer dos quais faz menção ao interesse crescente que tem surgido acerca dos “estados mentais primitivos” e menciona a expressão “mente primitiva”; contudo não esclarece a que se refere com esses termos, deixando apenas supor, após sucessivas leituras do artigo, que se relacionam com o princípio do prazer, o nível concreto de funcionamento mental, a predominância da sensorialidade, os instintos, as pulsões, com um “animal primitivo” que persiste em cada indivíduo apesar dos milhões de anos de evolução. Parece digno de nota que ao se referir a “mente primitiva” o autor o faz citando outro artigo, intitulado *Knowledge and experience of time in primitive mental states*, de 2003, que será comentado posteriormente, mas sobre o qual vale ressaltar que nele essa expressão não aparece, mas sim, termos como “estados mentais primitivos” e “níveis primitivos de funcionamento mental”. Outro ponto que fica muito evidente no discurso do autor é a coexistência de níveis de profundidade no psiquismo – do primitivo e do avançado, da concretude e da abstração.

6.2 Os termos congêneres

Stein (1990) tem o propósito de apresentar as vantagens de considerar as proposições de Melanie Klein como uma teoria descritiva de emoções intensas, mais do que uma teoria do instinto ou do desenvolvimento. A autora menciona termos como “estágio primitivo” referindo-se à posição esquizoparanoide, aos “estratos primitivos da psique” e “pensamento primitivo”, defendendo que M. Klein compreendeu sua essência para além do processo primário definido por S. Freud.

Silva (1990) analisa a presença de sons abdominais borbulhantes durante a sessão de análise como um sinal de trabalho psíquico que se une à conversação durante o processo, partindo da noção freudiana de sensação de satisfação e da noção bioniana do aparelho para pensar por analogia com o modelo do sistema digestivo. O autor concebe os sons abdominais borbulhantes como “experiências primitivas não verbais” que podem aparecer no decurso da sessão como expressão de momentos regressivos da análise, configurando “estados mentais primitivos”.

Westen (1990) apresenta uma revisão das teorias das relações de objeto à luz de dados oriundos de pesquisas empíricas que, de acordo com a autora, auxiliam na clarificação da natureza das relações de objeto borderline. Destaca a noção de “primitivização das estruturas” psíquicas no sentido regressivo a estados indiferenciados e refere que as relações de objeto em pacientes borderlines frequentemente são descritas na literatura como sendo “primitivas”. Enfatiza, no entanto, que é necessário discriminar a existência de pelo menos dois diferentes sentidos para o que se tem denominado de “primitivo”: um deles como sinônimo de desenvolvimento precoce e o outro como patológico. Desse modo, a referência a “modos primitivos de funcionamento” mental pode ser tomado tanto em um quanto no outro sentido.

Cavell (1991), em seu artigo intitulado *The subject of mind*, utiliza expressões como “ordem mental primitiva” e “pensamentos primitivos”, que no seu discurso estão relacionadas ao processo primário. A “ordem mental primitiva”, na opinião da autora, seria o inconsciente tal como proposto por S. Freud, ou seja, aquele que gera atividades mentais com características próprias, cujos fenômenos mentais estariam atrelados ao modo de funcionamento do processo primário.

Kernberg (1991) descreve em seu artigo uma forma particular de regressão, que denomina de “silenciosa”, no tratamento analítico de personalidades infantis. Em sua descrição e comentários, o autor faz referência aos “níveis mais primitivos do desenvolvimento” psíquico e ressalta a importância de o analista ter conhecimento do “funcionamento primitivo” do paciente, que pode, por vezes, mergulhar em um denso “estado primitivo” de regressão; porém alerta que as interpretações não devem se ater apenas aos “níveis primitivos”,

ignorando os níveis saudáveis de funcionamento do paciente, para que a integração do “primitivo” com o “avançado” não seja prejudicada.

Boyer (1992) discute a ideia de que a música pode servir a sutis e complexas funções psíquicas, considerando que os sons musicais em si desempenham “funções primitivas”, mais do que seus temas e letras, oferecendo dados a partir do caso clínico de um homem com talento musical que havia sofrido de asma e crupe graves até a idade de 6 anos. Baseando-se em diversos autores, afirma que a música pode ser vista como um fenômeno que supre, em certos momentos, as “funções psicológicas primitivas” em função de ter uma relação com formas de comunicação emocional arcaica, que auxiliam na simbolização e expressão de “conflitos primitivos inconscientes”.

O mesmo autor comenta que a “natureza primitiva” ou precoce das vivências de seu paciente representava processos descritos na literatura, como a identificação adesiva e as funções iniciais supridas pela pele, propostas por E. Bick e D. Anzieu, a imagem corporal psicótica, sugerida por D. Rosenfeld, e a concretude das equações simbólicas, indicada por H. Segal.

Mariotti (1993) apresenta algumas ideias sobre o efeito da gravidez da analista sobre seus pacientes, onde faz referência ao aparecimento de “processos mentais primitivos” no paciente em sua relação com o analista. Esse aparecimento seria uma manifestação da repetição de experiências precoces. Fica assim implícita a ideia de que a noção de “primitivo” diz respeito às vivências iniciais do desenvolvimento psíquico do bebê e à sua permanência na estrutura mental, que pode se manifestar em momentos posteriores da vida.

Dunn (1993) examina a teoria freudiana das pulsões a partir de sua ligação com o pensamento darwiniano. Comenta que a atividade pulsional tem como componentes que lhe são inerentes as “organizações primitivas do id e o ego” e que a teoria psicanalítica da mente inicia fazendo referência aos “estados primitivos” como uma forma de atividade mental mais simples, se comparada com formas posteriores, mais complexas. Fazendo uma citação de H. Loewald, o autor usa a expressão “aparelho psíquico primitivo” para referir-se ao início do funcionamento mental, seja no indivíduo, seja na espécie.

Likierman (1993) aborda o conceito de objeto primitivo de amor no pensamento de Melanie Klein, rastreando algumas das influências que contribuíram para a gênese da concepção kleiniana sobre o amor infantil precoce,

e dentro do propósito do artigo, o autor esclarece que os termos amor e objeto bom foram utilizados por Melanie Klein num sentido muito específico, diferente da linguagem cotidiana, sendo descrições de “estados mais primitivos” em que as boas experiências em relação ao objeto evocam a gratificação do prazer físico e também estados emocionais que são vivenciados idealmente e sem limites. Tais “estados primitivos” equivaleriam aos desejos instintuais e fantasias que são vivenciados pela criança. Vale destacar que o autor utiliza ao longo do texto os termos primitivo, arcaico, precoce e primário como equivalentes.

Opatow (1993) pretende conceituar a psicanálise como uma teoria fundamental, investigando a importância que teria para a teoria psicanalítica as descobertas recentes das ciências cognitivas e do cérebro. Além disso, articula o conceito de consciência com o intuito de desenvolver uma integração conceitual deste com a teoria pulsional. A certa altura de suas discussões, respaldando-se em S. Freud, usa a expressão “modos mais primitivos” de funcionamento mental para exprimir que estes são inibidos sempre que um avanço na organização psíquica é alcançado e sustentado por uma nova censura.

Taylor (1993) descreve um caso de torcicolo espasmódico por meio do qual procura demonstrar a necessidade e utilidade de um novo modelo teórico de enfermidades e desordens somáticas. Ao discutir sua compreensão do caso clínico, chama a atenção para a necessidade de se atingirem as áreas do “funcionamento mental primitivo”, identificando “emoções primitivas” que teriam papel significativo na patogênese da enfermidade do paciente. Os “estados emocionais primitivos” seriam aqueles vivenciados precocemente na vida do indivíduo os quais poderiam ser posteriormente reativados, tornando-se presentes. Tais estados partem de um “nível sensório-motor primitivo” de vivenciar a experiência, onde os impulsos são caóticos e as emoções incipientes, para progressivamente atingir um nível representacional mais amadurecido.

Mitrani (1993) examina certos aspectos resultantes de um processo inconsciente que ocorre na mente do analista, afetando sua maneira de escutar o material do paciente e o modo como formula suas interpretações. Dentro desse exame a autora faz menção a uma “experiência muito primitiva” no nível psíquico, que pode se manifestar na vivência da sensação de inexistência e de estado de vazio, de perda, no terror sem nome, nas vivências não mentalizadas na infância precoce, gerando tal nível de dor, ansiedade e angústia, em que o indivíduo sente

suas defesas psíquicas falharem e retorna aos “[...] meios mais primitivos de conter sua experiência – a defesa somática” (p. 699). Ressalta a autora que todas as pessoas, até aquelas mais bem-analisadas, estão sujeitas ao confronto com as “experiências primitivas”, que um dia fizeram parte da infância precoce e posteriormente reaparecem não mais como algo simplesmente do passado, mas como algo que se faz atual.

Le Coultre (1993) trata da cisão do ego como um fenômeno central nas neuroses. Em sua discussão faz referência à existência de uma “natureza primitiva” nos processos psíquicos e afirma que o processo primário é uma “forma primitiva” de lidar com a realidade. O termo primitivo, usado pelo autor na sua forma feminina, é tomado como equivalente a arcaico.

Ferro (1993) procura situar o problema do impasse dentro de uma teoria do campo, discutindo-o a partir de diferentes vértices, e ressalta dificuldades emocionais com que o analista se defronta, sendo a mudança na mente do analista o meio fundamental para que ocorra uma retomada do processo analítico, com a possibilidade de adotar pontos de vista novos na sessão. O autor faz alusão a “estados primitivos da mente”, a “partes primitivas da personalidade” e a “emoções mais primitivas da mente humana”, que precisam ser contatados e transformados primeiramente em um nível subterrâneo do nosso psiquismo para que possam posteriormente ser pensados e discutidos. Com embasamento nas proposições bionianas, alerta o autor que nem todas as “emoções primitivas” podem ser transformadas em pensamento, e mesmo outras que passam por transformações somente o fazem com um imenso custo emocional em termos de sofrimento psíquico.

Hayman (1994) propõe-se em seu artigo a selecionar e examinar detalhadamente alguns dos argumentos surgidos no período de 1943 e 1944, nas discussões promovidas pela Sociedade Psicanalítica Britânica que ficaram conhecidas como “Controvérsias Freud-Klein” em torno dos conceitos de “fantasia inconsciente” e “conflito inconsciente”. A autora chama a atenção para as dificuldades conceituais e de comunicação que ocorreram na época e ainda ocorrem em função dos diferentes significados atribuídos a um determinado conceito pelas diferentes linhas de pensamento psicanalítico. Ao examinar os conceitos dentro de seu objetivo a autora utiliza as noções de “eventos psíquicos primitivos” e “experiências afetivas primitivas”, que remetem tanto às vivências

precoces na constituição do psiquismo quanto ao que se mantém atuante no inconsciente por toda a vida.

Sandler e Sandler (1994) debatem os conceitos de regressão e fixação, para depois comentarem a função antirregressiva que opera desde o início do desenvolvimento humano, funcionando em maior ou menor grau ao longo de toda a vida, e reflete a tendência geral da mente em se defender dos conteúdos inconscientes para que não atinjam a consciência, sendo uma fonte de resistência no processo analítico. Nessa discussão, os autores fazem menção aos “modos mais primitivos de funcionamento, representação e expressão” (p. 432), tendo como suporte uma citação de Anna Freud quando examina a regressão do ego. No texto tais “modos mais primitivos” estão vinculados às estruturas psíquicas precoces e ao seu modo de funcionamento característico.

Steiner (1994) trata do contexto cultural no qual Sigmund Freud estava inserido, bem como do significado de sua educação e da influência da tradição intelectual alemã em sua obra, particularmente em sua descoberta do complexo de Édipo e da interpretação dos sonhos, considerando-o um filho de seu tempo. Nesse percurso o autor, ao discutir aspectos relacionados ao pensamento mítico, fazendo um paralelo entre as concepções freudianas e as de outros pensadores, destaca que o significado psicanalítico de “primitivo” e “menos primitivo” não corresponde necessariamente ao que compreendem os historiadores, mitólogos e antropólogos.

Fonagy e Target (1996), abordando as mudanças que ocorrem na percepção infantil da realidade psíquica durante o desenvolvimento normal, destacam uma modificação significativa na compreensão da mente no estágio edípico. Nessa discussão os autores apontam para a permanência de “estruturas mentais primitivas” do ponto de vista do desenvolvimento. Tal permanência, se não houver uma adequada integração dos “modos primitivos de vivenciar a realidade psíquica”, pode resultar em manifestação de aspectos patológicos. Acrescentam os autores que a ação terapêutica psicanalítica pode possibilitar um processo de reorganização e integração dessas estruturas.

Kerz-Rühling (1996), discutindo em seu artigo a questão da validação das hipóteses psicanalíticas na prática clínica, afirma que o método desenvolvido por Freud é adequado para justificar suas conjecturas teóricas de acordo com as regras da indução empírica. Ao elaborar essa discussão, a certa altura a autora

faz referência a “formas primitivas de expressão psíquica” que se manifestaram e se desenvolveram nos estágios precoces do desenvolvimento da criança pequena, podendo ser suscitadas em idades posteriores, via regressão. Com isto, há o retorno de “[...] hábitos primitivos, animistas, da mente” (p. 283).

Alvarez de Toledo (1996) apresenta em seu artigo um relato dos fenômenos observados na investigação do significado de “associar”, de “interpretar” e das “palavras”. Faz alusão à existência de um “nível muito primitivo” de funcionamento mental, destacando como característica a concretude existente em qualquer indivíduo, a qual se manifesta em maior ou menor grau tanto em estado normal quanto em estado patológico, como substrato de sua origem primitiva, arcaica.

Cohen e Jay (1996) partem de reflexões a respeito da obra de Francis Tustin sobre o autismo infantil com o intuito de evidenciar quais são a natureza e a função protetora das barreiras autísticas em pacientes adultos que apresentam resistências desafiadoras ao tratamento. Nesse percurso os autores fazem referência à existência, no bebê, de “fantasias primitivas”, inconscientes, de fusão corporal, relacionadas às experiências de separação que precipitam sentimentos terríveis de desintegração corporal. Acrescentam que, em “estágio mais primitivo”, tais vivências têm como resultado a ansiedade de aniquilação. Isso leva a pensar que a noção de primitivo, pelo menos em princípio, está relacionada com o início do desenvolvimento psíquico, particularmente no primeiro ano de vida, mas constitui algo que permanece como parte do funcionamento mental para toda a vida.

Feldman (1997) discute a identificação projetiva e o envolvimento do analista na situação analítica. Inicia seus comentários a partir das proposições kleinianas acerca dos processos projetivos e introjetivos enquanto mecanismos mentais primitivos, por remeterem a vivências arcaicas que se atualizam transferencialmente no encontro analítico, tornando possível a manifestação de níveis primitivos de funcionamento mental. Desse modo, o que é primitivo parece estar ligado a significações relacionadas a vivências psíquicas arcaicas, tanto àquelas referidas ao início da vida mental quanto a suas atualizações, que se presentificam no funcionamento psíquico posterior não somente como repetição, mas levam em conta um propósito de lidar com o que foi suscitado e com a sua vivência atual na intersecção com a realidade exterior.

Caper (1998) examina o conceito psicanalítico de “estados mentais primitivos”, ou “estados primitivos da mente” e a partir disso faz uma discussão questionando se a doença psíquica no adulto poderia ser pensada ou não como uma regressão e/ou fixação a um “estado mental primitivo”. O autor diz: “Eu uso o termo ‘estado mental primitivo’ para me referir a uma etapa inicial do desenvolvimento psicológico normal” (p. 539). Também faz uso dos termos primitivo, precoce e inicial como análogos.

Williams (1998) tece alguns comentários sobre um artigo de Robert Caper (1998), acima indicado. Do texto de Paul Williams, o que interessa aqui é que o autor, para fazer seus comentários, traz a contribuição de outros autores, e a partir de suas articulações é possível entender os “estados mentais primitivos” como uma fase inicial do desenvolvimento psíquico (que poderia ser normal ou patológica) que se mantém como parte da estruturação subjetiva do indivíduo, manifestando-se nos períodos posteriores, de modo psicopatológico ou não. Ressalta que o que é considerado primitivo por vezes é tratado na literatura como análogo a psicopatológico, principalmente quando se trata de suas manifestações em idades posteriores.

Green (1998) procura elucidar o conceito de “mente primordial” de W. R. Bion e analisar a transformação dos elementos beta em elementos alfa. Segundo o autor, à primeira vista esse conceito não é tão claro e sua consistência está em se colocar em oposição ao que se denominaria de partes civilizadas do ser humano e se insere como uma presença da ancestralidade, relacionando-se a uma espécie de embriologia imaginária da mente. Na opinião do autor, Bion concorda com Freud em que há uma parte primitiva na mente que não se explica completamente a partir dos primeiros estágios das relações objetais no desenvolvimento do bebê. Também afirma que as marcas na estrutura da mente oriundas da filogênese e da ontogênese têm papel expressivo nos estágios posteriores do desenvolvimento. Acrescenta que os elementos beta são os “elementos mais primitivos da psique”, vinculados às experiências sensoriais, sendo impensáveis e podendo corresponder aos fenômenos que permanecem sob a predominância do princípio do prazer-desprazer. O autor supracitado pondera que “[...] se pode dizer que a mente primordial é constituída de uma atividade psíquica cuja raiz está no corpo, sendo esta já uma forma de pensamento, mas sem pensador” (GREEN, 1998, p. 652), que se expressa por

meio da ação, correspondendo, no ponto de vista bioniano, a evacuação. Portanto, é uma forma de pensamento concreto, que difere do pensamento abstrato, sendo este último desenvolvido por um pensador e podendo ser comunicado a outro pensador. Além dos termos “mente primordial”, “elementos mais primitivos da psique”, o autor faz uso de outras, tais como “atividade mental primitiva”, “atividade psíquica primitiva”, “pensamentos primitivos”, “produtos primitivos da mente”, “representações primitivas”, “forma primitiva de representação (pictograma)”.

Leira (1998) se propõe a expor que a formação da estrutura psíquica no “nível primitivo do desenvolvimento” psíquico verifica-se quando certas condições são atendidas, tomando por base os fenômenos clínicos observados no tratamento de uma criança de quatro anos de idade. A autora também utiliza expressões como “nível psicológico primitivo” e “estrutura psicológica primitiva” onde a noção de primitivo parece estar ligada às condições de funcionamento pré-simbólico, pré-verbal, não integrado e de indiferenciação entre representação de si e de objeto. Também utiliza primitivo, arcaico, precoce e primevo como equivalentes.

De Masi (2000) aborda os diferentes modelos de inconsciente empregados nas diversas teorias e técnicas psicanalíticas, culminando, na opinião do autor, com a diferenciação entre inconsciente dinâmico e inconsciente emocional, a partir do que se centra nas consequências disso para a compreensão da psicose. A certa altura do texto o autor menciona a ideia de “conteúdos arcaicos, primitivos”, existentes na mente. Parece haver uma equivalência de significado entre os termos primitivo e arcaico.

Fonagy e Target (2000) têm como objetivo contribuir para a compreensão de algumas dificuldades em certos pacientes *borderlines* surgidas durante o processo analítico. Partem de ideias apresentadas em artigos anteriores baseadas em uma compreensão da experiência da realidade psíquica que têm tanto a criança normal quanto a neurótica, afirmando a importância dessa perspectiva evolutiva para compreender os conflitos fronteiriços graves em pacientes adultos. Ressaltam que em tais pacientes há uma inadequada integração entre os “modos primitivos de vivenciar a realidade psíquica”, que se expressam particularmente pela permanência de um modo indiferenciado de representar a experiência interna e a externa.

Levy e Inderbitzin (2001), ao abordarem os diferentes significados que o conceito de fantasia adquire no emaranhado dos diferentes discursos psicanalíticos, discutem as dificuldades de intercâmbio entre as diferentes perspectivas e recomendam o desenvolvimento de esforços mais consistentes entre as diversas abordagens teóricas para compor com maior consistência a teoria psicanalítica. Nessa discussão, os autores afirmam que o termo primitivo é utilizado muitas vezes na literatura como expressão de determinada qualidade subjetiva de certos conteúdos da mente. Além disso, acrescentam termos como atividade mental primitiva, pensamento primitivo, experiência mental primitiva, em que o adjetivo “primitivo” é empregado pelos autores como equivalente a arcaico, pré-verbal, precoce, inicial.

Willoughby (2001) discute a noção de *claustrum* de Donald Meltzer como um aspecto da contenção patológica dentro do espaço interior, bem como sua relação com os conceitos de continente e contido de Wilfred R. Bion; analisa as suas manifestações no desenvolvimento e na psicopatologia, particularmente o medo, a separação, o luto e a claustrofobia. A certa altura de suas argumentações, o autor, baseado nas formulações de Bion, faz referência à identificação projetiva como um modelo de “pensamento primitivo”, bem como destaca o crescente interesse da psicanálise americana pelos “estados primitivos da mente”. A ideia do que seja esse “primitivo” no discurso do autor parece ser uma alusão aos processos e estados característicos do início do desenvolvimento psíquico que se estendem particularmente pelo primeiro ano de vida e permanecem como constituintes da personalidade.

Mitrani (2001), partindo das proposições de Wilfred R. Bion, apresenta um modelo em que busca conceituar o processo de estabelecimento de um “objeto continente” na mente do analisando durante o processo analítico. Refere-se aos “estados mentais primitivos” que se exprimem pelas “vivências primitivas”, seja no início do desenvolvimento mental, seja quando reativados posteriormente no decorrer da vida. Tais “vivências primitivas” são consideradas pela autora como aquelas “infantis”, “não mentalizadas”, que são exemplificadas pela autora por meio de vinhetas clínicas, como, por exemplo, as vivências de desamparo, de terror e perda. A autora esclarece que, ao tratar desses “estados” e “vivências”, não está necessariamente se reportando a concepções de estágios ou fases lineares do desenvolvimento, mas à existência de ciclos dinâmicos que podem ser

detectados em determinados momentos de uma análise ou na vida em geral, em função de sua reativação.

Lombardi (2002a) investiga algumas hipóteses psicanalíticas sobre os “estados mentais primitivos” e os resultados que decorrem desta compreensão no trabalho clínico em relação à corporeidade, particularmente à relação do analisando com seu próprio corpo e sua capacidade de circular pelos diferentes níveis de elaboração mental. O autor centra sua discussão nas teorizações de Armando B. Ferrari sobre a relação mente-corpo e seu conceito de objeto originário concreto, comparando-as com os trabalhos de outros autores. Lombardi parece utilizar os termos “estados mentais primitivos” e “aspectos mais arcaicos [ou primitivos] do funcionamento mental” como algo que remete às origens da vida afetiva e ao nascimento do pensamento, com destaque para as fases iniciais do desenvolvimento individual e as primeiras organizações do psiquismo. Ressalta que nos “estados mentais primitivos” a centralidade do corpo e suas funções é fundamental, tendo em vista a proposição de um nível sensorial pré-simbólico (posição autista-contígua, de Thomas Ogden) que é anterior ou pode coexistir com as posições esquizoparanoide e depressiva. Acrescenta que Ferrari contribuiu para a discussão de diversas manifestações que precedem as formas mais estruturadas do pensamento, com destaque para o “mundo sensorial primitivo”. O autor parece fazer uso dos qualificativos primitivo, arcaico e originário como similares.

Werbart (2002) faz uma análise crítica de trabalhos anteriores de Paola Capozzi e de Franco De Masi sobre o significado dos sonhos nos estados psicóticos. Utiliza em sua discussão vocábulos como “estados mentais primitivos”, “estados primitivos da mente” e “estágios primitivos ou precoces do desenvolvimento psíquico”, pelos quais deixa margem para se entender que há um funcionamento psíquico primitivo que, por um lado, é relativo ao início da constituição do aparelho mental e, por outro, diz respeito à emergência desse funcionamento em vivências atuais como os sonhos.

Lear (2002) faz um ensaio sobre a fantasia e a estrutura emocional, tratando de questões que se relacionam com o modo pelo qual as fantasias operam e como estas afetam a vida emocional em geral do indivíduo. Dentro dos propósitos da presente investigação, do texto do autor é possível resgatar sua afirmação de que a identificação projetiva é uma atividade mental básica que

deve ser compreendida como um “primitivo psicológico”, como um “elemento explicativo de nível primitivo”, como um entre outros “fenômenos mentais primitivos”. A ideia vinculada à noção de “primitivo” diz respeito aos fenômenos descritos por Melanie Klein referentes principalmente à posição esquizoparanoide, que remete tanto ao momento inicial do desenvolvimento no primeiro ano de vida quanto ao que se constituiu como parte estruturante da personalidade, podendo ser sempre atual e não apenas algo remoto.

Lawrence (2002), em seu artigo, parte da constatação de que os pacientes anoréxicos são predominantemente mulheres, e sugere que pode haver em determinadas formas de feminilidade alguma especificidade que predispõe a ansiedades de intrusão, que são características desse quadro clínico. Em suas argumentações aparece a afirmação de que as equações simbólicas, conceito proposto por Hanna Segal seguindo as teorizações kleinianas, são “formas primitivas de pensamento”.

Lombardi (2003a) propõe que a utilização de modelos mentais e registros de linguagem no transcórre de uma análise, particularmente nos casos de psicose, pode ajudar no sentido de que o paciente amplie as possibilidades das funções do conhecimento e a contenção das emoções onde antes não havia um espaço mental suficientemente desenvolvido. Baseando-se em Bion, o autor afirma que os modelos são “aproximações primitivas” relacionadas à abstração e a manifestações da capacidade de *rêverie* do analista que lhe permitem transformar os dados sensoriais em elementos alfa.

Tarantelli (2003) apresenta uma fenomenologia e uma metapsicologia dos efeitos do trauma psíquico catastrófico sobre a mente, diante do qual há a experiência de “aflição infinita”. Tal condição determina uma ruptura radical no ser, desarticulando o psiquismo, e o lança aos “níveis mais primitivos de funcionamento do psiquismo”. Baseando-se em René A. Spitz e Eugenio Gaddini, a autora comenta que a “atividade mental primitiva” se organiza por processos intrinsecamente elementares no período que se segue ao nascimento. Assim consolidam-se “níveis primitivos de funcionamento psíquico”, em que nos “estados mais primitivos de atividade mental” a organização psíquica básica funciona como se fosse magicamente autossuficiente, prevalecendo o contato com as sensações e o funcionamento corporal, formando-se um ego primitivo, ou autossensual, conforme referência da autora a Francis Tustin.

Bergstein (2003) busca explicar o interjogo entre as posições esquizoparanoide e depressiva, juntamente com os “estados mentais primitivos” como aqueles que aparecem nas experiências de intensas ansiedades relativas à fragmentação, à desintegração e ao terror sem nome. Tais ansiedades são examinadas em relação ao que é denominado de violência gratuita, não provocada, utilizando-se o autor da ópera *Rigoletto* de Verdi para demonstrar as articulações de seus pontos de vista. O autor estabelece uma relação entre os “estados primitivos da mente” e as experiências não mentalizadas, este último um conceito elaborado por Judith L. Mitrani. Também relaciona os “estados mentais primitivos” com os conceitos de posição autista-contígua (Thomas H. Ogden), de identificação adesiva (Esther Bick e Donald Meltzer), de ego-pele (Didier Anzieu), além das contribuições de Francis Tustin e outros. Segundo o autor, tais estados podem ser “[...] caracterizados pela atribuição de significados a experiência pela formação de ligações pré-simbólicas entre percepções dos dados sensoriais brutos que venham a constituir superfícies ligadas, em que origina as experiências do *self*” (p. 1299). Ainda aparecem, no decorrer da discussão sobre *Rigoletto*, outras expressões como “organização mental mais primitiva”, “funcionamento mental primitivo”, “áreas mentais primitivas da mente”, “modo mais primitivo da experiência” e “funcionamento mais primitivo”.

Lombardi (2003b) considera o tempo como objeto de elaboração no decorrer do processo analítico de pacientes nos quais o funcionamento psíquico manifesta de modo evidente “aspectos primitivos”, e apresenta algumas hipóteses acerca do tempo e os diversos níveis de profundidade da mente. No decorrer do artigo o autor utiliza com frequência a expressão “estados mentais primitivos”, além de “níveis primitivos do funcionamento mental”, que se relacionam estreitamente com processos somáticos, priorizando aspectos da sensorialidade, cujos elementos exprimem-se de modo caótico e indiferenciado, com fortes conotações de concretude.

De Masi (2004), baseando-se em considerações das neurociências e da psicanálise, procura explicar o padrão repetitivo do ataque de pânico, dando destaque ao estabelecimento de uma espécie de curto-circuito psicossomático entre o corpo e o psiquismo, em que o terror reforçaria as reações somáticas bem como a correspondente construção psíquica. Todo esse processo do ataque de pânico, na opinião do autor, seria consequência da falência da organização

defensiva em diferentes níveis. No percurso de suas argumentações o autor considera a posição esquizoparanoide como um “estágio primitivo” do funcionamento mental.

Cartwright (2005), partindo da análise da trilogia cinematográfica *The Matrix*, procura ilustrar de que modo a narrativa apresentada nos três filmes pode ser entendida como uma representação dos constantes dilemas entre as partes psicótica e não psicótica da personalidade, particularmente no que concerne à deturpação da realidade que ameaça quando a parte psicótica domina. O autor utiliza a expressão “atividade mental primitiva” associando-a ao funcionamento característico da parte psicótica da personalidade. Destaca que os elementos beta são “elementos primitivos”, básicos, e que uma “forma primitiva de atividade mental” apresenta-se essencialmente com elemento não verbal.

Scalzone (2005) pretende estabelecer um diálogo entre a psicanálise e as neurociências, bem como reflete sobre as investigações neurofisiológicas mais recentes, que parecem oferecer a possibilidade de se falar em correlação entre certas descobertas anatomofisiológicas e alguns fenômenos e mecanismos psíquicos. Em certa altura do texto o autor cita Eugenio Gaddini, de quem utiliza a expressão “atividade psíquica primitiva” para se referir às condições do funcionamento do aparelho mental no início da vida do bebê, predominando aspectos sensoriais, a função alucinatória, a fantasia fusional e da não discriminação entre sujeito e objeto, que somente se consolida gradativamente.

Korbivcher (2005a¹) desenvolve considerações a respeito dos métodos de observação dos fenômenos mentais a partir da teoria das transformações de Wilfred R. Bion, bem como sobre a investigação de “estados mentais primitivos”, particularmente os chamados estados autistas de pacientes neuróticos propostos por Francis Tustin. Nessas considerações a autora faz uso dos termos “estados mentais primitivos” e “estados protomentais” como equivalentes, referindo-se inclusive ao “grau de primitivismo do fenômeno mental”. Desse modo, acrescenta que os fenômenos protomentais apresentam um grau de primitivismo que

[...] os impede de serem representados na mente, o que os torna imunes à transformação. No entanto, é possível supor que qualquer manifestação, mesmo em um nível protomental, bem como a sua apreensão, seria uma transformação, pois não temos acesso à

¹ Este texto é uma publicação com algumas pequenas modificações de um artigo publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 5, n. 4, p. 935-958, 2001. Ambos têm o mesmo título.

experiência em si, por mais primitiva que possa ser (KORBIVCHER, 2005, p. 1606).

A autora supracitada acrescenta que os estados protomentais causam intensas e profundas reações no observador, em função do seu “grau de primitivismo”.

6.3 Apreensão de elementos significativos

A partir dos autores e textos indicados nessa parte, é possível esboçar uma tentativa de compreensão acerca da mente primitiva tendo-se como suporte alguns elementos que sobressaem nas argumentações apresentadas acima.

Há indicações de que a mente primitiva está intimamente relacionada com o processo primário do funcionamento mental (ALLEGRO, 1993; SHENGOLD, 1993), evidenciando-se a predominância do princípio do prazer (LOMBARDI, 2004).

Também surgiram indicações de que a mente primitiva refere-se ao funcionamento mental característico dos primeiros meses de vida do bebê, desde a sua centralização nos processos corporais a partir dos quais se originam os desenvolvimentos que constituem o psiquismo (HAYMAN, 1993; LUSSIER, 2000; SHENGOLD, 1993).

Destacam-se igualmente as afirmações de que a mente primitiva e seu funcionamento não somente dizem respeito ao início, ao estágio inicial, mas se consolidam como parte constituinte do psiquismo, permanecendo atuantes e dinamicamente integrados aos desenvolvimentos posteriores (FERRARO, 2003; LOMBARDI, 2004; LUSSIER, 2000). Desse modo, os autores parecem concordar com a afirmação freudiana de que a mente primitiva é imperecível, de modo que a ontogênese repete a filogênese.

É possível identificar alguns aspectos que caracterizam a mente primitiva, que seriam o nível concreto de funcionamento e predominância da sensorialidade (LOMBARDI, 2004), a indiferenciação (ALLEGRO, 1990; SHENGOLD, 1993), a ambiguidade e o sincretismo (ALLEGRO, 1990), os aspectos narcísicos e pré-edípicos (FERRARO, 2003), o estado caótico (SHENGOLD, 1993) e a falta de

discriminação eu-outro (ALLEGRO, 1990). O conceito bioniano de parte psicótica da personalidade também é associado aos níveis mais primitivos da mente (ALLEGRO, 1990; CAPER, 1994).

Há ainda comparações por oposição de níveis de funcionamento psíquico, evidenciando o enfoque processual evolutivo que parte, por exemplo: do processo primário característico da mente primitiva para o processo secundário como um nível mais sofisticado do funcionamento mental (ALLEGRO, 1990; SHENGOLD, 1993); dos processos corporais para os processos psíquicos e a simbolização (HAYMAN, 1993); de uma parte infantil para uma parte adulta do funcionamento psíquico (FERRARO, 2003); do primitivo para o avançado; e da concretude para a abstração (LOMBARDI, 2004).

Com relação aos termos congêneres, os autores e textos consultados nessa parte evidenciam elementos que auxiliam na compreensão do tema em questão e de certo modo confirmam o que foi identificado como se referindo à mente primitiva, apresentado logo acima.

Utilizando expressões como 'ordem mental primitiva', 'natureza primitiva dos processos psíquicos' ou "modos mais primitivos de funcionamento mental", os autores reafirmam que prevalece o processo primário como a forma primitiva de lidar com a realidade, sendo o modo de funcionamento característico das estruturas psíquicas precoces (CAVELL, 1991; LE COULTRE, 1993; SANDLER; SANDLER, 1994). Se o processo primário prevalece nessas condições, também sobressai o predomínio do princípio do prazer-desprazer (GREEN, 1998; LIKIERMAN, 1993).

Outro dado que é possível deduzir, direta ou indiretamente, a partir da discussão dos autores quando fazem uso de termos congêneres é que dizem respeito ao funcionamento psíquico característico dos primeiros meses de vida do bebê ou do primeiro ano de vida, à constituição do psiquismo no seu estágio inicial, ao início do funcionamento mental e às vivências precoces desse período (CAPER, 1998; COHEN; JAY, 1996; DE MASI, 2004; JAY, 1996; DUNN, 1993; FELDMAN, 1997; GREEN, 1998; HAYMAN, 1994; KERZ-RUUHLING, 1996; LEAR, 2000; LIKIERMAN, 1993; LOMBARDI, 2002; MARIOTTI, 1993; MITRANI, 1993, 2001; SCALZONE, 2005; STEIN, 1990; TARANTELLI, 2003; TAYLOR, 1993; WEBART, 2002; WILLIAMS, 1998; WILLOUGHBY, 2001).

Embora as noções que agregam o adjetivo “primitivo”, conforme acima, indiquem o início do desenvolvimento psíquico do indivíduo, os autores igualmente destacam outra perspectiva inerente à questão que se discute aqui. Trata-se de que aquilo que se pode denominar de “aparelho psíquico primitivo” “estados primitivos da mente”, “eventos psíquicos primitivos”, “formas primitivas de expressão psíquica”, “atividade mental primitiva”, entre outros termos, não se restringe a uma etapa inicial da vida, ao período inicial do desenvolvimento psíquico.

Nessa perspectiva, o que foi vivenciado nesse processo de constituição da mente, do psiquismo, mantém-se como parte da estruturação subjetiva do indivíduo, permanece como constituinte da personalidade, com a coexistência de funções primitivas com as outras funções que se desenvolvem a partir das primeiras e se manifestam nos momentos posteriores ao primeiro ano de vida (BOYER, 1992; COHEN; JAY, 1996; DUNN, 1993; FELDMAN, 1997; FONAGY; TARGET, 1996, 2000; GREEN, 1998; HAYMAN, 1994; KERZ-RÜHLING, 1996; LEAR, 2000; MARIOTTI, 1993; MITRANI, 1993, 2001; SANDLER; SANDLER, 1994; TAYLOR, 1993; WERBART, 2002; WILLIAMS, 1998; WILLOUGHBY, 2001).

O que foi vivenciado nesse nível pode ser reativado (TAYLOR, 1993) não mais como algo simplesmente do passado, mas como algo que se faz atual (MITRANI, 1993), que se mantém atuante no inconsciente por toda a vida (HAYMAN, 1994). Torna-se presente não só como repetição, embora por vezes possa sê-lo, mas leva em conta o propósito de lidar com o que foi suscitado e com a vivência atual na intersecção com a realidade exterior (FELDMAN, 1997). Pode manifestar-se de modo “normal” ou psicopatológico (ALVAREZ DE TOLEDO, 1996; WILLIAMS, 1998), por exemplo, nos sonhos (WEBART, 2002), na transferência que o encontro analítico favorece (FELDMAN, 1997) e na vida em geral (MITRANI, 2001); ou ainda nos sintomas, quando não tiver ocorrido uma adequada integração desses “modos primitivos” de vivenciar a realidade psíquica (FONAGY; TARGET, 1996), sendo citado porque os autores tinham como objetivo discutir tais quadros, os pacientes *borderlines* (FONAGY, TARGET, 2000), pacientes anoréxicos (LAWRENCE, 2002) e os casos de psicose (LOMBARDI, 2003).

Se permanece como parte estruturante da personalidade (LEAR, 2000) de cada indivíduo, o estado primitivo não perece em função dos períodos e dos processos de desenvolvimento posteriores. Ao contrário, esse estado torna-se imperecível – para utilizarmos novamente a expressão freudiana –, pois, nessa condição no indivíduo há o reflexo das marcas oriundas não somente da ontogênese, mas, além disso, da filogênese, indicando a presença da ancestralidade (GREEN, 1998), da constituição do psiquismo no início do funcionamento mental da espécie (DUNN, 1993)

Algumas características desse funcionamento são a concretude (ALVAREZ DE TOLEDO, 1996; BOYER, 1992; GREEN, 1998; LOMBARDI, 2003b), o predomínio de um nível sensório-motor de vivenciar a experiência (TAYLOR, 1993), a importância da sensorialidade e da centralidade do corpo e suas funções (BERGSTEIN, 2003; LOMBARDI, 2002, 2003b; SCALZONE, 2005; TARANTELLI, 2003), os estados protomentais (KORBIVCHER, 2005) e os elementos beta, que são os mais primitivos e básicos da psique, vinculados às experiências sensoriais (CARTWRIGHT, 2005; GREEN, 1998), as fantasias de fusão corporal (COHEN; JAY, 1996; SCALZONE, 2005), a onipotência e a idealização (LIKIERMAN, 1993; TARANTELLI, 2003), os impulsos caóticos e as emoções incipientes (TAYLOR, 1993), os intensos processos projetivos, introjetivos (FELDMAN, 1997) e de identificação projetiva (LEAR, 2002); os elementos se exprimem de modo caótico (LOMBARDI, 2003b); o funcionamento é mágico e alucinatório (TARANTELLI, 2003; SCALZONE, 2005), pré-simbólico (BERGSTEIN, 2003; LEIRA, 1998; LOMBARDI, 2002), pré-verbal (LEIRA, 1998), não verbal (CARTWRIGHT, 2005), não integrado (LEIRA, 1998); há indiferenciação (LOMBARDI, 2003b); não há distinção entre o sujeito e o objeto (LEIRA, 1998; SCALZONE, 2005), entre o interno e o externo (FONAGY, TARGET, 2000).

Outro aspecto que parece valer a pena destacar diz respeito à existência de evidências de que certos termos são utilizados pelos autores como supostamente equivalentes, entre eles: primitivo, arcaico, precoce, primário, inicial, primevo e originário.

7 A REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (1990-2005)

Serão apresentados, a seguir, os artigos selecionados da Revista Brasileira de Psicanálise editada no período de 1990 a 2005 nos quais, conforme proposto nesta investigação, constam a expressão “mente primitiva” e outros termos congêneres, como estados mentais (psíquicos) primitivos, estados primitivos da mente (psique), áreas primitivas da mente, atividade mental (psíquica) primitiva, além de outras, que se desdobram em inúmeras variações.

7.1 A mente primitiva

O primeiro texto selecionado foi o de Mello (1992) ao fazer uma reflexão acerca da dimensão mítica na psicanálise brasileira, no qual aparece a “mente primitiva” relacionada ao mundo arcaico do indivíduo. O termo remete ao processo primário do funcionamento mental proposto por S. Freud, que a autora considera muito próximo do que W. R. Bion descreveu como funcionamento protomental, “[...] no qual as emoções primitivas de um grupo (‘suposto-básico’) encontram-se profundamente associadas e onde não há distinção entre o que é psíquico e o que é físico, nem entre a mente individual e a coletiva” (p. 34).

Longman (1994) aborda o tema dos “estágios primitivos da mente” aludindo inicialmente a uma conexão entre o funcionamento mental observado na primeira infância e a natureza psíquica do homem primordial referida por S. Freud, que indica a presença do primitivo no homem de todos os tempos. Considera que o modo de tratar a “mente primitiva” a partir de sua constituição e manifestação na infância é o mais frequente; contudo privilegia o vértice a partir do qual a “mente primitiva” configura-se como de natureza psíquica primordial, em consequência intrínseca da herança filogenética, que é individualmente realizada, “[...] assumindo uma configuração pessoal entre todas as possíveis configurações [...]” (p. 257) que se formam a partir do processo a-histórico e dinâmico que caracteriza a natureza constitutiva do funcionamento inconsciente.

Braga (1995) apresenta reflexões sobre a identidade do psicanalista e seus limites, discutindo em certo momento que a compreensão do analista, construída a partir de determinado fenômeno clínico, é dependente do modelo de mente subjacente a sua postura, que o coloca em contato com elementos da mente simbólica e da mente primitiva. Referir-se a “mente simbólica” e a “mente primitiva” parece evidenciar modos distintos de funcionamento psíquico: o simbólico e o pré-simbólico.

Braga, M. C. (1996) propõe reflexões a propósito do trabalho com pais de crianças e adolescentes segundo o referencial psicanalítico. A partir de uma descrição clínica, a autora cita a expressão “mente primitiva” exemplificando como próprios do seu funcionamento a rivalidade, a inveja e o ciúme, que são conteúdos protomentais. Também ressalta que todos nós, seres humanos, temos um funcionamento típico da “mente primitiva”.

Montagna (1996) debate questões concernentes à manifestação de fenômenos psicossomáticos durante a sessão de análise partindo de um material clínico. Ao tecer seus comentários acerca da relação entre corpo e símbolo, faz uma citação indireta de Eugenio Gaddini, afirmando que

a mente primitiva é incapaz de distinguir entre a repetição de uma experiência de sua reativação mental pela memória. Para a mente primitiva, reativar uma experiência depositada na memória significa sua ‘recriação’ onipotente. [...].

Rezze (1997) faz um rastreamento do conceito de transferência, estabelecendo como campo estudado as teorias de S. Freud, M. Klein e W. R. Bion. Na pesquisa destaca a experiência clínica e amplia particularmente a importância das transformações em alucinação. O autor cita a “mente primitiva” considerando que nas relações nela desenvolvidas predominam a cisão, a identificação projetiva e a introjetiva. Mais à frente reafirma que, para Melanie Klein, a “mente primitiva” é a área da cisão e mecanismos correlatos, ponderando que as teorias e as práticas kleinianas criam uma espécie de modelo no qual a “mente primitiva” progressivamente adquire espaço para se expandir.

Mattos (1998) ressalta que as perversões seriam distúrbios do pensamento e que as teorias de W. R. Bion seriam essenciais para a compreensão dos estados perversos. Situa as perversões entre os distúrbios primitivos do pensamento. Citando Claude Lévi-Strauss, postula que na mente primitiva do ser

humano há duas teorias sobre o nascimento: a autóctone (autogerada) e a genital (concebido por uma relação sexual entre os pais).

Signorini (1999) analisa o fenômeno da premonição, tido como uma noção bioniana que, no plano emocional, corresponderia as pré-concepções no campo das ideias. Dando ênfase às contribuições de W. R. Bion com suas proposições de um modelo de funcionamento mental, o autor afirma que as teorizações de Melanie Klein sobre a “mente primitiva” abriram esse caminho que culminou com a possibilidade de se ter um enfoque analítico em relação àquilo que ainda não atingiu uma formação simbólica, existindo apenas como potencialidade em um nível protomental.

Korbivcher (1999) versa sobre a relação entre “mente primitiva”, pensamento e experiência analítica utilizando material oriundo de três casos clínicos que, embora apresentem níveis diferentes de organização mental, manifestam características relativas à “mente primitiva”: a concretude, a fragmentação, a experiência do vazio, a incapacidade de pensar pensamento, o estado de não integração, a indiscriminação, o predomínio dos elementos beta, o físico e o mental indiscriminados e os dados organizados formando conexões pré-simbólicas entre as impressões sensoriais. A autora enfatiza em sua análise os “estados primitivos da mente”, termo equivalente aos estados protomentais, e faz referência às teorias acerca da “mente primitiva” propostas por Thomas H. Ogden, Esther Bick, Donald Meltzer, Francis Tustin e Melanie Klein.

Ao resenhar o livro *Pós-autismo: uma narrativa psicanalítica* de Marisa Pelella Mélega, Braga (2000) afirma que a teoria kleiniana propõe um modo de compreender a mente primitiva.

Também ao resenhar o livro *Bion conhecido/desconhecido*, de Elizabeth T. de Bianchedi e colaboradores, Lisondo (2001), quando discute a questão do desenvolvimento simbólico como resultado do confronto com o sofrimento, refere-se à mente primitiva como sendo a área onde o que predomina é o despojamento do significado e da emoção, a desmentalização, o não pensar, a onipotência e o ódio à verdade, e afirma que, no confronto com a mente evoluída, provoca nesta a exclusão das conquistas simbólicas mediante o estabelecimento de uma relação parasitária.

Holovko (2002) levanta questões acerca das manifestações somatopsíquicas a partir de um caso clínico, argumentando que algumas

manifestações somáticas do paciente podem indicar a ocorrência de um processo transformador que gera uma maior integração. Afirma que as manifestações psicossomáticas são decorrentes do funcionamento da “mente primitiva” por esta ter a tendência de se livrar do aumento de estímulos, de romper com as funções que permitem o contato e a experiência com os fatos que favorecem o pensamento psíquico, ativando o sistema protomental.

Marques, M. (2004) constrói considerações no intuito de abordar o conceito de perversão, que entende como sendo complexo e intrincado. Nesse percurso o autor assegura que a concepção bioniana de “mente primitiva” é que, ao se defrontar com a intolerância, a frustração, a incerteza e a ausência de objeto, estabelece uma relação parasitária com a mente evoluída. Nessa condição, a “mente primitiva” espolia a mente evoluída de suas conquistas no processo de simbolização e a põe a serviço da onipotência, da violência e da mentira.

Valladares (2005) ressalta as relações primitivas estruturantes da personalidade como elementos cruciais para a compreensão dos quadros *borderlines*, utilizando-se de vinhetas clínicas. Reafirma a importância da noção freudiana de neurose infantil para o entendimento das patologias na vida adulta, bem como a contribuição kleiniana que investigou aspectos muito precoces em crianças muito pequenas e até em bebês. Segundo a autora, é a partir desse arcabouço que outros autores, como Bion, Winnicott e tantos outros, contribuíram de modo inovador e valioso para a ampliação da teoria psicanalítica, principalmente no que tange à compreensão do desenvolvimento da “mente primitiva”. Desse modo, a noção de mente primitiva parece se relacionar com os processos iniciais do desenvolvimento do psiquismo.

Korbivcher (2005b) analisa os processos que acontecem na mente do analista quando enfrenta situações que lhe causam impacto por serem manifestações da “mente primitiva”. A autora relaciona tais manifestações com estados autísticos, impossibilidade de representação mental e predomínio de sensações. Relembrando trabalhos anteriores seus, acrescenta a importância e necessidade de que sejam discriminados diferentes níveis de desenvolvimento mental na “mente primitiva”, pois é isso que permite sua manifestação em indivíduos com níveis diferentes de organização mental, e ao analista, adequar sua abordagem ao nível do funcionamento do paciente. Em sua opinião, a área de investigação da “mente primitiva” é sem limites.

7.2 Os termos congêneres

Perecmanis (1990), ao analisar o sonho de uma paciente, aponta como os aspectos mais tenros e primitivos para lidar com a ativação de altos níveis de ansiedade e angústia, aqueles ligados ao intenso uso dos mecanismos de cisão e projeção, à busca por gratificação onipotente, à idealização, ao controle mágico e à inveja. Nesse texto o termo “primitivo” alude ao precoce, ao inicial, ao que ocorre nas primeiras etapas do desenvolvimento.

Steiner (1990) refere-se a áreas primitivas da mente como aquelas em que predominam “[...] as experiências pré-verbais e não verbais relacionadas sobretudo com os estágios mais arcaicos do complexo de Édipo e da experiência oral” (p. 78).

Caldeira (1990) pondera que os desenvolvimentos teóricos e técnicos trazidos por Melanie Klein abriram caminho para a expansão do conhecimento a respeito dos estados primitivos da mente.

Harris (1990) alude a um estado primitivo de não integração no qual o bebê tem a necessidade de que um objeto exerça a função de conter, unidas, as partes da personalidade. Dependendo de como é exercida essa função continente, o objeto poderá ser introjetado pelo bebê de modo integrado, como também a partir disso introjetará igualmente a função integradora.

Zanin (1990a) menciona estados primitivos que são vinculados a objetos internos arcaicos. O autor cita como alguns exemplos desses estados o afloramento de angústias de perda, separação, desamparo, abandono, fantasias destrutivas, depressão e persecutoriedade, além de outras. Estes são citados pelo autor tendo em vista que sua discussão nesse ponto se centra no analista quando este se sente invadido por elementos psicóticos do paciente, podendo reviver suas próprias experiências precoces, em momentos de interrupção da análise por parte do analisando. Aqui é preciso indicar que também foi consultada a versão reformulada deste artigo (ZANIN, 1990b), pois, segundo o autor, a primeira versão continha inúmeras incorreções, que modificavam o sentido

original do texto. Outra observação é que o autor utiliza o termo “primitivo” como equivalente a primário, arcaico e precoce.

Fonagy e Moran (1990) comentam a conveniência de o trabalho analítico com crianças pequenas favorecer a observação do funcionamento mental primitivo em seu processo de evolução do funcionamento psicológico.

Bianchedi (1990) entende a transferência “[...]” como a ampla e sempre presente externalização do infantil e primitivo do mundo interno na relação com o analista. A transferência é usada para reviver e elaborar as situações de ansiedade prematuras ativas ou reativadas” (p. 363). Entende-se então que há no mundo mental um infantil e um primitivo, que remetem a vivências no início do desenvolvimento psíquico e à revivência de algo que é constituinte do psiquismo.

Souza (1990) cita um caso clínico em que aspectos de uma vida mental muito primitiva coexistem com outros muito desenvolvidos. A autora faz menção particularmente à existência de estados e fenômenos autísticos, simbiose e estados psicóticos.

Calife (1991), partindo de um caso clínico, cita os aspectos primitivos da mente que se faziam presentes nos encontros analíticos, expressos na sensação de aniquilamento, na tendência à simbiose, na concretude, no narcisismo e na onipotência.

Sandler (1991) cita a expressão “condições primitivas da mente” para referir-se a um estado de mente que se destaca pelo primitivismo, pela “concretificação”, sendo alguns de seus aspectos os núcleos psicóticos, o sensorio-concreto, a equação simbólica e o protomental. Refere-se ao “primitivismo psíquico”, cujas manifestações peculiares são a “concretificação” e a sensorialização submetidas ao princípio do prazer-desprazer, à busca de soluções alucinatórias e à onipotência.

Andrade (1991), fundamentando-se em S. Freud, refere-se a uma forma primitiva de atividade mental relacionada ao fator instintivo, que seria o núcleo do inconsciente.

Lacombe (1991) comenta que na clínica psicanalítica, sob certas condições, as formas mais primitivas do funcionamento mental eclodem de movimentos regressivos.

Lisondo (1992) refere-se aos estados primitivos do desenvolvimento do psiquismo como associados ao mundo primitivo infantil, aos vínculos iniciais, ao contexto pré-genital, à onipotência e às ansiedades primitivas.

Braga (1992) faz menção ao funcionamento psíquico mais primitivo que a psicanálise se incumba de investigar.

Mello (1992) cita um nível mais primitivo do funcionamento mental: o protomental na concepção bioniana ou o do processo primário conforme Freud, que não se dissipa com o desenvolvimento do processo secundário.

Bunemer (1993) faz alusão a um “estado psíquico da infância primitiva”, onde predominam as experiências narcísicas, a indiferenciação, a não integração, a idealização e a onipotência. O autor também menciona “estados de mente muito primitivos” considerando-os como não verbais e pré-verbais, e utiliza a expressão “organização mental primitiva” como relativa aos processos e vivências do início da construção do psiquismo, envolvendo as relações primárias.

Cypel (1993), em uma nota, cita que fenômenos mentais primitivos fazem parte tanto da fase arcaica do desenvolvimento quanto da vida psíquica posterior.

Haudenschild (1993) refere-se aos níveis primitivos de desenvolvimento e de estruturação psíquica relacionando-os às etapas iniciais do desenvolvimento psíquico.

Franco Filho (1994) faz referência a aspectos muito primitivos que se podem inferir, por exemplo, de experiências subjetivas e suas fantasias de persecutoriedade, de intensa idealização, de onipotência, de processos narcisistas e simbióticos.

Green (1994), partindo de concepções bionianas, menciona o pensamento concreto como um estado primitivo da psique.

Likierman (1994), comentando posicionamentos de S. Freud e H. Segal sobre a sublimação e a experiência estética, afirma que ambas as teorias supõem a existência de um estado mental primitivo, a partir do qual se desenvolveria até atingir outro estado mais evoluído. Cita a existência de uma vida mental primitiva que, por um lado, remete aos estágios iniciais do desenvolvimento e, por outro, às condições psíquicas que permanecem, atuantes ou não, na vida mental em geral.

Em sua resenha do livro “Mito e psicanálise”, de D. Azoubel Neto, publicado em 1993, Cord (1994) faz referência a formas primitivas de pensamento

persistentes no homem civilizado que são consideradas fundamentais e imprescindíveis ao funcionamento e equilíbrio da mente.

Leão (1994) indica sua preocupação com o modo pelo qual seria possível atingir os níveis mais primitivos da psique humana.

Korbivcher (1995) conjectura que, de acordo com Melanie Klein, a observação dos “estados mentais primitivos” vivenciados no contexto do *setting* analítico são de suma importância. A autora cita a existência de um “mundo interno primitivo”, que pôde ser representado pela sua analisanda no decorrer do processo analítico.

Braga (1995) comenta que algumas contribuições de Freud e, mais acentuadamente, de Melanie Klein, possibilitaram ampliar a investigação psicanalítica para o campo dos “fenômenos mentais primitivos”, pré-simbólicos, com peculiaridades dos desdobramentos da sensorialidade.

Riolo (1995) comenta que os símbolos, particularmente os oníricos, representam uma forma de pensamento primitiva que professa o modo de funcionamento do processo primário.

Shuttleworth (1995) assevera que existe no bebê uma forma primitiva de atividade mental, vivenciada como um processo físico concreto, num estágio pré-simbólico.

Faria (1995) cita o modo mental primitivo, relacionando-o a características pré-simbólicas, ao funcionamento em processo primário, à fragmentação, ao caos primevo e à parte psicótica da personalidade.

Vilete (1995) faz referência a níveis profundos e primitivos da mente, um nível primitivo e infantil, em que o processo primário seria dominante não só como existente no início da infância, mas também como aquele que continua a fazer parte do psiquismo e pode ser utilizado para auxiliar nas tentativas de contato emocional.

Vilete (1996) cita a existência de um primitivo estado de fusão com o objeto, que o sujeito repete quando se encontra vivenciando ligações amorosas intensas.

Amati-Mehler (1996), baseando-se nas ideias de Eugenio Gaddini, afirma que níveis primitivos do funcionamento mental existem e interagem concomitantemente com níveis mais amadurecidos no processo de relações objetais, assim permanecendo por toda a vida. Nessa perspectiva, nos níveis

primitivos existem duas áreas: a) área psicossensorial mais primitiva, onde prevalece a fusão e a onipotência, onde o aspecto funcional mais relevante é a imitação para ser o objeto; b) área psico-oral, onde é intrínseca a fantasia de ter, de possuir o objeto. São níveis pré-estruturais e pré-conflituais.

Petrucci (1996) aponta condições muito primitivas da mente que emergem na sessão de análise como relacionadas aos níveis pré-verbais de funcionamento, aos movimentos inerentes à posição esquizoparanoide.

Braga, J. C. (1996), a partir de dois fragmentos clínicos, comenta que seus pacientes vivenciavam estados mentais primitivos aos quais se encontravam fortemente vinculados ainda na idade adulta.

Caron (1996), ao resenhar o livro “Adolescência: reflexões psicanalíticas”, de David Léo Levisky, 1995, comenta a necessidade e a importância de o analista conhecer, apreender e vivenciar os estados mentais primitivos do paciente para que o processo analítico aconteça efetivamente. Em tais estados predominam os aspectos não verbal e pré-verbal, aqueles relacionadas às relações objetais, etc.

Lisondo, Ribeiro, Noto, Souza e Franch (1996), utilizando uma citação de Antonino Ferro, afirmam que na sessão analítica encontram-se presentes estados de espírito muito primitivos, os quais não tiveram acesso à condição de serem pensados.

Marinho (1996), discutindo a noção bioniana de vínculo, refere-se a estados mentais muito primitivos, associados à parte psicótica da personalidade.

Mattos (1996) cita que o bebê busca um estado primitivo de fusão, criando uma condição de fusão com a mãe para se defender da angústia de perceber a separação.

Meurer (1996) designa funcionamento psíquico primitivo como aquele em que os mecanismos de defesa são básicos e primitivos, como a cisão, a projeção, a introjeção e a identificação projetiva. Nele há intensa ambivalência, idealização, tendência à ação e pré-simbolismo.

Fontes (1996) menciona uma forma primitiva de funcionamento mental como expressão de um mundo mental primitivo, no qual o processo alucinatorio é um aspecto normal no desenvolvimento do bebê que evoluirá gradativamente para um modo simbólico; contudo essa forma primitiva de funcionamento mental nunca será substituída plenamente, e, em maior ou menor grau, permanece atuante, sendo útil inclusive na vida adulta, para o exercício da função materna e

do trabalho analítico. Ao fazer referência a um mundo mental primitivo, indica que aspectos de uma vida mental primitiva coexistem com outros mais desenvolvidos.

Haudenschild (1996) refere-se a níveis mais primitivos, que correspondem a níveis pré-verbais.

Montagna (1996), respaldando-se em Bion e Meltzer, comenta que os estados emocionais evoluem a partir dos estados protomentais, em que o físico e o psíquico encontram-se indiferenciados. Ainda que em meio ao processo primário, os estados emocionais diferenciados são processados a partir do ego corporal. Segundo o autor, “isto parece significar que nesse nível primitivo o ego não faz representações das experiências emocionais, mas as constrói como *estados corporais* e reage a elas como estados corporais e ações” (itálicos do autor; p. 468).

Ogden (1996²) afirma que a posição autística-contígua é a organização psicológica mais primitiva. Sendo parte integrante do desenvolvimento normal, ela é anterior às posições esquizoparanoide e depressiva propostas por Melanie Klein. Por vezes o autor se refere a ela como organização psicológica primitiva.

Laufer (1996), em seu trabalho “Realidade psíquica e a menarca”, faz referência à existência de uma realidade psíquica infantil primitiva que permanece atuante no psiquismo para além dos primeiros anos de vida, podendo acarretar profundas dificuldades quando da entrada na puberdade e na adolescência, particularmente em indivíduos com transtornos alimentares.

Aparece também em outro trabalho de Amati-Mehler (1997) a indicação, citando Eugenio Gaddini, de uma área primitiva do funcionamento mental que é comandada por fantasias arcaicas, nomeadas de protofantasias, ligadas a funções corporais e aos níveis onipotentes e fusionais da organização psíquica. As protofantasias são experiências mentais primitivas de funcionamentos físicos associados à alimentação, ao contato de pele, etc., situando-se na fronteira entre os elementos biológicos e os psíquicos. Posteriormente a autora volta a citar a existência de uma área mais primitiva da organização psíquica, caracterizada como pré-estrutural, indiferenciada, regida por um funcionamento onipotente, fusional e mágico. Também retoma a noção de área psicossensorial mais primitiva do funcionamento mental, mencionada acima, ao indicar seu artigo

² Este artigo é uma tradução de outro publicado anteriormente no *International Journal of Psycho-Analysis*, v. 70, n. 1, p. 127-140, 1989. A versão original foi considerada no item 4.2.

anterior (AMATI-MEHLER, 1996), e refere que diferentes níveis primitivos do desenvolvimento da organização psíquica persistem coexistindo e interagindo com os níveis mais amadurecidos.

Giuffrida (1997) comenta que no fenômeno da intuição incide um tipo de comunicação primitiva cujo conteúdo comunicado também é primitivo, ou pelo menos em sua essência faz parte dos aspectos mais primitivos do psiquismo; e mais adiante se refere aos aspectos primitivos da mente como relacionados com a parte psicótica da personalidade, aos elementos beta, as pré-concepções.

Cassorla (1997) afirma que as identificações projetivas têm como uma de suas funções a comunicação de aspectos primitivos que, no contexto do trabalho do autor, estariam referidos às fantasias inconscientes, às ansiedades primitivas, às vivências de indiferenciação, indiscriminação, aos elementos beta, enfim, aos aspectos relacionados às vivências precoces nas fases iniciais de sua constituição.

Costa (1997) refere-se a estratos mais primitivos das vivências de pacientes que devem ser atingidos quando em processo psicanalítico, envolvendo sensações corporais e elementos pré-simbólicos.

Britton (1997), a partir de uma citação de Melanie Klein, reafirma a fantasia como a atividade mental mais primitiva, existindo no psiquismo do bebê desde muito cedo, quase desde o nascimento.

Boyer (1997) faz menção aos estados mentais primitivos como ligados as percepções físicas, emocionais e somatossensoriais, aos modos pré-simbólicos e ao processo primário de funcionamento mental, às experiências autística-contígua e esquizoparanoide

Para Levisky (1997), as relações de objeto parciais, o *self* primitivo, a indiscriminação da relação *self*-objeto e os núcleos aglutinados compõem os estados primitivos da mente. Aponta a vida psíquica primitiva como um amplo conjunto de fenômenos intrincados, de extrema complexidade e profundidade do aparelho psíquico.

Miodownik (1998) menciona camadas mais primitivas da mente, que parecem se relacionar com os aspectos psicóticos da personalidade e com o interjogo das posições esquizoparanoide e depressiva.

Della Nina (1998) aponta para um estado de não integração primitivo, de indiferenciação, que ocorre no início do desenvolvimento psíquico, mas pode ser

revivido em outros momentos do curso de vida do sujeito em função de processos regressivos.

Feldman e De Paola (1998) indicam a existência de um estado psíquico primitivo, em que a indiferenciação entre *self* e objeto é uma característica marcante.

Cassorla (1998) explicita que a captação dos fenômenos emocionais primitivos é uma condição essencial no trabalho analítico, particularmente com os pacientes psicóticos. Segundo o autor, tais fenômenos dizem respeito aos aspectos psicóticos, aos aspectos arcaicos e às vivências primitivas de todo paciente.

Cypel (1998) comenta que a noção bioniana de suposto básico auxilia no esclarecimento de aspectos inerentes ao mundo primitivo de nossa personalidade.

Dantas Júnior (1998) também faz menção às organizações primitivas da mente, atendo-se a discutir os aspectos narcísicos nelas envolvidos, segundo o propósito de seu artigo.

Herrmann (1998) também menciona a expressão vida psíquica primitiva, porém no contexto não fica claro a que se refere, podendo-se, no máximo, supor que diz respeito aos processos inconscientes.

Kaio (1999), na discussão de um relato clínico, menciona a expressão aspectos primitivos da mente, ou aspectos mais primitivos do mundo mental, como a representação de tudo o que ainda não alcançou o nível da representação simbólica. Diz o autor quanto ao trato com sua analisanda:

“[...] a partir de seu primitivo mundo mental com o qual se vinculava, dentro de um contexto emocional primitivo, como contendo ameaças terríficas e povoado de maldições [...] considerei esta experiência como uma tentativa de se superar os mitos da maldição ligada ao desvelamento da pré-concepção filogenética (núcleos primitivos da mente), o mundo fantástico do inconsciente, onde se encontram os nossos tesouros escondidos, o precioso patrimônio psíquico do ser humano” (p. 76).

Esse mesmo autor faz menção ao mundo mental primitivo já no título de seu artigo, e posteriormente o repete relacionando-o com suas percepções a respeito de um caso clínico em que sobressaem os aspectos primitivos da mente, como a concretude, a sensorialidade, a indiscriminação e os elementos protomentais.

Lisondo (1999), utilizando como suporte diversos autores, afirma que existem vários níveis mais primitivos da mente, que se exprimem nos estados protomentais, pré-natal e soma-psicótico, estando pouco diferenciados do aspecto corporal, perduram por todo o desenvolvimento posterior da personalidade, aos quais se agregam os níveis pós-natais, que compõem os aspectos primitivos da mente. Menciona ainda níveis mais primitivos da mente correlacionados aos estados protomentais, os quais são formações arcaicas que persistem na personalidade, e apresenta o psiquismo primitivo como aquele em que não é possível promover as representações mentais das experiências emocionais, vertendo-as, contudo, em estados corporais. Como o domínio dos níveis mais primitivos da mente englobando os estados protomentais, pré-natal e soma-psicótico, onde os aspectos psíquicos estão pouco diferenciados do corpo.

Korbivcher (1999) cita os estados primitivos da mente, ou estados mentais primitivos, como um dos níveis de desenvolvimento mental, estando vinculados aos estados protomentais, aos elementos beta e aos níveis de concretude de funcionamento. A autora cita a contribuição de vários autores que, segundo ela, trouxeram maior compreensão sobre os estados mentais primitivos, inclusive com manifestações anteriores à posição esquizoparanoide. Nesses estados prevalecem os elementos beta, “[...] manifestações em nível protomentais, nas quais o físico e o mental não se discriminam. O poder de tais estados sobre o objeto é considerável, dado o seu grau de não integração” (p.691).

Haudenschild (1999) especifica o funcionamento mental primitivo como relacionado às partes psicóticas da personalidade, conforme a concepção bioniana.

Ribeiro (1999) cita níveis primitivos e psicóticos da mente, que geram intensas identificações projetivas e descargas das emoções, predomínio do funcionamento pré-verbal, da tendência à ação e às somatizações.

Vieira (2000) alude a formas mais primitivas de funcionamento mental, pré-simbólicas, indiferenciadas.

Doin (2000) menciona o primitivismo mental pelo vértice das configurações patológicas

Steiner (2000) cita os estados persecutórios primitivos associados ao desenvolvimento infantil primitivo.

Leal (2000) especifica o psiquismo primitivo como correspondente ao período pré-edípico do desenvolvimento psicosexual, ao narcisismo, ou ainda, como indica em outra parte do artigo, ao desenvolvimento primordial do psiquismo.

Castelo Filho (2001) se refere aos aspectos mais primitivos como sendo de natureza psicótica, vinculados à parte psicótica da personalidade.

Fagundes (2001) comenta que, ao longo do tempo, a psicanálise vem investigando os estados primitivos da mente e tentando ampliar sua compreensão. Para o autor, esses estados estão aquém do nível simbólico, portanto, no nível dos signos, das não representações e do não pensado, que utiliza o corpo como forma de expressão, constituindo os aspectos mais arcaicos e psicóticos do psiquismo, expressos em níveis pré-genitais e fusionais de um funcionamento indiferenciado.

França (2001), discorrendo sobre os progressos na psicanálise, indica como um dos seus movimentos evolutivos os estudos acerca dos estados primitivos da mente.

Korbivcher (2001³) enfatiza seu interesse pelos fenômenos psíquicos referentes aos estados protomentais que predominam nos estados primitivos da mente.

Oliveira (2001), comentando um caso clínico, cita os estados mais primitivos como tendo relação com equações simbólicas, idealização, onipotência, fusão, indiscriminação, objetos parciais e angústias de aniquilamento.

Costa (2001), ao discutir as origens do sentimento de identidade, refere-se à forma mais primitiva de funcionamento mental como sendo representada pela identificação, que também é uma forma primitiva de ligação afetiva, cujo escopo, no princípio, é tornar-se idêntico ao objeto, para depois possuí-lo.

Salim (2001) cita a posição autista-contígua proposta por Thomas H. Ogden como a mais primitiva organização psicológica.

Doin (2002) coloca os aspectos primitivos em oposição aos mais maduros, havendo entre eles um processo gradual de continuidade numa linha evolutiva de progresso. Os primeiros correspondem aos elementos não verbais, pré-

³ Esse artigo foi publicado posteriormente com algumas pequenas alterações no *International Journal of Psycho-Analysis*, v. 86, n. 6, p. 1595-1610, 2005. Nessa versão em inglês o artigo foi considerado no item 6.2 do presente trabalho. Como já se tratou dele anteriormente, a versão em português aqui será apenas indicada.

simbólicos; os segundos, aos elementos simbólicos e verbais. Aponta o psiquismo primitivo, atendo-se aos aspectos intrínsecos dos vínculos primevos do bebê com o objeto primário, com o meio, numa visão evolutiva. O autor também salienta que o psiquismo primitivo se vincula às vivências corporais, protopsíquicas, pré- ou subsimbólicas e pré-verbais.

França (2002) comenta que Melanie Klein ampliou e aprofundou a investigação sobre os aspectos primitivos do psiquismo humano desde a mais tenra idade.

Outeiral e Celeri (2002) ponderam que D. W. Winnicott, ao desenvolver sua teoria sobre os aspectos pré-edípicos e a importância do ambiente no desenvolvimento emocional, contribuiu para a ampliação do conhecimento a respeito dos estados de mente mais primitivos.

Lombardi (2002) comenta que os fenômenos mais primitivos do funcionamento mental exprimem dinâmicas muito arcaicas, “[...] onde o *problema mais urgente* é a fragmentação de uma organização perceptiva interna, que coloca repetidamente em crise o reconhecimento dos fenômenos sensoriais e emocionais [...] (itálicos do autor; p. 241). Tais dinâmicas têm o corpo como o *locus* inicial dos processos que culminam na simbolização dos elementos sensoriais e perceptivos nos quais se funda o funcionamento mental.

Holovko (2002) relaciona um nível muito primitivo de funcionamento psíquico com os fenômenos protomentais.

Miodownik (2003) faz referência aos aspectos primitivos, que emergem na transferência, expressando-se no relacionamento da dupla analista-analisando. Por inferência, tais aspectos podem ser concebidos como ligados às vivências objetais precoces e todo o conjunto de conflitos, angústias e defesas característicos.

Maltz (2003) enfatiza a relação mãe-bebê como impactante, única e primitiva; e é na perspectiva dessa relação paradigmática entre a mãe e seu bebê o que a autora denomina de aspectos primitivos do desenvolvimento. Por isso, destaca como algo prioritário “[...] a busca de compreensão dos aspectos mentais mais primitivos da vida mental nas relações iniciais pais-bebê, mais especialmente, na fase bem inicial na relação com a mãe ou substituta” (p. 642). Alude a camadas primitivas da mente, às quais o observador de bebês pelo método de Esther Bick deve estar atento, tanto a si mesmo, mobilizado pelas

experiências do encontro, quanto ao bebê, que é observado na família e que vivencia suas relações iniciais. A autora cita os estados emocionais primitivos enquanto aqueles que remetem à primitiva relação mãe-bebê, com o impacto emocional e a mobilização de ansiedades que lhe são características, relacionando com o desenvolvimento psíquico precoce e com a sua permanência na estruturação mental adulta.

Doin (2003), partindo de um enfoque que ele denomina de evolutivo, atrela o psiquismo primitivo ao seu desenvolvimento particularmente nos dois primeiros anos de vida, com particular ênfase na relação primária, na maternagem primordial; contudo ele se mantém presente no psiquismo em todas as idades. Seu estudo amplia o conhecimento que torna possíveis intervenções terapêuticas que atingem os estados mais profundos da mente.

Goldstajn (2003) faz menção a personalidades que funcionam predominantemente em áreas primitivas do funcionamento psíquico. Tomando o contexto do artigo, tais áreas parecem se ligar às manifestações de dificuldade de expressão simbólica, com a utilização de recursos primitivos, repetindo padrões primitivos. Também se destacam no trabalho do autor, ao discutir essas questões, a referência a área psicótica da personalidade e os elementos beta, a onipotência, as equações simbólicas e a acentuada incapacidade de discriminação.

Celes (2003) faz referência a expressões como 'estados ainda mais primitivos', 'estado tão primitivo'. No contexto de sua discussão, remetem à constituição primitiva do *self*, estando implícita a ideia do primitivo vinculado aos processos inerentes ao desenvolvimento precoce na constituição do psiquismo e seu caráter não perecível na consolidação posterior da vida mental.

A Comissão Editorial da Revista Brasileira de Psicanálise (2003) menciona que as contribuições de Melanie Klein e de outros autores, como W. R. Bion e D. Meltzer, abordam os estados de mente mais primitivos.

Levinzon (2003) refere-se a estados mentais tão primitivos, que se expressam pelo imobilismo psíquico, caracterizando-se pela paralisação, encapsulamento, simbiose e elementos beta, e configuram o mundo mental particularmente no caso clínico apresentado pela autora.

Soussumi (2003) destaca o interesse e os estudos psicanalíticos que se debruçam sobre a origem do psiquismo no corpo, centrando-se no campo

processual evolutivo dos estados emocionais-corporais primitivos em direção aos estados plenamente psíquicos, simbólicos.

Rezze (2003) faz referência a formas muito primitivas do funcionamento mental, compostas por elementos beta, objetos bizarros, a parte psicótica da personalidade, que metaforicamente o autor compara ao funcionamento do bebê, embora faça parte do psiquismo humano em qualquer idade.

Della Nina (2003), ao se reportar à vida emocional primitiva, afirma que as ideias de D. Winnicott sobre o assunto auxiliam na investigação e compreensão dos elementos relacionados à anorexia nervosa, tema do seu artigo.

Ribeiro e Wierman (2004) utilizam em sua discussão a experiência clínica vivida com uma paciente que apresentava em seu funcionamento mental o predomínio de partes primitivas. No contexto dessa discussão, as autoras consideram como aspectos primitivos predominantes aqueles *borderlines* e psicóticos. Apresentam o “mundo primitivo mental” como um psiquismo primitivo com níveis primitivos e psicóticos da mente, em estado de concretude, que precisa ser transcendido para alcançar a simbolização, o pensamento. Afirmam ainda, baseando-se em S. Freud, que o psiquismo primitivo pode ser visto como um estado mental com origem genética e que passa a fazer parte de todo indivíduo durante a vida, mantendo-se em relação com outros estados mentais no sujeito adulto. Segundo as autoras, é um mundo primitivo de concretude, pré-simbólico, pré-representação e de protopensamentos.

Almeida, Marconato e Silva (2004) fazem referência aos aspectos primitivos como aqueles que dizem respeito ao que é vivenciado pelo bebê em termos de relações objetais, articulado com todo o processo inerente ao desenvolvimento inicial.

Ungar (2004) comenta que nas sessões analíticas com crianças certamente são mobilizados no analista os seus aspectos mais primitivos e infantis, e que na análise de pacientes adolescentes isso é muito mais intenso. Tais aspectos referem-se tanto ao que foi vivenciado nas primeiras etapas do desenvolvimento psíquico quanto ao que permanece como imperecível, sendo parte constituinte por toda a vida.

Marques, T. H. T. (2004), a partir de sua experiência clínica, tece algumas considerações a propósito do que ela denomina de estados mentais primitivos. A autora avalia que no transcurso do encontro analítico o discernimento dos estados

emocionais primitivos é algo intrincado, complexo, difícil de ser estudado, compreendido e, sobretudo, comunicado. Compartilha o conceito bioniano de *rêverie*, através do qual se torna possível a captação e o acolhimento dos estados mentais primitivos, carregados de protoemoções, protopensamentos, caos, indiscriminação, ambivalência, com funcionamento em nível pré-verbal. Cita um funcionamento mental primitivo exprimindo vivências emocionais muito precoces na relação primária com a mãe.

Sampaio (2004) comenta que a atividade de fantasia mantém-se como um território preservado de certo grau de primitivismo no psiquismo humano.

Della Nina (2004) enfatiza que a investigação da vida emocional primitiva trouxe grandes avanços para a teoria e a prática psicanalíticas, principalmente no tocante à compreensão dos fenômenos psicossomáticos, que são o tema de seu artigo. É possível pressupor que, com base em inúmeros autores, Della Nina atribua à vida emocional primitiva pelo menos alguns aspectos pertinentes aos processos de formação do pensamento, ao desenvolvimento das relações objetais arcaicas, aos fenômenos protomentais e ao funcionamento pré-simbólico e narcísico primitivo.

Silva e Yazigi (2004) mencionam o mundo primitivo de uma paciente adulta que vivenciava condições psíquicas intrínsecas aos primórdios da vida mental.

Kahtalian (2005) utiliza a expressão psiquismo primitivo para indicar a possibilidade psicopatológica de suas manifestações por meio da perversão, das desordens narcísicas, das psicossomatoses, das adições, dos transtornos alimentares e do *estresse pós-traumático*.

Franco Filho e Sandler (2005) mencionam as áreas primitivas da mente como relacionadas, de certo modo, à não representação, a fantasias que não são captadas como elementos psíquicos pelo analista, aos elementos beta, aos refúgios autísticos e à sensorialidade. Mais adiante, ressurgem no texto as áreas primitivas da mente como áreas de não representação, como uma parte autística da personalidade.

Figueiredo (2005) refere-se a um estado primitivo e indiferenciado de mente, em que predominam o narcisismo e a indiscriminação eu-outro, a não representação, relacionando-se à parte psicótica da personalidade. A autora também usa como expressões correlatas as de estados mentais iniciais e mente incipiente, assim como fenômenos primitivos da vida mental que são constitutivos

do desenvolvimento psíquico, assim como os termos primitivo, primordial e psicótico como equivalentes. Tais fenômenos situam-se na área dos núcleos psicóticos, no campo da não representação, de uma mente incipiente. Cita a vida mental primitiva que, na discussão da autora, aparece como elementos os aspectos indiscriminados iniciais, onipotentes, idealizados e narcísicos.

Meurer (2005) cita estados mentais primitivos relacionados à parte primitiva da personalidade, que corresponde à vida instintual, intensos impulsos agressivos e sexuais.

7.3 Apreensão de elementos significativos

Nos autores e textos consultados na Revista Brasileira de Psicanálise, no período que vai de 1990 a 2005, constam indicações que podem contribuir para uma maior compreensão do tema, auxiliando na clarificação do conceito de mente primitiva, objetivo do presente trabalho.

Há indicações de que a mente primitiva está intrinsecamente relacionada com o processo primário do funcionamento mental (MELLO, 1992) e com o princípio do prazer-desprazer (HOLOVKO, 2002), assim como se abrem duas vertentes, embora não excludentes, que levam a compreendê-la tanto como o funcionamento característico dos primeiros meses de vida do bebê, os processos iniciais do desenvolvimento psíquico (BRAGA, 2000; LONGMAN, 1994; VALLADARES, 2005), quanto como o que permanece atuante, que não se restringe a um período ou idade, mas é dinâmico, a-histórico, em que a herança filogenética é individualmente realizada (BRAGA, M.C,1996; KORBIVCHER, 1999, 2005b; LONGMAN, 1994).

Além disso, como características da mente primitiva há evidências de que:

a) seu funcionamento está muito próximo do protomental (MELLO, 2005), ou em nível protomental (SIGNORINI, 1999), ou ainda se caracteriza por conteúdos protomentais (BRAGA, M. C., 1996), pelo predomínio de elementos beta e pela incapacidade de pensar pensamentos (KORBIVCHER, 1999), prevalecendo o sistema protomental (HOLOVKO, 2002);

b) é pré-simbólica (BRAGA, 1995; MARQUES, M., 2004), não tendo atingido ainda as condições necessárias de formação simbólica (SIGNORINI, 1999), com impossibilidade de representação mental (KORBIVCHER, 2005b).

c) nela prepondera a onipotência (LISONDO, 2001; MARQUES, M., 2005; MONTAGNA, 1996), a cisão, a identificação projetiva e a introjetiva (REZZE, 1997).

d) imperam as sensações (KORBIVCHER, 2005b), de forma que os elementos sensoriais se organizam formando conexões pré-simbólicas, expressando-se na concretude (KORBIVCHER, 1999).

e) sobressaem a fragmentação e o estado de não integração (KORBIVCHER, 1999), sendo indiferenciada (MONTAGNA, 1996), físico e mental não se discriminam (KORBIVCHER, 1999; MELLO, 2005) e as emoções primitivas encontram-se profundamente associadas (MELLO, 2005).

Alguns autores, como Holovko (2002), Mattos (1998) e Valladares (2005), dentro dos objetivos dos seus trabalhos relacionam o funcionamento da mente primitiva com pacientes em estados patológicos, e particularmente no caso desses três artigos consultados, são citados as perversões, as manifestações psicossomáticas e os quadros *borderlines*.

Também aparecem considerações acerca da importância e da necessidade de se discriminar a existência de diferentes níveis de desenvolvimento na mente primitiva (KORBIVCHER, 2005b) e níveis evolutivos diferenciados em geral no psiquismo que partem dela rumo à mente simbólica, evoluída (BRAGA, 1995; LISONDO, 2001).

Igualmente é possível identificar no discurso de alguns autores, pelo uso equivalente de algumas expressões e pelo modo como fazem uso de alguns adjetivos, que concebem como análogos termos como primitivo, arcaico e protomental (KORBIVCHER, 1999; MELLO, 1992; SIGNORINI, 1999).

Quanto aos termos congêneres, foram encontrados os seguintes: áreas primitivas da mente, aspectos primitivos da mente, atividade mental (psíquica) primitiva, camadas primitivas da mente, condições primitivas da mente, estados primitivos da mente, estados mentais primitivos, fenômenos mentais primitivos, formas primitivas de funcionamento mental, funcionamento mental (psíquico) primitivo, modo mental primitivo, mundo mental primitivo, níveis primitivos da

mente, organização mental primitiva, primitivismo mental, psiquismo primitivo, realidade psíquica primitiva e vida mental (psíquica) primitiva, entre outros.

A partir do que foi possível compreender da utilização desses termos pelos autores, destacaram-se alguns elementos que podem ser categorizados e, desse modo, auxiliam na compreensão do tema em pauta na presente investigação. Isto não quer dizer que todos os autores concordem entre si quanto à definição de cada termo, mas evidenciam aspectos que servem à construção da argumentação que segue.

O adjetivo “primitivo”, em seus múltiplos usos nos termos congêneres, designa inúmeros aspectos, entre eles o modo relacionado ao processo primário de funcionamento mental que seria dominante (BOYER, 1997; FARIA, 1995; FONTES, 1996; MELLO, 1992; MONTAGNA, 1996; RIOLO, 1995; VILETE, 1995), indicando os níveis mais profundos e primitivos do mundo mental, incluindo-se o princípio do prazer-desprazer (SANDLER, 1991).

Também há evidências de que se refere ao que ocorre nas primeiras etapas do desenvolvimento psíquico, aos primeiros meses de vida do bebê, quando se estrutura o psiquismo (HARRIS, 1990; HAUDENSCHILD, 1993; LIKIERMAN, 1994; OGDEN, 1996; PERECMANIS, 1990; SALIM, 2001; STEINER, 1990), ao mundo mental infantil em sua construção dos processos e vivências (BIANCHEDI, 1990; CYPEL, 1993; LAUFER, 1996; REZZE, 2003; VILETE, 1995) associados aos vínculos iniciais, às relações primárias ou objetais precoces e ao contexto pré-genital (ALMEIDA, MARCONATO, SILVA, 2004; BUNEMER, 1993; DOIN, 2002, 2003; LISONDO, 1992, 1999; MALTZ, 2003; T. H. T. MARQUES, 2004; MIODOWNIK, 2003; OUTEIRAL, CELERI, 2002). Nessa conjuntura, marca as formas iniciais de atividade mental no bebê e seu funcionamento peculiar nas fases do começo de sua constituição (AMATI-MEHLER, 1997; BRITTON, 1997; CASSORLA, 1997; CELLES, 2003; DELLA NINA, 1998; FONTES, 1996; FRANÇA, 2002; SILVA; YAZIGI, 2004; SHUTTLEWORTH, 1995; STEINER, 2000; UNGAR, 2004). Em termos temporais, Doin (2003) vincula o psiquismo primitivo ao seu desenvolvimento particularmente nos dois primeiros anos de vida.

Outro elemento a considerar é a perenidade daquilo que é vivido na aurora da existência, tanto do ponto de vista da ontogênese quanto da filogênese, remetendo ao que é imperecível na concepção freudiana. Neste sentido, o que foi

vivenciado nas primeiras etapas do desenvolvimento psíquico permanece como parte de um todo, coexistindo com o resultante de cada uma das fases posteriores e com elas se articulando e interagindo concomitantemente, compondo dinamicamente a totalidade da vida mental do sujeito para além dos primeiros anos de vida (AMATI-MEHLER, 1996, 1997; CELES, 2003; CYPEL, 1993; DOIN, 2003; FONTES, 1996; LAUFER, 1996; LIKIERMAN, 1994; MALTZ, 2003; MELLO, 1992; REZZE, 2003; RIBEIRO; WIERMAN, 2004; SAMPAIO, 2004; SOUZA, 1990; VILETE, 1995). Assim, todos os desenvolvimentos posteriores supõem o anterior (CELES, 2003; LISONDO, 1999).

Deste modo, aquilo que permanece pode ser revivido (BIANCHEDI, 1990; ZANIN, 1990a; 1990b) e se atualiza de inúmeras maneiras, podendo – apenas para citar alguns – se manifestar por meio da transferência, seja no processo analítico, pelo relacionamento analista-analisando (BIANCHEDI, 1990; BRAGA, J. C., 1996; CALIFE, 1991; CARON, 1996; CASSORLA, 1998; COSTA, 1997; KORBIVCHER, 1995; LISONDO, 1996; MIODOWNIK, 2003; PETRUCCI, 1996), seja nas manifestações relacionais cotidianas, como, por exemplo, na vivência de ligações amorosas intensas (VILETE, 1996). Pode ainda se manifestar nos sonhos e em toda atividade de fantasia (SAMPALIO, 2004), nas manifestações pulsionais – cujo fator instintivo seria o núcleo do inconsciente (ANDRADE, 1991; LACOMBE, 1991) –, nas formas de pensamento supersticioso, animista, etc. (CORD, 1994), e nos processos regressivos que se apresentam em condições tanto patológicas quanto normais (DELLA NINA, 1998; LACOMBE, 1991).

Outras características relativas ao adjetivo “primitivo” em seus múltiplos usos nos termos congêneres são:

a) há uso intenso dos mecanismos de cisão, projeção, introjeção, identificação projetiva (MEURER, 1996; PERECMANIS, 1990; RIBEIRO; 1999), e da identificação como uma forma primitiva de ligação (COSTA, 2001);

b) predomina a onipotência, a idealização, o controle mágico, a ambivalência (AMATI-MEHLER, 1996, 1997; BUNEMER, 1993; CALIFE, 1991; FIGUEIREDO, 2005; FRANCO FILHO, 1994; GOLDSTAJN, 2003; LISONSO, 1992; MARQUES, T. H. T., 2004; MEURER, 1996; OLIVEIRA, 2001; PERECMANIS, 1990; SANDLER, 1991);

c) sobressai a sensorialização ou sensorialidade (BRAGA, 1995; FRANCO FILHO; SANDLER, 2005; KAIO, 1996; SANDLER, 1991), a concretude (CALIFE,

1991; KAIO, 1999; KORBIVCHER, 1999; RIBEIRO; WIERMAN, 2004) ou concretificação, o sensório-concreto (SANDLER, 1991), ou, ainda, o pensamento concreto, conforme Green (1994); a manifestação de processos físico-concretos (BOYER, 1997; SHUTTLEWORTH, 1995), intrínsecos às funções corporais (AMATI-MEHLER, 1997; COSTA, 1997; LISONDO, 1999), através dos quais as experiências emocionais são construídas como estados corporais e reage a elas como sendo estados corporais e ações (DOIN, 2002; MONTAGNA, 1996), sendo o corpo a forma de expressão (FAGUNDES, 2001);

d) prevalecem as experiências e os elementos pré-verbais e não verbais (BUNEMER, 1993; CARON, 1996; DOIN, 2002; HAUDENSCHILD, 1996; MARQUES, T. H. T., 2004; PETRUCCI, 1996; RIBEIRO, 1999; STEINER, 1990);

e) imperam os fenômenos pré-simbólicos (BOYER, 1997; BRAGA, 1995; COSTA, 1997; DELLA NINA, 2004; DOIN, 2002; FARIA, 1995; KAIO, 1999; LISONDO, 1999; RIBEIRO; WIERMAN, 2004; SHUTTLEWORTH, 1995; VIEIRA, 2000) ou pré-simbolismo (FAGUNDES, 2001; MEURER, 1996), os níveis relacionados à não representação (FAGUNDES, 2001; FIGUEIREDO, 2005; FRANCO FILHO; SANDLER, 2005) e à pré-representação (RIBEIRO; WIERMAN, 2004);

f) preponderam os estados de não integração (BUNEMER, 1993; DELLA NINA, 1998; HARRIS, 1990; KORBIVCHER, 1999), de fragmentação e caos (FARIA, 1995; LOMBARDI, 2002; MARQUES, T. H. T., 2004), de indiferenciação (AMATI-MEHLER, 1997; BUNEMER, 1993; CASSORLA, 1997; DELLA NINA, 1998; FAGUNDES, 2001; FIGUEIREDO, 2005; VIEIRA, 2000), de indiscriminação (CASSORLA, 1997; GOLDSTAJN, 2003; KAIO, 1999; MARQUES, T. H. T., 2004; OLIVEIRA, 2001) entre o eu e o outro (FIGUEIREDO, 2005; MATTOS, 1996), entre o *self* e o objeto (FELDMAN, DE PAOLA, 1998; LEVISKY, 1997); o físico e o psíquico, o sensorial e o emocional, encontram-se indiferenciados (KORBIVCHER, 1999; LOMBARDI, 2002; MONTAGNA, 1996), ou pouco diferenciados (LISONDO, 1999);

g) distingue-se a tendência aos processos simbióticos (CALIFE, 1991; FRANCO FILHO, 1994; LEVINZON, 2003; SOUZA, 1990), de fusão com o objeto (AMATI-MEHLER, 1996; MATTOS, 1996; VILETE, 1996) ou de estados fusionais da organização psíquica (AMATI-MEHLER, 1997; FAGUNDES, 2001; OLIVEIRA, 2001);

h) assinala-se a existência marcante de estados e fenômenos autísticos e psicóticos (SOUZA, 1990), do narcisismo (CALIFE, 1991; FIGUEIREDO, 2005; LEAL, 2000) ou de experiências narcísicas (BUNEMER, 1993; DELLA NINA, 2004) ou de processos narcisistas (DANTAS JÚNIOR, 1998; FRANCO FILHO, 1994);

i) destaca-se a correlação com a parte psicótica da personalidade (CASSORLA, 1998; CASTELO FILHO, 2001; FARIA, 1994; FIGUEIREDO, 2005; GIUFFRIDA, 1997; GOLDSTAJN, 2003; HAUDENSCHILD, 1999; MARINHO, 1996; MEURER, 2005; MIODOWNIK, 1998; REZZE, 2003; RIBEIRO; WIERMAN, 2004; SANDLER, 1991), com o protomental (MELLO, 1992; SANDLER, 1991), com os estados e fenômenos protomentais (DELLA NINA, 2004; HOLOVKO, 2002; KAIO, 1999; KORBIVCHER, 1999, 2001; LISONDO, 1999; MONTAGNA, 1996), com as vivências protopsíquicas (DOIN, 2002), com as profantasias (AMATI-MEHLER, 1997), com os protopensamentos e protoemoções (MARQUES, T. H. T., 2004; RIBEIRO, WIERMAN, 2004) e com os elementos beta (CASSORLA, 1997; FRANCO FILHO; SANDLER, 2005; GIUFFRIDA, 1997; GOLDSTAJN, 2003; KORBIVCHER, 1999; LEVINZON, 2003; REZZE, 2003).

Outros aspectos característicos citados são:

- manifestações por equação simbólica (GOLDSTAJN, 2003; OLIVEIRA, 2001; SANDLER, 1991);
- relações de objeto parciais (DELLA NINA, 2004; LEVISKY, 1997; OLIVEIRA, 2001);
- sensações e angústias de aniquilamento (CALIFE, 1991; OLIVEIRA, 2001), bem como ansiedades primitivas (CASSORLA, 1997; LISONDO, 1992).;
- vivências nos níveis pré-genitais, pré-edípicos do desenvolvimento psicosssexual (FAGUNDES, 2001; LEAL, 2000; LISONDO, 1992);
- fantasias inconscientes (CASSORLA, 1997), fantasias de persecutoriedade (FRANCO FILHO, 1994);
- aspectos inerentes aos núcleos aglutinados (LEVISKY, 1997), às experiências autístico-contíguas e esquizoparanoide (BOYER, 1997), à posição esquizoparanóide (PETRUCCI, 1996), ao interjogo das posições esquizoparanoide e depressiva (MIODOWNIK, 1998);

- os processos inconscientes ligados à vida psíquica primitiva (ANDRADE, 1991; HARRMANN, 1998).

Para alguns autores, os aspectos psicopatológicos estão em conexão com os fenômenos relacionados ao adjetivo “primitivo”, muitas vezes utilizado para indicar manifestações de configurações patológicas como psicoses, perversão, desordens narcísicas, psicossomatoses ou fenômenos psicossomáticos, adições, transtornos alimentares e estresse pós-traumático (DOIN, 2000; CASSORLA, 1998; DELLA NINA, 2003, 2004; GOLDSTAJN, 2003; KAHTALIAN, 2005; LAUFER, 1996; LEVINZON, 2003).

São encontradas indicações da existência de concepções que supõem níveis de desenvolvimento, estabelecendo relações expressas por oposição, marcadas por um processo gradual de continuidade numa linha evolutiva de progresso, tais como: dos aspectos primitivos aos mais desenvolvidos (SOUZA, 1990), ou evoluídos (FONAGY; MORAN, 1990; LIKIERMAN, 1994), ou amadurecidos (AMATI-MEHLER, 1996, 1997; DOIN, 2002); do processo alucinatorio ao simbólico (FONTES, 1996); do corpo e dos elementos sensoriais à simbolização, ao estado psíquico pleno (LOMBARDI, 2002; SOUSSUMI, 2003).

Outro ponto a destacar refere-se à equivalência que alguns termos parecem ter em certos autores, para os quais o “primitivo”, supostamente, corresponde ao primário, arcaico, precoce (ZANIN, 1990a, 1990b), ao primordial, psicótico (FIGUEIREDO, 2005), ao infantil (BIANCHEDI, 1990; VILETE, 1995), ou, então, ao precoce, inicial (PERECMANIS, 1990).

8 DISCUSSÃO

Considerando-se o percurso até agora realizado, é possível constatar que não há diferenças significativas entre o que foi encontrado no *International Journal of Psycho-Analysis* e na Revista Brasileira de Psicanálise sobre a mente primitiva e os termos congêneres no período de 1990 a 2005. Por isso torna-se possível realizar uma síntese com os principais elementos que podem contribuir para a clarificação do conceito em pauta, os quais serão apresentados a seguir.

8.1 Síntese explicativa: uma contribuição

Os aspectos que permitem caracterizar a mente primitiva são os seguintes:

a) é intrinsecamente relacionada com o processo primário do funcionamento mental e com o princípio do prazer;

b) nela imperam a sensorialidade e os processos físico-concretos vinculados às funções corporais, onde os elementos sensoriais se organizam, formando conexões pré-simbólicas, e se expressam na concretude, construindo as experiências emocionais como estados corporais;

c) é pré-simbólica, por não ter ainda as condições necessárias para a formação simbólica;

d) nela prevalecem as experiências e os elementos não verbais e pré-verbais;

e) predominam a onipotência, a idealização e a ambivalência;

f) nela são utilizados maciçamente a cisão, a projeção, a introjeção, a identificação projetiva, a identificação introjetiva e o controle mágico;

g) nela sobressaem a fragmentação e o estado de não integração e ela é indiferenciada, de sorte que o físico e o psíquico, o sensorial e o emocional, o *self* e o objeto, o interno e o externo não são discriminados, bem como as emoções encontram-se muito associadas e os impulsos são caóticos;

h) nela as relações de objeto são parciais;

i) ela está correlacionada por alguns autores com o conceito bioniano de “parte psicótica da personalidade”;

j) ela corresponde:

- aos estados e fenômenos protomentais e seus desdobramentos (elementos beta, protofantasias, protopensamentos, protoemoções).
- à posição esquizoparanoide.
- ao interjogo das posições esquizoparanoide e depressiva.
- aos níveis pré-genitais do desenvolvimento psicosexual.

De modo geral, a partir do que foi apresentado até o momento, é possível compreender que o conceito de mente primitiva apresenta duas acepções não excludentes:

1) refere-se ao funcionamento mental peculiar dos primeiros meses de vida do bebê, desde sua centralização nos processos corporais a partir dos quais se originam os desenvolvimentos do psiquismo e a constituição do sujeito.

2) é a parte constituinte do psiquismo oriunda dos estados iniciais do funcionamento mental tanto da espécie (filogênese) quanto do indivíduo (ontogênese), a qual permanece dinamicamente atuante junto com os desenvolvimentos posteriores, sendo imperecível.

Pelos itens acima indicados denota-se o caráter de dinamicidade que perpassa esse conceito e a pluralidade de abordagens possível, através dos quais se tornou exequível a elaboração desta síntese, a qual auxilia na clarificação do que seja a mente primitiva a partir dos discursos contidos no material selecionado. Desse modo a síntese presta notável contribuição para o melhor entendimento do conceito em foco, pois se supõe que o conjunto de caracteres nela presente permite a detecção das condições que favorecem a descrição, classificação e identificação daquilo que pode ser entendido pelo uso da expressão mente primitiva. Não obstante, inúmeras questões foram suscitadas, algumas das quais serão a seguir apresentadas.

8.2 Algumas questões

A primeira questão diz respeito ao fato de que tal síntese engloba elementos oriundos de várias escolas de pensamento psicanalítico, o que foi proposital dentro dos objetivos da presente investigação, uma vez que a intenção não era centrar-se em alguma particularidade, seja de autor, seja de escola, mas debruçar-se sobre o geral, a partir do foco delimitador estabelecido e discutido no item 2, tal como se apresenta na literatura específica, e deixar emergir o que de algum modo já estava contido nos textos publicados.

A elaboração do conjunto de caracteres clarificadores e das duas acepções acima indicadas significou uma tentativa de contribuir para a compreensão de tal conceito e resultou de todo o processo de investigação desenvolvido no presente trabalho, no qual o olhar do pesquisador se dirigiu para um amplo horizonte do que se denominou de pluralidade de abordagens psicanalíticas presentes no conjunto da produção escrita consultada e referenciada, conforme os critérios metodológicos adotados. Esse olhar, contudo, embora aberto às inúmeras possibilidades que pudessem surgir, teve como elemento norteador e delimitador a expressão mente primitiva, com a finalidade de perseguir as condições necessárias à consecução dos propósitos definidos.

Como já foi dito e aqui se quer ressaltar novamente, a pretensão não foi unificar ou padronizar as diferentes proposições psicanalíticas, mas sim, manter a pluralidade como uma característica essencial no campo psicanalítico. Isto não quer dizer que se tenha perdido de vista a especificidade das construções conceituais próprias de cada autor ou escola, mas que se tratou apenas de elaborar uma construção que permitisse visualizar como, a partir da imersão nos textos, vislumbram-se os elementos que auxiliam na clarificação de um conceito que, embora usado na literatura, não tem definição precisa, priorizando-se a perspectiva exploratória e a descritiva. Destarte, através do processo que culminou na elaboração da síntese, buscou-se uma formalização que delimitasse um conjunto de dados com certos atributos comuns e constituísse uma espécie de proposição construída a partir do rearranjo dos elementos observados e selecionados no material objeto de investigação, de modo a tornar-se possível a enunciação de categorias que favorecessem a discussão do tema. Segundo

Castro (1977), tal processamento, enquanto proposição e enunciação, pode favorecer a organização de certos conhecimentos de modo a tornar-se mais fácil a compreensão do que se propõe.

Dizendo de outro modo, a síntese elaborada pretendeu resumir os dados observados no campo literário psicanalítico definido, formar um aglutinado de elementos que se constituísse em algo que avançasse para além das indefinições conceituais e promovesse algum avanço em relação ao tema investigado, bem como criar uma base para possíveis ampliações na discussão.

A segunda questão refere-se a que a apresentação dos aspectos que permitem caracterizar a mente primitiva é, de certo modo, simples, o que deu margem a diversos questionamentos, como, por exemplo: se, após o exame da literatura, os dados permitiram tal construção até certo ponto simples, por que a mente primitiva não é definida com maior precisão?; será que não é definida em função de ser um conceito por si só evidente, autoexplicativo?; será um conceito indefinível? Ademais, observando-se as categorizações apresentadas, tanto as oriundas do *International Journal of Psycho-Analysis* e da Revista Brasileira de Psicanálise, referentes ao período de 1990 a 2005, quanto as provenientes da literatura psicanalítica em geral, nota-se certa repetição, o que é evidenciado em cada um dos itens do presente trabalho. Pergunta-se, então: a que serve essa repetição? Indica que o assunto está esgotado e suficientemente claro? Se assim é, por que a definição não se consolidou? Por que é um descritor que não aparece nos dicionários especializados? Há outra razão para tal repetição? Por que, em relação a outros conceitos psicanalíticos de definição igualmente difícil, observam-se inúmeros esforços de definição, embora sejam mantidos como conceitos abertos?

Para tentar responder a esses questionamentos parece necessário retomar alguns pontos apresentados no item 3 do presente trabalho, sobre conceito, definição e concepção, tanto no sentido mais amplo quanto na especificidade do campo psicanalítico, associados à síntese elaborada a partir do material selecionado e apresentada acima, na tentativa de clarificar o conceito de mente primitiva.

8.3 O conceito e a Psicanálise: transmissibilidade e compartilhamento

A expressão mente primitiva aparece na literatura ora como um conceito, ora como uma concepção, mas não despontam esforços sistemáticos significativos no sentido de defini-la. Talvez de fato mente primitiva não seja um conceito psicanalítico, mas é um conceito, e como tal é utilizado por certos autores na psicanálise. Além disso, sendo um conceito, necessita ser definido, pois é isso que determina a sua compreensão, tendo-se em vista que sua utilização pressupõe ter ele sido criado, ou recriado, a partir de outro campo do conhecimento, com a função de descrever, categorizar e formular hipóteses acerca de fenômenos sobre os quais se pretende fornecer uma explicação.

Neste sentido, qualquer conceito se identifica por um conjunto de caracteres que permitem sua definição - portanto possibilitam sua compreensão - e por um conjunto de ideias e propriedades, de elementos particulares a certos fenômenos aos quais se estende esse conceito, num processo que torna possível descrever, classificar e identificar o objeto que se pretenda cognoscível, fixando-se da forma mais clara possível os seus limites ou, pelo menos, determinando-se as características essenciais ou particulares que possam diminuir os equívocos a seu respeito.

Em face dessas ponderações, é possível afirmar que a síntese apresentada anteriormente, a partir do material selecionado, contribui para a clarificação do conceito de mente primitiva no âmbito psicanalítico, pois seus elementos permitem a descrição, a classificação e a identificação daquilo que está circunscrito pelo uso dessa expressão, sem a pretensão de padronizar, unificar ou operacionalizar, e nela não se recusaram o pluralismo e a controvérsia que são inerentes de modo particular às construções conceituais psicanalíticas.

Se a definição de certos conceitos da teoria psicanalítica ainda é considerada insatisfatória, é preciso, talvez, maior esforço no enfrentamento de tais dificuldades, devendo as respostas a elas partir não somente do que emerge do trabalho clínico, do confronto cotidiano da experiência analítica, mas também das tentativas constantes de delimitação clara das conceituações.

Essa afirmação não desconsidera a particularidade da construção conceitual psicanalítica conforme discutida anteriormente. Aliás, mesmo partindo-

se da afirmação de que a incerteza e a relatividade dos conceitos são os principais ingredientes da psicanálise e de que a provisoriedade conceitual marca a singularidade do objeto da psicanálise, criando a impossibilidade de o conceito psicanalítico alcançar uma total e definitiva apreensão daquilo com o qual lida, não é possível deixar de levar em conta que se está falando de um campo do conhecimento. Deve-se igualmente considerar que, como tal, mesmo não fazendo parte do campo científico tradicional, ele só existe enquanto participante de um mundo onde a transmissibilidade e o compartilhamento sejam possíveis, pois se insere no mundo da linguagem, que deve transmitir o conhecimento alcançado com clareza, ainda que com graus variados de elasticidade e flexibilidade, que criam as bases para novos desenvolvimentos.

Em outras palavras, não se pretende que o conceito psicanalítico alcance uma total e definitiva definição, mas sim que, ao ser exposto na sua provisoriedade ou inacabamento, ele seja enunciado de modo claro e não seja usado de maneira inconsistente e sem demonstrar preocupação com os problemas que possa acarretar à comunicação (GARZA-GUERRERO, 2002; LEVY; INDERBITZIN, 2001; MITJAVILA; POCH, 2001).

Tendo feito tais reflexões, voltemos aos questionamentos indicados acima.

8.4 Retorno aos questionamentos

Retomando os questionamentos apresentados acima, no subitem 8.2, a partir da questão de que é de certo modo simples a apresentação da síntese dos aspectos que permitem, segundo o presente trabalho, caracterizar a mente primitiva e clarificar esse conceito, serão discutidos alguns desdobramentos.

Tal simplicidade é resultante do modo a partir do qual foi possível construir um *corpus* de conhecimentos em forma de síntese, contendo os elementos que permitem a descrição, a classificação e a identificação daquilo a que se refere a expressão mente primitiva, ou, pelo menos, contribuem para que sejam determinadas algumas características essenciais ou particulares, objetivando a diminuição dos equívocos e indefinições acerca desse conceito.

Sendo possível essa construção até certo ponto simples, as questões que se fizeram presentes dizem respeito ao porquê de o conceito ainda não ter sido definido com maior precisão: se por ser autoevidente, autoexplicativo ou indefinível. Responder a tais questionamentos não parece tarefa fácil, embora seja possível esboçar algumas tentativas em forma de discussão.

Se um conceito é uma representação simbólica utilizada no pensamento abstrato, ele é uma criação do intelecto humano mediada por construções mentais dependentes do contexto em que surge, pois o esforço sistemático por conceituar emerge da necessidade de compreender algo. Pode-se então pensar que não existem conceitos autoevidentes ou autoexplicativos em si mesmos nos vários campos do conhecimento. Tais propriedades somente seriam atribuídas a um conceito a partir do momento de sua enunciação, que se expressaria em uma definição clara e precisa, de forma que a partir desse momento ele se tornaria autoevidente ou autoexplicativo. Mesmo assim, ele permaneceria desse modo apenas por certo tempo, até que o conhecimento avançasse em decorrência de novos fatos que gerassem a necessidade de ampliar sua compreensão.

Pelas ponderações acima, também não é possível pensar em um conceito indefinível. O que pode existir é um fenômeno não compreendido, despertando o desejo e a necessidade de entendimento, fatores que por sua vez levarão ao desenvolvimento de conjeturas que fornecerão as bases para a construção mental que se consolidará em um conceito, que poderá inclusive ser de difícil de ser definido, mas não será absolutamente indefinível.

Ao discorrer sobre esses aspectos, surgiu a suposição de que se poderia fazer a seguinte afirmação: Freud, nos seus esforços por compreender o que emergia de suas descobertas clínicas, ao propor suas teorias da sexualidade, do aparelho psíquico e da constituição do sujeito, tanto do ponto de vista ontogenético quanto do filogenético, definiu a mente primitiva. O mesmo poder-se-ia dizer de Klein – apenas para ficar em dois autores clássicos – ao discorrer sobre as configurações específicas das relações objetais, das ansiedades e das defesas nas posições esquizoparanoide e depressiva. Mas não é bem assim. Embora as teorias de Freud e Klein, além de outros autores, sejam fundamentais para a compreensão do que se denomina de mente primitiva, eles de fato não a definem. Discorrer, por exemplo, sobre a gênese do psiquismo, não é necessariamente definir o conceito de mente primitiva, embora tal teorização

possa contribuir para essa definição; ou ainda, propor que a ênfase nos estudos acerca da mente primitiva é dada a partir deste ou daquele autor não é o mesmo que afirmar que tais autores tenham definido com maior precisão tal conceito, mas apenas que eles efetivamente muito contribuíram com o tema, mas que a ênfase lhes é reconhecida ou a eles atribuída posteriormente por outros autores.

Também há os questionamentos que surgiram a partir da constatação da existência de repetições, evidenciadas em cada um dos itens do presente trabalho pela pouca variação de uma parte para a outra em torno das categorizações. Essa repetição, com modificações diferenciais apenas entre autores e escolas psicanalíticas, poderia sugerir que o assunto está esgotado e suficientemente claro; porém isso não parece verdadeiro, até porque o assunto é polêmico, como demonstrado desde o início deste trabalho. Primeiro, nem todos aceitam tal conceito: enquanto alguns criticam seu uso, outros simplesmente o desconsideram; depois, entre os que o aceitam também as discordâncias são muitas, e não apenas em torno de afiliações por escolas ou autores, e, embora possam ser reconhecidas tentativas de esclarecimento do tema, a maioria daquilo com que se teve contato parte do pressuposto que “a coisa” está suficientemente clara e precisa, quando efetivamente não está.

Por outro lado, poder-se-iam pensar essas repetições como a evidência de uma espécie de compulsão no campo da produção teórica psicanalítica, em que se mudam alguns poucos aspectos, mas a essência continua; ou como a postura em relação àquilo que permanece do mesmo jeito. Isso, por um lado, indicaria um movimento de manutenção do estado das coisas, sem a procura pelo novo, por mudanças, e por outro, a luta na tentativa de encontrar possíveis soluções e elaborações, mesmo vivenciando-se um processo conflituoso.

Nesse contexto é preciso pensar no porquê de a definição de mente primitiva não se haver consolidado, tanto que não aparece nos dicionários especializados. *A priori*, uma hipótese levantada é que não teria havido tempo suficiente para a sua consolidação; contudo, pelo largo tempo ao longo do qual o assunto aparece na literatura seria lícito esperar que já se tivesse feito um esforço mais sistemático de esclarecimento e definição, mesmo que provisória. Outra hipótese refere-se à suposta pouca importância deste como conceito ou como concepção; mas em oposição a ela tem-se a frequência com que aparece na literatura consultada, nos congressos, nas conversas e em outras atividades

desenvolvidas entre pares psicanalistas, conforme já afirmado anteriormente, fato que denota a importância do tema para pelo menos alguns segmentos profissionais psicanalíticos (certos autores e/ou clínicos), seja pela concordância ou não, pois não há consenso quanto ao seu uso, portanto não é um conceito sem problemas no vocabulário psicanalítico.

8.5 Possíveis condições que dificultam a precisão conceitual

No confronto dessas hipóteses discutidas no item anterior e em face de todo o percurso desenvolvido nessa investigação, evidenciaram-se dois aspectos que estão interligados e foram de algum modo apresentados no corpo do trabalho, mas merecem ser retomados.

O primeiro desses aspectos refere-se à constatação de que a pluralidade de abordagens psicanalíticas, obviamente, propicia a emergência de múltiplas proposições acerca do tema; o segundo alude a que essa multiplicidade de proposições traz consigo dificuldades conceituais, não apenas pelas diferenças e/ou divergências, mas, sobretudo, por nem sempre haver suficiente clareza ou preocupação com a precisão no processo de comunicação científica.

O problema em si não é a pluralidade de abordagens psicanalíticas, nem a multiplicidade de proposições sobre determinado tema encontradas muitas vezes no seio de uma mesma escola de pensamento, embora isso aumente o campo das controvérsias e favoreça a ampliação das dificuldades para o debate e o esclarecimento compartilhado. Sem dúvida, as inúmeras linguagens diferentes utilizadas, que expressam posições epistemológicas, teóricas e clínicas tão distintas, propiciam desentendimentos e complicações; mas embora isso possa ser a mola propulsora preponderante na geração das controvérsias (BERNARDI, 2002), não parece ser o único nem o principal fator que justifique os mal-entendidos, os conceitos maldefinidos e imprecisos, os muitos termos frequentemente empregados de modo ambíguo e com pouca clareza na descrição clínica (HOME, 2004), sem evidenciar preocupação com a transmissibilidade e compartilhamento (DREHER, 2008; MITJAVILA; POCH, 2001). Na realidade, ao lado destes existem outros possíveis fatores, que podem

ser apresentados da seguinte maneira: 1) a contundência de Home (2004), que vê nessa atitude a possibilidade de ser a expressão de uma postura de exonerar-se da responsabilidade intelectual; 2) as estratégias defensivas, conscientes e inconscientes, visando à proteção dos próprios pontos de vista, tentando mantê-los a salvo dos argumentos contrários; e 3) a existência de outros interesses humanos de diferentes ordens, como, por exemplo, as questões de poder. (BERNARDI, 2002).

8.6 Uma problemática focal espelhando outra mais ampla

Extrapolando essas considerações acerca da expressão mente primitiva para os termos congêneres e outras tantas palavras às quais se agrega o adjetivo “primitivo” na literatura psicanalítica, destaca-se uma frequência extremamente numerosa quanto ao seu uso, tanto que fiquei tentado a apresentar um levantamento estatístico, o que somente não levei a cabo por não fazer parte do escopo desta investigação; mas mesmo nesses casos, as obras psicanalíticas de referência consultadas apresentam-se, digamos, silenciosas quando se observam os índices de verbetes. Por exemplo, verificando os índices de conceitos analisados por Laplanche e Pontalis (1986), encontrei os seguintes verbetes: a) cena primitiva, cuja tradução preferida foi cena originária ou protocena; b) profantasias (ou profantasmias) ou fantasias (ou fantasmas) primitivas(os) (ou originários[os]); c) recalçamento (ou recalque) originário ou primário ou primitivo. No índice geral de Kaufmann (1996) não constam verbetes assim adjetivados, mas há indicações de termos contidos nos textos, tais como: a) cena primitiva e atividade mental primitiva, que aparecem em citações de Freud contidas no verbete energia; b) imaginário primitivo, no contexto explicativo do verbete imaginário; c) maneira primitiva de pensar, também incluída em uma citação de Freud no verbete onipotência. No sumário de Hinshelwood (1992) apenas consta o verbete “mecanismos primitivos de defesa”. Em Chemama (1995) aparecem como verbetes: a) cena primitiva ou cena originária; e b) horda primitiva. Em Zimerman (2001) são verbetes: a) crueldade primitiva; b) desenvolvimento emocional primitivo; e c) horda primitiva. Em Fédida (1985) é citado somente o

verbetes cena primitiva ou originária. No dicionário de Rycroft (1975) nenhum verbete assim adjetivado foi encontrado, enquanto em Mijolla (2005) aparecem: a) agonias primitivas; b) cena originária ou cena primitiva; e c) primitivo. Esta é a única obra de referência em que foi encontrado esse último verbete, e nela, segundo Mijolla-Mellor (2005, p. 1418),

O termo “primitivo” é vizinho de ‘arcaico’, do qual convém, entretanto, distinguir na medida em que ele não remete para a noção de origem, mas para uma descrição antropológica ou histórica de fatos da cultura (mito, religião, lenda) ou de maneiras de pensar que permanecem no estado inconsciente no homem civilizado moderno. [...]. A noção de primitividade ocupa um lugar central no pensamento de Freud. Ela é, no nível coletivo, o equivalente do infantil no nível individual.

Mesmo compreendendo-se que uma obra de referência não consegue abarcar todos os conceitos, noções, concepções e outros termos utilizados em um determinado campo do conhecimento, sendo necessário que o autor e/ou organizador sempre selecione o que deve constar, chama a atenção o descompasso entre, por um lado, a altíssima frequência com que aparecem no discurso psicanalítico, tanto informal como formal, a expressão mente primitiva, os termos congêneres e as inúmeras outras palavras adjetivadas por “primitivo”, e por outro, o baixíssimo índice de presença de tais expressões nas obras de referência. Entretanto, não se trata aqui de aprofundar-se no problema de quais verbetes incluir em determinada obra de referência, mas de versar sobre o fato de certos termos serem utilizados sem serem precisamente definidos ou clarificados. Muitos deles até são definidos, mas acabam não sendo incluídos em níveis mais sofisticados de elaboração, pela pressuposição de que estejam suficientemente claros e/ou que a psicanálise, por ser uma forma de conhecimento específica e muito diferenciada das outras, não necessite desses rigores formais. Ademais, há uma série de termos que necessitam maior atenção no sentido de buscar aprimoramento conceitual, embora possam ser muito úteis na atividade clínica, como é o caso da noção de primitivo e do conceito de mente primitiva, objeto desta investigação.

Além disso, essa é uma questão que não se refere apenas ao conceito de mente primitiva e outros tantos “primitivos(as)”, mas é também uma problema da psicanálise como campo do conhecimento, pois as divergências e controvérsias em relação a inúmeros conceitos não ocorrem apenas em função das diferentes

escolas e autores, mas deve-se a outros tantos fatores nem sempre ligados à especificidade do processo psicanalítico de construção conceitual.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando o presente trabalho, é preciso reafirmar que o desenvolvimento desta investigação partiu da proposição de que o conceito de mente primitiva é problemático no campo psicanalítico, mas é importante para alguns psicanalistas, para os quais tem significativas consequências teóricas e clínicas.

O conceito de mente primitiva, ou congênere, é problemático no seio da psicanálise, principalmente:

a) por ser utilizado de forma ampla e genérica, sem apresentar definição clara e precisa que indique com maior exatidão a que se refere, sendo seu significado apenas suposto no contexto em que é empregado.

b) pela complexidade que lhe é inerente, em vista das múltiplas proposições sobre o tema em função da diversidade de abordagens teóricas, técnicas e epistemológicas no campo psicanalítico, não havendo consenso, ainda que provisório, quanto ao seu uso, mesmo no seio de uma mesma escola.

c) pela especificidade do processo psicanalítico de construção conceitual, em que a provisoriedade é condição essencial, em face da singularidade do objeto da psicanálise, criando a impossibilidade de que seus conceitos alcancem uma total e definitiva apreensão da realidade com a qual lida.

Não obstante, a psicanálise é uma forma de conhecimento que, embora específica e muito diferenciada dos outros campos do saber, somente existe e se consolida enquanto participante de um mundo onde a transmissibilidade e o compartilhamento sejam possíveis, por se inserir em um contexto em que a comunicação é condição *sine qua non* para a sua sobrevivência e expansão. Assim, ela deve transmitir e compartilhar o conhecimento alcançado com clareza, ainda que com graus variados de elasticidade, flexibilidade e provisoriedade, criando as bases para novos desenvolvimentos, o que nem sempre acontece, como é o caso do conceito de mente primitiva, amplamente problematizado desde o início da presente investigação.

Na busca por conhecer mais profundamente o assunto em pauta, foi necessário recorrer à literatura em geral para conhecer mais a fundo o que e quanto havia sido dito sobre o objeto de estudo, que serviu de aprofundamento e

preparação para ele efetivamente imergir dos estudos contidos no material selecionado a partir do *International Journal of Psycho-Analysis* e da Revista Brasileira de Psicanálise, circunscritos ao período de 1990 a 2005. É preciso destacar que essa circunscrição teve a função de estabelecer alguns limites tanto temporais quanto materiais, fixando uma delimitação necessária e inerente a qualquer projeto de pesquisa, que, no caso da presente investigação, tornasse viável a sua execução dentro dos prazos estabelecidos para o curso do doutorado.

A partir desse material foi possível descrever as ideias que se encontravam dispersas em diferentes textos – muitas vezes subjacentes e com distintos posicionamentos –, reorganizá-las e as reler, o que tornou possível sistematizá-las de modo a contribuírem para a clarificação do conceito em pauta. Essa sistematização culminou com a elaboração de uma síntese explicativa contendo os aspectos que permitem caracterizá-las em diferentes perspectivas e ter uma visão geral do incompleto e contínuo processo de construção do conceito em foco. Em função disso, estabeleceu alguns dos seus possíveis sentidos e significados, embora não definitivos, por não ser o propósito desta pesquisa, tendo-se em vista as delimitações para ela estabelecidas. Apenas para lembrar, o principal objetivo desta investigação foi clarificar o processo de construção do conceito e seus desdobramentos, e não taxativamente defini-lo ou operacionalizá-lo em sua forma última.

O que foi possível constatar, além do especificado anteriormente, remete à condição de que tratar da particularidade desse conceito é abordar em nível micro uma condição inerente ao nível macro na teoria psicanalítica referente a sua mutabilidade, ao seu contínuo processo de transformação e à impossibilidade de definição última de seus conceitos em função da natureza do seu objeto, o inconsciente.

Surge assim o dilema: buscar a definição última de seus conceitos e assim descaracterizar a Psicanálise, ou mantê-los indefinidos, imprecisos, ambíguos, utilizando-os de forma ampla e genérica, ficando seu significado apenas suposto no contexto em que é empregado.

A posição construída ao longo desta investigação e explicitada repetidas vezes não se reduz a nenhuma das duas soluções presentes nesse dilema. A

proposição defendida é que, ao se tratar de um conceito psicanalítico - mesmo **que** ainda incipiente, considerando-se o momento evolutivo de sua enunciação - sem eliminar toda a ambiguidade, desenvolva-se um esforço sistemático no sentido de determinar suas características essenciais, de modo a diminuir os equívocos e estabelecer sua extensão com a maior precisão possível.

Determinar com maior precisão a extensão de um conceito é estabelecer quais aspectos, quais elementos compõem o conjunto de dados aos quais é possível aplicá-lo; é delimitar suas fronteiras de modo que, ao menos provisoriamente, seja entendido o que de ele fato é, e não outra coisa. Ora, não é isto o que acontece com o conceito de mente primitiva (ou congêneres), pois na maioria das vezes em que aparece na literatura abordada nesta pesquisa seu significado teve que ser inferido a partir do contexto do artigo examinado.

Sem essa determinação indicada acima um conceito assim passa a ter uma extensão muito ampla, tornando-se frágil, e essa fragilidade se torna um dos muitos estopins que deflagram as insistentes controvérsias (aqui em sentido pejorativo) psicanalíticas em seus múltiplos níveis, muitas vezes desnecessárias e infrutíferas, porque nesses casos não há a preocupação com a transmissibilidade e o compartilhamento, objetivos maiores da comunicação científica.

Tal preocupação com a transmissibilidade e o compartilhamento, a que se alia a busca por maior precisão conceitual, não evita as controvérsias (aqui em sentido positivo), pelo contrário, as enfrentam, pois delas podem se originar contribuições genuínas para o aprimoramento do conceito e o avanço do conhecimento.

Voltando à questão da problemática do conceito de mente primitiva, em vista de tudo o que foi até o momento apresentado e discutido, somente há um caminho para lidar com a complexidade que o cerca: a constatação de que requer mais pesquisas.

Seria esclarecedor verificar como essa questão evoluiu nos últimos cinco anos, examinando-se os artigos publicados a partir de 2006 no *International Journal of Psycho-Analysis* e na Revista Brasileira de Psicanálise, já que a presente investigação circunscreveu o material selecionado ao período de 1990 a 2005 e a dois periódicos, conforme as justificativas já apresentadas, podendo-se ampliar para outros veículos de informação.

Também seria elucidativo debruçar-se sobre a produção escrita específica de cada uma das escolas psicanalíticas e seus autores, para aprofundar a investigação do tema a partir do que foi possível delinear desse amplo horizonte do que se denominou de pluralidade de abordagens, tentando assim atingir as particularidades que provavelmente forneceriam novos elementos de discussão e ampliação, visando a uma contínua aproximação com o objeto de estudo.

Destarte, as evidências apontam para a necessidade de um tempo ainda maior para que novas investigações e estudos se voltem ao tema, aprofundando-o, não somente no campo da pesquisa conceitual, mas, sobretudo, na pesquisa clínica, de modo que a observação e a apreensão dos fatos clínicos permitam reconstruções e novas formulações, fazendo avançar o conhecimento acerca desse conceito.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

ABRAHAM, K. *Psicoanálisis clínico*. Buenos Aires: Hormé, 1959.

ABRAHAM, K. *Oeuvres complètes*. Trad. Ilse Barande e Elisabeth Grin. Paris: Payot & Rivages, 1989.

AHUMADA, J. L.; DORIA-MEDINA, R. Acerca da investigação. Um diálogo em contraponto. *Revista de Psicanálise da SPPA*, Porto Alegre; v. 11, n. 2, p. 317-330, 2004.

ALBUQUERQUE, Andréa B. A experiência psicanalítica entre ciência e literatura. In: LO BIANCO, Anna Carolina. (org.). *Formações teóricas da clínica*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001. p. 29-56.

ALLEGRO, L.A. On the formulation of interpretations. *International Journal of Psycho-Analysis*, v. 71, p. 421-433, 1990.

ALMEIDA, A. Uma contribuição da teoria das transformações de W. Bion: a transformação psicossomática. *Revista Portuguesa de Psicossomática*; Porto, v. 6, n. 2, p. 17-34, 2004.

ALMEIDA, A. et al. *Dicionário escolar de filosofia*. Lisboa: Plátaro, 2003. [on line]. Disponível em: <<http://www.defnarede.com>>. Acesso em: 27 jun. 2009.

ALMEIDA, M. M.; MARCONATO, M. M.; SILVA, M. C. P. Redes de sentido: evidência viva na intervenção precoce com pais e crianças. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 38, n. 3, p. 637-648, 2004.

ALVAREZ DE TOLEDO, L. The analysis of 'associating', 'interpreting' and 'words': use of this analysis to bring unconscious fantasies into the present and to achieve greater ego integration. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 77, n. 2, p. 291-317, 1996.

AMARO, J. W. F. Mal-estar e amor. *Revista de Psiquiatria Clínica*; São Paulo, v. 33, n. 6, p. 337-341, 2006.

AMATI-MEHLER, J. A. M. Perversões: estrutura, sintoma ou mecanismo? *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de José Américo Junqueira de Mattos. São Paulo; v. 30, n. 2, p. 429-438, 1996.

AMATI-MEHLER, J. A. M. Algumas considerações sobre criatividade. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo; v. 31, n. 3, p. 611-632, 1997.

ANDRADE, V. M. “Trieb” e conhecimento instintivo – a diferenciação do ego e do id, a partir de uma matriz comum, com característica distintiva do psiquismo humano. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 25, n. 1, p. 91-108, 1991.

ANDRADE, V. M. *O sonho como estado primordial da mente*. CONGRESSO DA IPA, 44. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/victorandrade_ipa.doc>. Acesso em: 13 maio 2006.

ANDRADE JÚNIOR, A. M. Pacientes difíceis. In: OUTEIRAL, J. O.; THOMAZ, T. O. (orgs.). *Psicanálise brasileira: brasileiros pensando a psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 208-216.

AVENBURG, Ricardo El desarrollo psíquico temprano tal como se refleja en el proceso psicoanalítico. *Psicoanálisis*, Buenos Aires, v. 6, n. 2/3, p. 233-242, 1984.

AVENBURG, R. *Para rescatar al simbolismo del olvido*. Buenos Aires, 2005. Disponível em: <[http://www.sps.org.ar/sms/files/Ricardo Avenburg - Para rescatar al simbolismo del olvido - actividad científica 7 de abril 2005.doc](http://www.sps.org.ar/sms/files/Ricardo_Avenburg_-_Para_rescatar_al_simbolismo_del_olvido_-_actividad_cientifica_7_de_abril_2005.doc)>. Acesso em: 22 nov. 2007.

AZEVEDO, A. M.; CAMPOLINA, L. O.; PEDROZA, R. L. S. A pesquisa bibliográfica na psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva qualitativa. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 30., 2000, Brasília. *Resumos de Comunicações Científicas*. Brasília, DF: Sociedade Brasileira de Psicologia, 2000. p. 71.

AZZONI, A.; BARTOCCI, A.; DE ROSA, E.; FERRO, F. M. *et al.* Epilepsy, allergic disorders and primitive psychic organization: a case. *Perspectives Psychiatriques*; v. 25, n. 4/5, p. 339-343, 1986.

BAND, Ary. Clínica psicanalítica e metapsicologia: da dicotomia à investigação. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 47-69, 2000.

BARROS, Elias Mallet da Rocha. Cem anos de ofício: a contribuição de Melanie Klein e de seus continuadores. In: SLAVUTZKY, Abrão; BRITO, César Luís de Souza; SOUSA, Edson Luiz André de. (orgs.). *História, clínica e perspectiva nos cem anos da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 43-60.

BASTOS, L. A. M. Neurose obsessiva e perversão: entrecruzamentos narcísicos. *Trieb – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 67-105, 1997a.

BASTOS, L. A. M. A crise da psicanálise e o mal-estar do iluminismo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 31-39. 1997b.

BELL, D. Primitive mind of state. *Psychoanalytic Psychotherapy*; v. 10, n. 1, p. 45-57, 1996.

BERGSTEIN, M. Verdi's Rigoletto: the dialectic interplay of the psychic positions in seemingly 'mindless' violence. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 84, n. 5, p. 1295-1313, 2003.

BERNARDI, R. The need for true controversies in psychoanalysis: the debates on Melanie Klein and Jacques Lacan in the Río de La Plata. *International Journal of Psycho-Analysis*, v. 83, p. 851-873.

BETTELHEIM, B. *Freud e a alma humana*. 9. ed. Tradução de A. Cabral. São Paulo: Cultrix, 1993,

BIANCHEDI, E. T. Mudança psíquica, o dever de uma indagação. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Marilena S. Pombo. São Paulo; v. 24, n. 3, p. 361-375, 1990.

BICK, E. A experiência da pele em relações de objeto arcaicas. In: SPILLIUS, E. B. (ed.). *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica*. Tradução: B. H. Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 194-198. v. 1.

BION, W. R. *Estudos psicanalíticos revisados*. Tradução: W. M. M. Dantas. 3. ed. revisada. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BIRMAN, J. A psicopatologia na pós-modernidade – as alquimias no mal-estar da atualidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*; v. 2, n. 1, p. 35-49, 1999.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Tradução de Desidério Murcho et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BLEICHMAR, Silvia. Novas patologias a um século da fundação da psicanálise?. In: SLAVUTZKY, Abrão; BRITO, César Luís de Souza; SOUSA, Edson Luiz André de. (orgs.). *História, clínica e perspectiva nos cem anos da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 91-109.

BOKANOWSKI, T. Os conceitos na prática analítica atual. In: BOKANOWSKI, T. *A prática analítica*. Trad. Marilda Pedreira. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 29-39.

BOTELLA, C.; BOTELLA, S. *Lo perceptivo en tanto concepto limite em psicoanalisis*. Buenos Aires, [2001?]. Disponível em: <http://www.educ.ar/educar/serviet/Dowloads/S_BD_ZONAEROGENA/DS000168.PDF>. Acesso em: 15 set. 2007.

BOYER, L. B. Roles played by music as revealed during countertransference facilitated transference regression. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 73, n. 1, p. 55-70, 1992.

BOYER, L. B. O “jogo dos rabiscos” verbal no tratamento de pacientes seriamente perturbados. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Julieta Widman. São Paulo; v. 31, n. 1, p. 91-104, 1997.

BRAGA, J. C. Fixar vertigens (uma aproximação crítica à linguagem do psicanalista). *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 26, n. 1/2, p. 193-204, 1992.

BRAGA, J. C. O psicanalista: um artífice e os limites de sua identidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 29, n. 3, p. 481-488, 1995.

BRAGA, J. C. Função feminina, função masculina e função alfa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 30, n. 4, p. 997-1004, 1996.

BRAGA, J. C. Resenha de MÉLEGA, M. P. Pós-autismo: uma narrativa psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*; São Paulo, v. 34, n. 1, p. 163-169, 2000.

BRAGA, M. C. Interação psicanalítica com pais. *Revista Brasileira de Psicanálise*; São Paulo, v. 30, n. 1, p. 169-178, 1996.

BRITO, César Luís de Souza. Um sentido apreendido. In: SLAVUTZKY, Abrão; BRITO, César Luís de Souza; SOUSA, Edson Luiz André de. (orgs.). *História, clínica e perspectiva nos cem anos da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 229-239.

BRITTON, R. Realidade e irrealidade na fantasia e na ficção. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Cláudia Starzynski Bacchi. São Paulo, v. 31, n. 4, p. 865-887, 1997.

BROMBERG, Philip M. Getting into oneself and out of one's self: on schizoid processes. *Contemporary Psychoanalysis*, New York, v. 20, n. 3, p. 439-448, 1984.

BROMBERG, P. M. The difficult patient or the difficult dyad? Some basic issues. *Contemporary Psychoanalysis*, New York, v. 28, n. 3, p. 495-502, 1992.

BROWN, J.F. Comparative psychology of mental development: By Heinz Werner. New York: Harper and Brothers, 1940. 510 pp. *Psychoanalytic Quarterly*; v. 11, p. 250-252, 1942.

BUNEMER, E. Unicidade e individuação: mudanças nas fronteiras do self. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 27, n. 4, p. 591-605, 1993.

CALAZANS, Roberto. Considerações a propósito do "sujeito da ciência". In: BEIVIDAS, Waldir. (org.). *Psicanálise, pesquisa e universidade*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002. p. 33-56.

CALAZANS, Roberto. Psicanálise e ciência. *Ágora (Rio de Janeiro)* [online]. v. 9, n. 2, p. 273-283, 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 out. 2007.

CALDEIRA, E. M. Resenha de CAPER, R. Fatos imateriais (immaterial facts). Rio de Janeiro: Imago, 1990. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 24, n. 4, p. 583-586, 1990.

CALIFE, I. Fracassos terapêuticos em psicanálise: desvendando o inconsciente. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 25, n. 1, p. 11-20, 1991.

CAMARGO, M. V. G. P. Pesquisador científico: avaliação de produção 1990/1994. In: WITTER, G. P. (org.). *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997. p. 235-248.

CAMPOS, L. F. L. *Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia*. 2. ed. Campinas: Alínea, 2001.

CAPER, R. What is a clinical fact?. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 75, n. 5/6, p. 903-913, 1994.

CAPER, Robert. Psychopathology and primitive mental states. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 79, n. 3, p. 539-551, 1998.

CARON, N. A. Resenha de LEVISKY, D. L. Adolescência: reflexões psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 30, n. 1, p. 265-268, 1996.

CARONE, M.; SOUZA, P. C. A edição brasileira de Freud. In: MAUGÜE, J.; CARONE, M.; SOUZA, P. C. (orgs.). *Sigmund Freud & o gabinete do Dr. Lacan*. 2. ed. Tradução de I. M. Lando e P. C. Souza. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 155-190.

CARTWRIGHT, D. β -mentality in the matrix trilogy. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 86, n. 1, p. 179-190, 2005.

CASALNUOVO DE DEBELJUK, G. Acerca de la adquisición y desarrollo del lenguaje. *Revista Psicoanálisis*, Buenos Aires, v. 47, n. 3, p. 508-520, 1990.

CASSORLA, R. M. S. No emaranhado de identificações projetivas cruzadas com adolescentes e seus pais. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 31, n. 3, p. 639-676, 1997.

CASSORLA, R. M. S. Psicanálise e surto psicótico: considerações sobre aspectos técnicos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 32, n. 4, p. 721-745, 1998.

CASTELO FILHO, C. Para além da transferência – uma reflexão sobre o uso da capacidade de alucinar. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 35, n. 4, p. 1039-1052.

CASTRO, C. M. *A prática da pesquisa*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1977.

CAVELL, Marcia. The subject of mind. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 72, n. 1, p. 141-154, 1991.

CELES, Luiz Augusto. Metapsicologia e psicanálise. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, n. 32, p.197-207, 2000.

CELES, L. A. Anotações para uma abordagem às demandas contemporâneas de psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 37, n. 4, p. 1019-1034, 2003.

CHEMAMA, R. (org.). *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

CINTRA, E. M. U.; FROCHTENGARTEN, J.; AIDAR, M. A. K. Da materialidade do psíquico. *Percurso*; São Paulo, n. 31/32, p. 149-154, 2003/2004.

COHEN, D., JAY, S. M. Autistic barriers in the psychoanalysis of borderline adults. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 77, n. 5, p. 913-933, 1996.

COMISSÃO EDITORIAL BRASILEIRA. Prefácio à edição brasileira. In: KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 11-15.

COMISSÃO EDITORIAL DA REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. Comentários ao trabalho de Áurea Maria Lowenkron “Sobre a clínica da atualidade: novas patologias ou com novos sintomas”? *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 37, n. 4, p. 1009-1018, 2003.

CONFORTO, C. Per um “etologia” psicoanalitica della mente?. *Rivista di Psicoanalisi*; v. 30, n. 1, p. 156-160, 1984.

CORD, M. M. Resenha de AZOUBEL NETO, D. Mito e psicanálise: estudos psicanalíticos sobre formas primitivas de pensamento. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 28, n. 4, p. 847-848, 1994.

CORTIÑAS, L. P.; SOR, D. *El psicoanálisis: implicancias de un cambio de paradigma*. 2006. CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 26. FEPAL, Lima, 2006. Disponível em: <http://fepal.org/images/2006invest/pistiner_sor.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2007.

COSTA, G. P. L. Bryce Boyer: uma lição de psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 31, n. 2, p. 485-494, 1997.

COSTA, G. P. A identidade masculina e a identidade feminina: o casal de hoje. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 35, n. 3, p. 781-803, 2001.

COSTA, P. J. *O paciente difícil: conceituação e manejo técnico*. 1998. 151 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 1998.

COSTA, P. J. O paciente difícil e as perspectivas conceituais e técnicas. In: COSTA, P. J. (org.). *Reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Vetor, 2006. p. 173-194.

COSTA, P. J.; CARVALHO, R. M. L. L. A mente primitiva: um estudo da produção psicanalítica escrita no Brasil (1997-2001). In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 24., 2002, Montevidéo. *Anais...* [Resumo]. Montevidéo – Uruguai: Federación Psicanalítica de América Latina (FEPAL), 2002. 1 CD-ROM.

COSTA, P. J.; MAIA, P. M.; BOLONHEIS, R. C. M.; MIGLIAVACCA, E. M. *As concepções sobre a mente primitiva no discurso de psicanalistas*. (artigo submetido para publicação), 2008.

CUNHA, A. M. T. R. E foram felizes para sempre? *Vínculo*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 17-22, 2004.

CVIK, N.; ARBISER, S.; DIMANT, S. N. Conceptos originales de José Bleger sobre desarrollo psíquico temprano. *Psicoanálisis*, Buenos Aires, v. 6, n. 2/3, p. 407-414, 1984.

CYPEL, L. R. C. Desapreendendo com a experiência <-> uma aventura psíquica a dois, de dor e prazer em busca de si mesmo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 27, n. 2, p. 249-270, 1993.

CYPEL, L. R. C. A transgressão – da aquisição da capacidade para pensar à conquista do pensamento livre. Sua expressão no indivíduo, família e instituição. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 32, n. 2, p. 337-360, 1998.

DAMOUS, I. L. *A diferenciação eu-ambiente: uma perspectiva winnicottiana para os casos-limite*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2., 2006, e CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 8., [s. l.]. *Anais ...* [S. l.: s. n.], 2006. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/anais2006/4.46.3.2.htm>>. Acesso em 15 set. 2007.

DANTAS JR., A. A influência do narcisismo no amor erótico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 32, n. 1, p. 117-127, 1998.

DANTAS JR., A. A psicanálise e as novas formas de experiência humana determinadas pela globalização. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 67-79, 2002.

DARRIBA, V. A. A experiência do conceito em psicanálise: a provisoriedade e a ênfase na observação. In: BEIVIDAS, Waldir. (org.). *Psicanálise, pesquisa e universidade*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002. p. 57-69.

DARRIBA, V. A. *O que é produzir conceitos na psicanálise: uma investigação em Freud e Lacan*. 2003. 178f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003a.

DARRIBA, V. A. O conceito psicanalítico e a problematização da realidade “fora de nós”. *Psyché*, São Paulo, v. 7, n. 11, p. 165-181, 2003b.

DARRIBA, V. A. O “inacabamento” do conceito na psicanálise. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, v. 17, n. 179, 2004.

DAVIDSON, G. M. Dostoevsky and the perennial drama of man. *Psychiatric Quarterly Supplement*, v. 37, n. 1, p. 88-105, 1963.

DELLA NINA, M. “Sobre sombras e metáforas”: subjetividade e continência analítica na evolução da criatividade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 32, n. 2, p. 251-267, 1998.

DELLA NINA, M. Anorexia nervosa e a psicanálise: tendências e uma leitura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 37, n. 2/3, p. 687-710, 2003.

DELLA NINA, M. O psicanalista, a clínica e o “psicossomático”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 38, n. 3, p. 693-710, 2004.

DE MASI, F. The unconscious and psychosis: some considerations on the psychoanalytic theory of psychosis. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 81, n. 1, p. 1-20, 2000.

DE MASI, F. D. The psychodynamic of panic attacks: a useful integration of psychoanalysis and neuroscience. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 85, n. 2, p. 311-336, 2004.

DIAS, E. O. A trajetória intelectual de Winnicott. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 111-156, 2002.

DINES, A. Sistema totêmico e sistema mediático, uma provocação. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/liq201020002.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2002.

DOIN, C. Psicanálise e utopia. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 34, n. 2, p. 253-265, 2000.

DOIN, C. Relação psicanalítica e interpretação transicional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 36, n. 3, p. 499-529, 2002.

DOIN, C. Psicanálise e neurociência: uma questão de interesse prático. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 37, n. 2/3, p. 547-571, 2003.

DOIN, C. "O ego busca seu trauma": paradoxos da traumatologia. In: CONGRESSO DA IPA, 44., 2005, Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Psicanálise, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/doin_ipa.doc>. Acesso em: 15 set. 2007.

DORPAT, T. L. *Resenha*. Livro resenhado: MITRANI, Judith L. Ordinary people and extra-ordinary protections: a post-kleinian approach to the treatment of primitive mental states. Philadelphia, PA: Brunner-Routledge, 2001. 194p. *Psychoanalytic Quarterly*, New York, v. 71, n. 3, p. 596-602, 2002.

DOUGLAS, M. *Pureza y peligro*: un análisis de los conceptos de contaminación y tabu. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1973. Disponível em: <<http://ecampus.uraccan.edu.ni/mas/MAS2-CD/Antropología/Douglas-Pureza%20y%20Peligro.pdf>>. Acesso em 12 nov. 2007.

DREHER, A. U. What does conceptual research have to offer? In: LEUZINGER-BOHLEBER, M.; DREHER, V.; CANESTRI, J. (Eds.). *Pluralism and unity? Methods of research in psychoanalysis*. London: International Psychoanalytical Association, 2003.

DREHER, A. U. The role of concepts in psychoanalysis and the benefit of systematic conceptual reflections for psychoanalytic research: a methodological and theoretical study, [S. l.], 2005. Disponível em: <http://www.ipa.org.uk/research/dreher.asp>. Acesso em: 21 jul. 2005.

DREHER, A. U. Pluralismo na teoria e na pesquisa: e agora? *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 131-153, 2008.

DUNN, J. Psychic conflict and the external world in Freud's theory of the instinctual drives in light of his adherence to Darwin. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 74, n. 2, p. 231-240, 1993.

DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1993.

EHRENZWEIG, A. The origin of the scientific and heroic urge (The Guilt of Prometheus). *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 30, p.108-123, 1949.

EIGEN, M. Reflections on eating and breathing as models of mental functions. *American Journal of Psycho-Analysis*, v. 41, n. 2, p. 177-180, 1981.

EISSLER, K. R. Time experience and the mechanism of isolation. *Psychoanalytic Review*; v. 39, p. 1-22, 1952.

EISSLER, K. R. Notes on problems of technique in the psychoanalytic treatment of adolescents — With some remarks on perversions. *Psychoanalytic Study of the Child*; v. 13, p. 223-254, 1958.

EIZIRIK, C. L. Psicanálise e pesquisa. *Revista Brasileira de Psiquiatria*; v. 28, n. 3, p. 171-172, 2006.

EL SAFTI, M. S. Language is psychoanalysis. *Dynamische Psychiatrie*; v. 6, n. 2, p. 87-97, 1973.

ENGDAHL, B. Autistic states and transitional phenomena: Violette Leduc's La Batarde. *The American Journal of Psycho-Analysis*; v. 54, p. 159-172, 1994.

FAGUNDES, J. O. Principais contestações à psicanálise na atualidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 35, n. 3, p. 599-615, 2001.

FALBO, G.; HERZOG, R. O conceito de realidade e o lugar dos pais na experiência clínica. In: LO BIANCO, A. C. (org.). *Formações teóricas da clínica*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001. p. 87-99.

FARIA, J. A. B. Além do umbral dos sonhos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 29, n. 1, p. 93-112, 1995.

FECHINE, Y. Ambivalência: subsídios para uma discussão conceitual. *Revista Symposium*, Recife, v. 2, n. 2, p. 40-55, 1998.

FÉDIDA, P. *Diccionario de psicoanálisis*. Tradução do francês para o espanhol de Griselda Perucchi. 2. ed. Madri: Alianza Editorial, 1985.

FELDMAN, E.; DE PAOLA, H. Uma investigação sobre o conceito psicanalítico de inveja. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Heitor De Paola. São Paulo; v. 32, n. 2, p. 223-249, 1998.

FELDMAN, M. Projective identification: the analyst's involvement. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 78, n. 2, p. 227-241, 1997.

FERRARO, F. Psychic bisexuality and creativity. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 84, n. 6, p. 1451–1467, 2003.

FERREIRA, C. M. P. *Causalidade psíquica em Freud*. 2000. 122 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

FERRIGNO, G. Sogno, neuroscienze, linguaggio multimediale e interdisciplinarietà. *Rivista di Psicologia Individuale*, Milão, n. 54, p. 5-34, 2003. Disponível em: <www.scuolaadleriana.com/File/articoloFerrigno.pdf>. Acesso em 21 nov. 2007.

FERRO, A. The impasse within a theory of the analytic field: possible vertices of observation. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 74, n. 5, p. 917-929, 1993.

FIGUEIREDO, A. C.; VIEIRA, M. A. Psicanálise e ciência: uma questão de método. In: BEIVIDAS, W. (org.). *Psicanálise, pesquisa e universidade*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002. p. 13-31.

FIGUEIREDO, L. C. Sense of reality, reality testing and reality processing in borderline patients. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 87, n. 3, p. 770–787, 2006.

FIGUEIREDO, S. M. B. V. Configurações de prisão e de liberdade. Considerações técnicas com adolescentes. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 39, n. 4, p. 149-168, 2005.

FINZI, J. S. Observación de lactantes. Conocimiento del psiquismo temprano. In: CONGRESO VIRTUAL DE PSIQUATRIA, INTERPSIQUIS, 7., [S. l.], 2006. e-*Publicidad*, Servicios de Difusión y Publicidad de Psiquiatria.com, 2006. Disponível em:

<<http://apfem.com/articulodelmes/observacion%20de%20lactantes.conocimiento%20del%20psiquismo%20temprano.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2007.

FISCH, F. W.; MOGUILLANSKY, R.; MORENO, J.; FRÁGOLA, A. O. *Relación de objeto y/o vínculo. Revista Psicoanálisis*, Buenos Aires, v. 20, n. 3, p. 788-820, 1998.

FONAGY, P.; MORAN, G. S. Compreendendo a mudança psíquica na psicanálise da criança. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Claudia Bacchi. São Paulo, v. 24, n. 4, p. 567-579, 1990.

FONAGY, P., TARGET, M. Playing with reality: I. Theory of mind and the normal development of psychic reality. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 77, n. 2, p. 217-233, 1996.

FONAGY, P., TARGET, M. Playing with reality: III. the persistence of dual psychic reality in borderline patients. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 81, n. 5, p. 853-873, 2000.

FONTES, M. H. S. Cavalo de fogo, a dona do mundo e outros heróis ou o primado da alucinação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 30, n. 1, p. 133-140, 1996.

FRANÇA, J. B. N. F. O desafio da escrita. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 1079-1096, 2001.

FRANÇA, M. T. B. Resenha de ABRÃO, J. L. F. A história da psicanálise de crianças no Brasil. São Paulo: Escuta, 2001. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 36, n. 2, p. 433-442, 2002.

FRANCO FILHO, O. M. Mudança psíquica do analista: da neutralidade à transformação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 28, n. 2, p. 309-328, 1994.

FRANCO FILHO, O. M.; SANDLER, P. C. Intersubjetividade: progresso em psicanálise? *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo; v. 39, n. 4, p. 89-112, 2005.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. O paciente como obra de arte: uma questão teórico-clínica. In: HERRMANN, F.; LOWENKRON, T. (orgs.). WARCHAVCHIK, I.;

SADDI, L.; KHOURI, M G. (cols.). *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 33-41.

FREITAS, M. H. A. O pesquisador-doutorando e sua produção científica. In: WITTER, G. P. (org.). *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997. p. 281-290.

FREUD, A. Prefácio para The Hampstead clinic Series. In: NAGERA, H. (org.). *Conceitos psicanalíticos básicos da teoria dos sonhos*. 2. ed. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix, 1987. p. 8-10. v. 2. Biblioteca psicanalítica da Clínica de Hampstead (Publicado originalmente em 1969).

FREUD, S. (1913 [1912]). *Totem et tabou*. Interprétation par la psychanalyse de la vie sociale des peuples primitifs. Tradução de D. S. Jankélévitch. Paris: Payot, 1924.

FREUD, S. (1900). *La science des rêves*. Tradução de I. Meyerson. Paris: Libraire Félix Alcan, 1926.

FREUD, S. (1900). The interpretation of dreams (second part). In: FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Translated of de german under the general Editorship of James Strachey. London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1958a, p. 339-627.

FREUD, S. (1913 [1912-13]). Totem and taboo. Some points of agreement between the mental lives of savages and neurotics. In: FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Translated of de german under the general Editorship of James Strachey. London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1958b, p. 1-162.

FREUD, S. (1915). Thoughts for the times on war and death (The disillusionment of the war). In: FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Translated of de german under the general Editorship of James Strachey. London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1958c, p. 272-302.

FREUD, S. Cinco lições de psicanálise (1910 [1909]). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1970, p. 3-51. vol. XI.

FREUD, S. (1900-1). Interpretação de sonhos (segunda parte) e sobre os sonhos. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Tradução: W. I. Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. V.

FREUD, S. (1912-3). Totem y tabu. In: FREUD, S. *Obras Completas*. 3. ed. Tradução de Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madri: Biblioteca Nueva, 1973a. p. 1745-1850. Tomo II.

FREUD, S. (1915). Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte. In: FREUD, S. *Obras Completas*. 3. ed. Tradução de Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madri: Biblioteca Nueva, 1973b. p. 2101-2117. Tomo III.

FREUD, S. (1913 [1912]). Totem e tabu. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Tradução: Ó. C. Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. p. 13-194. Vol. XIII.

FREUD, S. (1913). O interesse científico da psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Tradução: Ó. C. Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. p. 195-226. Vol. 13.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Britto e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1974c, p. 85-119. vol. XIV.

FREUD, S. O instinto e suas vicissitudes (1915). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Britto e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1974d, p. 137-162. vol. XIV.

FREUD, S. (1915). Reflexões para os tempos de Guerra e morte. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Tradução: T. O. Brito, P. H. Britto, C. M. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1974e. p. 309-341. Vol. XIV.

FREUD, S. (1940[1938]). Esboço de psicanálise. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Tradução: J. O. A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 163-237. Vol. 23.

FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. 24v.

FREUD, S. (1900-1). La interpretación de los sueños (segunda parte). In: FREUD, S. *Obras Completas*. Traducción de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976b, p. 345-611. Vol. 5.

FREUD, S. (1913 [1912]). Tótem y tabú. Algunas concordâncias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Traducción de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976c, p. 1-164. Vol. 13.

FREUD, S. (1915). De guerra y muerte. Temas de actualidad (La desilusión provocada por la guerra). In: FREUD, S. *Obras Completas*. Traducción de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976d, p. 345-611. Vol. 5.

FREUD, S. Um estudo autobiográfico (1925 [1924]). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976e, p. 17-92. vol. XX.

FRICK, R.B. The ego and the vestibulocerebellar system: some theoretical perspectives. *Psychoanalytic Quarterly*, New York, v. 51, p. 93-122, 1982.

GABURRI, E. *Reverie e non cosa*. Turim, 1997. INTERNATIONAL CENTENNIAL CONFERENCE ON THE WORK OF W. R. BION. Disponível em: <<http://www.sicap.it/~merciai/bion/papers/gabur.htm>>. Acesso em: 05 maio 2006.

GADDINI, E. Early defensive fantasies and the psychoanalytical process. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 63, n. 3, p. 379-388, 1982.

GADDINI, E. Notes on the mind-body question. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 68, n. 3, p. 315-329, 1987.

GARZA-GUERRERO, C. 'The crisis in psychoanalysis': what crisis are we talking about?. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 83, n. 1, p. 57-83, 2002.

GATTI, F.; NERI, C. Sistema protomentale e malattia. In: NERI, C. e all. (ed.). *Lecture bioniane*. Roma: Borla, 1987, p. 313-322.

GEVERTZ, S. Um olhar psicanalítico à sociedade contemporânea. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 263-276, 2002.

GIOVACCHINI, P.L. The Frozen Introject. *International Journal of Psychoanalysis*; v. 48, p. 61-67, 1967.

GIUFFRIDA, F. Reflexões sobre alguns aspectos da “intuição”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 31, n. 2, p. 401-426, 1997.

GLENN, J. Sensory determinants of the symbol three. *Journal of the American Psychoanalytic Association*; v. 13, p. 422-434, 1965.

GLOVER, E. Grades of ego-differentiation. *International Journal of Psychoanalysis*; v. 11, n. 1, p. 1-11, 1930.

GLOVER, E. *Psycho-analysis: a handbook of medical practitioners and students of comparative psychology*. 2. ed. London: Staples Press, 1949. (Publicado originalmente em 1939).

GLOVER, E. Grades of ego-differentiation. In: GLOVER, E. *The birth of the ego: a nuclear hypothesis*. London: George Allen & Unwin, 1968a. p. 15-33.

GLOVER, E. On ego-synthesis. In: GLOVER, E. *The birth of the ego: a nuclear hypothesis*. London: George Allen & Unwin, 1968b. p. 58-68.

GLOVER, E. A ‘primary functional phase’?. In: GLOVER, E. *The birth of the ego: a nuclear hypothesis*. London: George Allen & Unwin, 1968c. p. 69-76.

GLOVER, E. Some clinical considerations. In: GLOVER, E. *The birth of the ego: a nuclear hypothesis*. London: George Allen & Unwin, 1968d. p. 77-94.

GOLDSTAJN, J. Estruturas em cena no processo psicanalítico – o setting psicanalítico para a clínica hoje. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 37, n. 2/3, p. 393-408, 2003.

GOMES, M. C. A. P. Considerações sobre estados primitivos da mente através da análise de um jovem com sérios distúrbios no contato. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 17, n. 4, p. 449-488, 1983.

GOMES, W. B. Considerações sobre a submissão de projetos que utilizam métodos qualitativos de pesquisa para agências financeiras. In: FRANCO, M. L.

P. B.; MACEDO, R. M. S. (orgs.). SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PESQUISA E INTERCÂMBIO CIENTÍFICO, 3., Águas de São Pedro, São Paulo, 1990. *Anais*. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1991, p. 239-243.

GONZÁLES REY, R. L. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. Tradução de M. A. F. Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GOOCH, S. A. Infantile sexuality revisited: the agony and ecstasy of the mother-infant couple. *Journal of American Academy of Psychoanalysis*; v. 19, p. 254-270, 1991.

GOODMAN, G. *Resenha*. Livro resenhado: ALHANATI, Shelley. Primitive mental states – v. 2: prenatal development gets its due. London: Karnac, 2002. *Psychoanalytic Quarterly*, New York, v. 74, n. 3, p. 887-896, 2005.

GOULART, A. A. *Diálogo analítico e intersubjetividade*. CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, 21. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/xxi_cbp/xxi_cbp_adalberto.doc>. Acesso em: 20 nov. 2008.

GREEN, A. Para introduzir o negativo em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Marília de Souza Lima. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 25-38, 1994.

GREEN, A. El Winnicott póstumo. *Psicoanálisis*, Buenos Aires, v. 18, n. 3, p. 477-493, 1996.

GREEN, A. The primordial mind and the work of the negative. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 79, n. 4, p. 649-665, 1998.

GREEN, A. Thirdness and psychoanalytic concepts. *Psychoanalytic Quarterly*, New York, v. 73, n. 1, p. 99-135, 2004.

GROTJAHN, M. The eternal ones of the dream: a psychoanalytic interpretation of australian myth and ritual. By Géza Róheim, Ph.D. New York: International Universities Press, 1945. 270 pp. *Psychoanalytic Quarterly*, New York, v. 15, p. 249-250, 1946.

GROTSTEIN, J. S. A proposed revision of the psychoanalytic concept of primitive mental states. Part I. Introduction to a newer psychoanalytic metapsychology. *Contemporary Psychoanalysis*, New York, v. 16, n. 4, p. 479-546, 1980.

GROTSTEIN, J. S. A proposed revision of the psychoanalytic concept of primitive mental states. Part II – The borderline syndrome-section 3: disorders of autistic safety and symbiotic relatedness. *Contemporary Psychoanalysis*, New York, v. 20, n. 2, p. 266-343, 1984.

GROTSTEIN, J. S. The psychoanalytic fascination with the concept of the “primitive”, In: ALHANATI, S.; KOSTOULAS, K. (eds.). *Primitive mental states*. Northvale, NJ: Jason Aronson, 1997. p. 1-21. (Vol. 1: Across the lifespan).

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HARRIS, M. A “mãe suficientemente boa”: notas sobre a função continente materna. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Flávio e Helena Moreira. São Paulo, v. 24, n. 2, p. 257-276, 1990.

HAUDENSCHILD, T. R. L. Aquisição gradual da capacidade de auto-continência emocional e da noção de identidade por uma criança autista e comunicação expressiva do analista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 27, n. 1, p. 115-138, 1993.

HAUDENSCHILD, T. R. L. Transferência erógena: a busca de um objeto de amor. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 30, n. 4, p. 1319-1332, 1996.

HAUDENSCHILD, T. R. L. Reflexões a partir do nosso dia-a-dia psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 33, n. 1, p. 111-120, 1999.

HAUTMANN, G. Riflettendo sullo splitting cognitivo primário. *Seminari Straordinari 2000 “Il pensiero di P. Bion Tálamo e W. R. Bion”*. 2000. Disponível em: <<http://www.psychomedia.it/neuro-amp/straord/b3-hauttmann.htm>>. Acesso em: 01 maio 2006.

HAUTMANN, G. La mia psicoanalisi. In: HAUTMANN, Giovanni. *Funzione analítica e mente primitiva*. Pisa: Ed. ETS, 2002. Disponível em: <http://www.spi-firenze.it/Hautmann_2002.html>. Acesso em: 05 maio 2006.

HAUTMANN, G. Intervento alla giornata su Franco Fornari. *Centro Psicoanalítico di Firenze*. Firenze, 2005. Disponível em: <[http://www.spi-firenze.it/Hautmann_2005\(2\).html](http://www.spi-firenze.it/Hautmann_2005(2).html)>. Acesso em: 05 maio 2006.

HAYMAN, A. A psychoanalytic theory of infantile experience: by Eugenio Gaddini, edited by Adam Limentani. London/New York: Tavistock/Routledge. 1992. pp. 220. The New Library of Psychoanalysis n. 16. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 74, p. 839-842, 1993.

HAYMAN, A. Some remarks about the 'Controversial Discussions'. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 75, n. 2, p. 343-358, 1994.

HEIMANN, P. Sacrificial parapraxis: failure or achievement?. *Annual of Psychoanalysis*; v. 3, p. 145-163, 1975.

HERRMANN, F. Análise didática em tempos de penúria teórica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 32, n. 4, p. 697-709, 1998.

HINSHELWOOD, R. D. *Dicionário do pensamento kleiniano*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

HIRIART, G. M. Sobre los fenómenos psicomaticos en la sociedad contemporânea. In: *JORNADA INTERCARTELES*, 1., [S. I.], 2002. Disponível em: <http://circulolacaniano.cl/Documentos/Jornada_Intercarteles_2002/Gonzalo_Miranda%20JornadaIntercarteles.pdf>. Acesso em: 15 set. 2007.

HOLMES, J. The changing aims of psychoanalytic psychotherapy: an integrative perspective. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 79, p. 227-240, 1998.

HOLOVKO, C. S. Tecendo a corporeidade no processo de mudança psíquica. *Revista Brasileira de Psicanálise*; São Paulo, v. 36, n. 3, p. 657-677, 2002.

HOME, H. J. O conceito de mente. *Natureza Humana*, São Paulo, 6, n. 2, p. 339-356, 2004. Tradução de César R. F. Souza. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/nh/v6n2/v6n2a07.pdf>>. Acesso em 17 set. 2007. (Originalmente publicado em 1966, no *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 47, p. 42-49.).

HONIGSZTEJN, H.; LEÃO, I. V. C. Desarrollo primitivo: distúrbios en la formación del self. *Psicoanálisis*, Buenos Aires, v. 9, n. 1, p. 95-105, 1987.

ISSACHAROFF, A. Primitive mental states (A symposium): introduction. *Contemporary Psychoanalysis*, New York, v. 20, n. 3, p. 437-438, 1984.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

JERUSALINSKY, A. O sujeito infantil e a infância do sujeito. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 146-159, 1998.

JONES, E. Sigmund Freud 1856–1939. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 21, p. 2-26, 1940.

JONTE-PACE, D. Psychoanalysis, colonialism and modernity: reflections on Brickman's aboriginal populations in the mind. *Religious Studies Review*; v. 32, n. 1, p. 1–4, 2006.

JUNKERS, G. "What does not exist, cannot will" Nietzsche: a contribution to the meaning of destruction as a defense. *Zeitschrift Psychoanalytische Theorie und Praxis*; v. 15, n. 2, p. 219-250, 2000.

KAHTALIAN, A. Soma e representação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 39, n. 2, p. 85-92, 2005.

KAIO, S. S. Desvelando o mundo mental primitivo: do terror inominado às construções sonhantes delimitadoras do espaço psíquico (Relato de uma experiência clínica). *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 33, n. 1, p. 61-78, 1999.

KAPLAN, D. M. Thoughts for the times on war and death': a psychoanalytic address on an interdisciplinary problem. *International Review of Psycho-Analysis*; v. 11, p. 131-141, 1984.

KAUFMANN, P. (ed.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução de Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KEHL, M. R. Uma ética para a psicanálise. *Folha de S. Paulo*, 09 maio, 1998. *Jornal de Resenhas*, p. 06.

KERNBERG, O. F. Transference regression and psychoanalytic technique with infantile personalities. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 72, n. 2, p. 189-200, 1991.

KERZ-RÜHLING, I. The validation of psychoanalytical hypotheses in clinical practice. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 77, n. 2, p. 275-290, 1996.

KHAN, M. Reparation to the self as na idolised internal object: a contribution to the theory of perversion formation. *Dynamische Psychiatrie*; v. 1, n. 2, p. 92-98, 1968.

KLEIN, M. *Contribuições à psicanálise (1921-1945)*. Tradução: M. Maillet. 2. ed. Rio de Janeiro: Mestre Jou, 1981.

KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Tradução: L. P. Chaves e cols. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KORBIVCHER, C. F. Algumas reflexões sobre o objeto psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 29, n. 2, p. 317-331, 1995.

KORBIVCHER, C. F. Mente primitiva e pensamento. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 33, n. 4, p. 687-707, 1999.

KORBIVCHER, C. F. A teoria das transformações e os estados autísticos. Transformações autísticas: uma proposta. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 35, n. 4, p. 935-958, 2001.

KORBIVCHER, C. F. The theory of transformations and autistic states: autistic transformations – a proposal. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 86, n. 6, p. 1595-1610, 2005a.

KORBIVCHER, C. F. A mente do analista e as transformações autísticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*; São Paulo, v. 39, n. 4, p. 113-130, 2005b.

LACOMBE, F. Mudar ou mudar. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 25, n. 4, p. 657-663, 1991.

LAPLANCHE, J.; COTET, P.; BOURGUIGNON, A. *Traduzir Freud*. Tradução: C. Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 9. ed. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo, Martins Fontes, 1986.

LARA, M. El psicoanálisis y el materialismo dialéctico: dos caminos distintos. *Revista Sexta Tesis*, Buenos Aires, n. 3, 1999. Disponível em: <http://www.6tesis.com.ar/el_psicoanalisis_y_el_materialis.htm>. Acesso em: 05 maio 2006.

LAUFER, E. Realidade psíquica e menarca. In: LEVINSON, N. A. Mesa-redonda realidade psíquica e o ciclo de vida: a realidade psíquica da mulher. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Maria Lúcia Alzuguir Gutierrez. São Paulo; v. 30, n. 3, p. 643-648, 1996.

LAVERDE RUBIO, E. Investigación conceptual. *Revista de la Sociedad Colombiana de Psicoanálisis*; Bogotá; v. 29, n. 2/3, p. 219-239, 2004a.

LAVERDE RUBIO, E. Investigación en psicoanálisis: método cualitativo. *Revista de la Sociedad Colombiana de Psicoanálisis*; Bogotá; v. 29, n. 2/3, p. 456-463, 2004b.

LAWRENCE, M. Body, mother, mind: anorexia, femininity and the intrusive object. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 83, n. 4, p. 837-850, 2002.

LEAL, C. O esforço da elaboração psíquica nas organizações pré-simbólicas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 34, n. 1, p. 69-88, 2000.

LEÃO, I. V. C. Considerações técnicas sobre o tratamento psicanalítico dos pacientes esquizóides. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 28, n. 2, p. 215-228, 1994.

LEAR, J. Jumping from the couch: an essay on phantasy and emotional structure. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 83, n. 3, p. 583-595, 2002.

LE COULTRE, R. Splitting of the ego, as the Central Phenomenon in Neurosis. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 74, n. 4, p. 791-802, 1993.

LEIRA, T. The princess who did not smile: a clinical account of the development of primitive psychic structure in a 4-year-old child. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 79, n. 6, p. 1097-1113, 1998.

LEVINZON, G. K. Da UTI psíquica para o divã: a constituição de uma mente através da relação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 37, n. 4, p. 1139-1156, 2003.

LEVISKY, D. L. Resenha de TRINCA, W. fobia e pânico em psicanálise. São Paulo: Vetor, 1997. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 31, n.3, 839-842, 1997.

LEVISKY, D. L. Mídia no divã: informação e aparelho psíquico. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://obseratorioidaimprensa.com.br/artigos/iq051120002.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2002.

LEVY, S. T., INDERBITZIN, L. B. Fantasy and psychoanalytic discourse. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 82, n. 4, p. 795-804, 2001.

LIKIERMAN, Meira. Primitive object love in Melanie Klein's thinking: early theoretical influences. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 74, n. 2, p. 241-253, 1993.

LIKIERMAN, M. Significado clínico da experiência estética. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Julieta Widman. São Paulo, v. 28, n. 2, p. 279-307, 1994.

LIMA, L. T. O. Transformações da puberdade: implicações teóricas e aspectos clínicos. *Psychiatry on Line Brazil*, São Paulo v. 2, n. 8, 1998. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/arquivo/puberdade.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2002.

LISONDO, A. B. D. A reinterpretação da tragédia de Édipo à luz da adoção e dos estados primitivos do desenvolvimento do psiquismo humano. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 26, n. 4, p. 527-538, 1992.

LISONDO, A. B. D. Travessia da adoção – a ferida na alma do bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 33, n. 3, p. 495-514, 1999.

LISONDO, A. B. D. Resenha de BIANCHEDI, E. T. et al. Bion, conhecido/desconhecido. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1999. *Revista Brasileira de Psicanálise*; São Paulo, v. 35, n. 1, p. 191-201, 2001.

LISONDO, A. B. D. Na cultura do vazio, patologias do vazio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 38, n. 2, p. 335-358, 2004.

LISONDO, A. B. D.; RIBEIRO, E. S. M.; NOTO, I. S. B. S.; SOUZA, M. S. I.; FRANCH, N. J. P. Psicanálise de crianças: um terreno minado? *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 30, n. 1, p. 9-26, 1996.

LO BIANCO, A. C. Apresentação. In: LO BIANCO, A. C. (org.). *Formações teóricas da clínica*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001. p. 7-9.

LOMBARDI, R. Primitive mental states and the body: a personal view of Armando B. Ferrari's concrete original object. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 83, n. 2, p. 363-381, 2002a.

LOMBARDI, R. Corpo, afetos, pensamento. Reflexões a respeito de algumas hipóteses de I. Matte Blanco e A. B. Ferrari. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Marina Rossi. São Paulo, v. 36, n. 2, p. 229-249, 2002b.

LOMBARDI, R. Mental models and language registers in the psychoanalysis of psychosis: an overview of a thirteen-year analysis. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 84, n. 4, p. 843-863, 2003a.

LOMBARDI, R. Knowledge and experience of time in primitive mental states. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 84, n. 6, p. 1531-1549, 2003b.

LOMBARDI, Riccardo. Stanley Kubrick's swan song: eyes wide shut. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 85, p. 209-218, 2004.

LONGMAN, J. Estágios primitivos da mente. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 28, n. 2, p. 253-260, 1994.

LOURENÇO, C. A. Automação de bibliotecas: análise da produção via Biblioinfo (1986-1994). In: WITTER, G. P. (org.). *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997. p. 25-40.

LUCINI, G. *Considerazioni sul mito e sulla scienza*. Napoli, 2004. Disponível em: <<http://www.vicoacitillo.it/senedio/sag/mcienzaa.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2006.

LUCIONI, R.; RIZZI, F.; REDDAVIDE, L. Sintomatologia nei quadri psicopatologici dei disturbi dello sviluppo. *Thymology News*, Varese, 1999. Disponível em: <<http://slowmind.net/timologinews/thymology10.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2006.

LUSSIER, M. 'Mourning and melancholia': the genesis of a text and of a concept. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 81, n. 4, p. 667-686, 2000.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 3ª reimpressão; São Paulo: EPU, 1988.

MAHLER, M. *O processo de separação-individuação*. Tradução: H. M. Souza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MAHLER, M. *As psicoses infantis e outros estudos*. Tradução: H. M. Souza. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MAHLER, M.; PINE, F.; BERGMAN, A. *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Tradução: J. A. Russo. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MALDAVSKY, D. Complejizaciones teórico-metodológicas en psicoanálisis. *Revista de Psicoanálisis*, Número Especial Internacional, Buenos Aires, n. 8, p. 277-311, 2001.

MALTZ, R. S. Observação de bebês – método Bick – uma vivência emocional significativa para a criatividade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 37, n. 2/3, p. 631-646, 2003.

MANOR, Í.; GRANEK, M.; TYANO, S. The wooden shell: the legend as representative of the early stage of development. *Psychoanalytic Study Child.*, New Haven, v. 55, p. 202-219, 2000.

MARINHO, N. C. Transferência e contratransferência eróticas na formação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 30, n. 4, p. 1273-1282, 1996.

MARINHO, N. *Repensando a clínica e a teoria psicanalítica hoje: a evolução da teoria e prática psicanalítica da experiência de Freud aos nossos dias*. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CLÍNICA PSICANALÍTICA, 1. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/capsa2006_ney.doc>. Acesso em: 27 nov. 2007.

MARIOTTI, P. The analyst's pregnancy: the patient, the analyst, and the space of the unknown. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 74, n. 1, p. 151-164, 1993.

MARQUES, M. Representações distorcidas da verdade – o uso astucioso do pensamento. *Revista Brasileira de Psicanálise*; São Paulo, v. 38, n. 1, p. 165-179, 2004.

MARQUES, T. H. T. Conjeturando a expressão dos estados mentais primitivos na relação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 38, n. 4, p. 867-883, 2004.

MARTOS, A. Freud tenía razón. *Acta – Autores científico-técnicos y académicos*. Madri, n. 28, 2003. Disponível em: <http://acta.es/articulos_mf/28009.pdf>. Acesso em: 06 maio 2006.

MATTOS, J. A. J. Análise concentrada: três décadas de experiência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 30, n. 2, p. 365-384, 1996.

MATTOS, J. A. J. Sexualidade e função alfa: um novo modelo para as perversões. *Revista Brasileira de Psicanálise*; São Paulo, v. 32, n.1, p. 47-66, 1998.

McDOUGALL, J. *Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica*. Trad. de Carlos Eduardo Reis. 4. ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1991

McLEOD, J. *Doing counselling research*. London: Sage Publications, 1994.

MEDEIROS, J. B. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MEISSNER, W. Psychoanalytic aspects of religious experience. *Annual of Psychoanalysis*; v. 6, p. 103-141, 1978.

MELLO, J. B. S. A dimensão mítica na psicanálise brasileira. *Revista Brasileira de Psicanálise*; São Paulo, v. 26, n. 1/2, p. 27-40, 1992.

MELO, S. A. A compreensão psicanalítica do “pensamento” (com Freud, Klein, Bion e Winnicott). In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DOS ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE, 3., 2002, São Paulo: Rede dos Estados Gerais da Psicanálise, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/terceiro_encontro/melo-pensamento.shtml>. Acesso em: 15 set. 2007.

MELTZER, D. Identificação adesiva. *Jornal de Psicanálise*. Tradução de Daisy Maria Bracco. São Paulo, v. 19, n. 38, p. 40-52, 1986.

MELTZER, D. L'appareil protomental et les phénomènes somatopsychotiques. *Revue Française de Psychanalyse*; v. 53, n. 5, p. 1417-1430, 1989.

MELTZER, D. A masturbação anal e sua relação com a identificação. In: SPILLIUS, E. B. (ed.). *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica*. Tradução: B. H. Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago, 1991a, p. 110-124. v. 1.

MELTZER, D. Terror, perseguição, pavor – uma dissecção das ansiedades paranóides. In: SPILLIUS, E. B. (ed.). *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica*. Tradução: B. H. Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago, 1991b, p. 234-242. v. 1.

MENEZES, L. C. A tradução de Freud: da atualidade de um debate. In: MENEZES, L. C. *Fundamentos de uma clínica freudiana*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 207-219.

MEURER, J. L. Transferência e contratransferência eróticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 30, n. 4, p. 837-846, 1996.

MEURER, J. L. Crime e violência: aspectos clínicos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 39, n. 2, p. 143-148, 2005.

MEZAN, R. Comentários na orelha do livro. In: TANIS, B. *Memória e temporalidade: sobre o infantil em psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. s. p.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MIJOLLA, A. (direção geral). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005. 2v.

MIJOLLA-MELLOR, S. Primitivo. In: MIJOLLA, A. (direção geral). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005. v. 2, p. 1418.

MILLER, J. Crowds and power: some english ideas on the status of primitive personality. *International Review of Psycho-Analysis*; v. 10, n. 3, p. 253-264, 1983.

MILLS, J. Deciphering the "Genesis Problem": on the dialectical origins of psychic reality. *Psychoanalytic Review*; v. 89, n. 6, p. 763-809, 2002.

MIODOWNNIK, B. Psicanálise e psicoterapia: o vértice do psicanalista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 32, n. 4, p. 865-884, 1998.

MIODOWNNIK, B. Psicoterapia de orientação analítica e o método. Agora muito mais psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 37, n. 2/3, p. 279-298, 2003.

MITJAVILA, M.; POCH, J. Investigación en psicoanálisis y en psicoterapia psicoanalítica. *Revista de Psicoanálisis*, Buenos Aires, Número Especial Internacional, n. 8, p. 233-248, 2001.

MITRANI, J. L. Deficiency and envy: some factors impacting the analytic mind from listening to interpretation. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 74, n. 4, p. 689-703, 1993.

MITRANI, J. L. 'Taking the transference': some technical implications in three papers by Bion. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 82, n. 6, p. 1085-1104, 2001a.

MITRANI, Judith L. *Ordinary people and extra-ordinary protections: a post-kleinian approach to the treatment of primitive mental states*. East Sussex: Brunner-Routledge, 2001b. (New library of psychoanalysis; 40).

MONTAGNA, P. Algumas reflexões sobre relação mente-corpo em psicanálise e função do analista. *Revista Brasileira de Psicanálise*; São Paulo, v. 30, n. 2, p. 463-478, 1996.

MONZANI, Luiz Roberto. *Conclusão* (A espiral e o pêndulo). In: MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. p. 301-304.

MOORE, B. E. O problema da definição em psicanálise. In: MOORE, B.; FINE, B. D. (eds.). *Termos e conceitos psicanalíticos*. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. XXIII-XXVIII. (Publicado originalmente em 1990).

MOTA, R. L. B. A clínica do vazio: novas exigências para o psicanalista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 885-893, 2004.

MOURA, E. ITA: avaliação da produção científica (1991-1995). In: WITTER, G. P. (org.). *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997. p. 09-24.

MUCCHIELLI, A. *Les méthodes qualitatives*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

NACHMANI, Gilead. Hesitation, perplexity, and annoyance at opportunity. *Contemporary Psychoanalysis*, New York, v. 20, n. 3, p. 448-457, 1984.

NACHMANI, G. The difficult patient or the difficult dyad? On mourning the death of a parent who has not died. *Contemporary Psychoanalysis*, New York, v. 28, n. 3, p. 524-551, 1992.

NAPOLITANI, D. *Protomentality, autopoiesi, divernire "O"*. Turim, 1997. International Centennial Conference on the work of W. R. Bion. Disponível em: <<http://www.sicap.it/~merciai/bion/papers/napolita.htm>>. Acesso em: 01 maio 2006.

NEMIROVSKY, Carlos D. Aportes de Winnicott y de Kohut a la comprensión de la patologia temprana. *Psicoanálisis APdeBA*; Buenos Aires, v. 24, n. 3, p. 501-520, 2002. Disponível em: <<http://www.apdeba.org/publicaciones/2002/01-02/pdf/Nemirovsky.pdf>>. Acesso em: 16 set 2007.

NOGUEIRA, M. C. C. Análise do produto e de produtor de trabalhos científicos em ciência espacial. In: WITTER, G. P. (org.). *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997. p. 177-192.

NOVEY, Samuel. Influence of anticipatory attitudes on the resolution of transference. *Psychoanalytic Quarterly*, New York, v. 30, p. 56-71, 1961.

NOVICK, J., KELLY, K. Projection and externalization. *Psychoanalytic Study of the Child*, New Haven, v. 25, p. 69-95, 1970.

OGDEN, T. H. On the concept of an autistic-contiguous position. *International Journal of Psycho-Analysis*, v. 70, n. 1, p. 127-140, 1989.

OGDEN, T. H. Sobre o conceito de uma posição autística-contígua. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Maria Stela de Godoy Moreira. São Paulo, v.30, n. 2, p. 341-364, 1996.

OHIRA, M. L. B. Produção técnico-científica e artística da Universidade do Estado de Santa Catarina (1991-1995). In: WITTER, G. P. (org.). *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997. p. 87-113.

OLIVEIRA, D. C. O texto freudiano como analisador da cultura: uma resposta aos discursos totalizantes da ciência e da religião. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*; Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 123-144, 2002.

OLIVEIRA, M. T. Elaborando perdas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 35, n. 1, p. 107-128, 2001.

OLIVEIRA, S. L. *Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses*. São Paulo: Pioneira, 1997.

OLSON, N. Cubism, Freud, and the image of wit. *Psychoanalytic Study of the Child*, New Haven, v. 52; p. 301-331, 1997.

OPATOW, B. On the drive-rootedness of psychoanalytic ego psychology. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 74, n. 3, p. 437-457, 1993.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes, 1996.

ORTEGA, M. C. *Dos conversaciones com Maria Ortega*. [S. l.], 2002. Disponível em: <http://www.kalathos.com/sep2002/detail_mcortega.htm>. Acesso em: 06 maio 2006.

OUTEIRAL, J.; CELERI, E. H. R. V. A tradição freudiana de Donald Winnicott – a situação edípica. E sobre o pai? *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 36, n. 4, p. 757-778, 2002.

PÁDUA, E. M. M. O trabalho monográfico como iniciação à pesquisa científica. In: CARVALHO, M. C. M. (org.) *Construindo o saber – Metodologia científica: fundamentos e técnicas*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1995, p. 147-175.

PAP, A. *Semantics and necessary truth: an inquiry into the foundations of analytic philosophy*. New Haven: Yale University Press, 1966. (Publicado originalmente em 1958).

PARTON, G. La macchina nelle nostre teste. *Anarcotico.Net*. [S. l.], 1997. Disponível em: <<http://www.anarcotico.net/index.php?module=Pagesetter&func=viewpub&tid=19&id=2>>. Acesso em: 01 maio 2006.

PÉCORA, G. M. M. Atividades acadêmicas de pesquisador. In: WITTER, G. P. (org.). *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997. p. 157-167.

PELLANDA, L. E. C. Auto-análise: o outro lado do conhecimento. In: PELLANDA, N. M. C.; PELLANDA, L. E. C. (orgs.). *Psicanálise hoje: uma revolução no olhar*. Petrópolis: Vozes, 1996a, p. 333-346.

PELLANDA, L. E. C. Psicanálise fetal: vai existir um dia?. In: PELLANDA, N. M. C.; PELLANDA, L. E. C. (orgs.). *Psicanálise hoje: uma revolução no olhar*. Petrópolis: Vozes, 1996b, p. 641-645.

PELLEGRINO, H. Édipo e a paixão. In: CARDOSO, Sérgio et. al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

PERECMANIS, M. E. E. Relato de sete meses de análise de uma paciente com mal de Crohn. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 24, n. 1, p. 9-27, 1990.

PEREIRA, R. M. B. “*Eu canto, corro, grito, rio e nunca chego a ti*”: imagética materna em Caetano Veloso. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciência da Literatura, Mestrado em Semiologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/raiffmagno_eucanto.pdf>. Acesso em: 19 set 2007.

PETRELLI, D. Introduzione. In: *Fantasia inconscia: l'organizzazione mentale precoce secondo Susan Isaacs*. Roma: Il Pensiero Scientifico Editore, 2007. p. VII-XXXV. Disponível em: <<http://www.medicoebambino.com/lib/Indice%20+%20Introduzione.pdf>>. Acesso em 25 nov. 2007.

PETRUCCI, J. L. F. Manejo da transferência e da contratransferência eróticas na formação psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 30, n. 4, p. 1287-1291, 1996.

PICOLLO, A. Critérios de curación y objetivos terapêuticos en el psicoanálisis. Escuela inglesa. *Revista Psicoanálisis: ayer y hoy*, Buenos Aires, n. 2, s. d. Disponível em: <<http://www.elpsicoanálisis.org.ar/impnumero2/picollo-2-doc.htm>>. Acesso em: 15 set. 2007.

PIÉRON, H. *Dicionário de psicologia*. Tradução de Dora de Barros Cullinan. 2. reimpressão. Porto Alegre: Globo, 1969.

PIONTELLI, A. *De feto a criança: um estudo observacional e psicanalítico*. Tradução de J. Wilhelm, N. L. Gomes, S. M. Godoy. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

PIONTELLI, A. Observação de crianças desde antes do nascimento. In: PELLANDA, N. M. C.; PELLANDA, L. E. C. (orgs.). *Psicanálise hoje: uma revolução no olhar*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 625-640.

QUELHO, A. M. C. *Psicanálise e simbolização: comparação da produção científica em duas revistas (Revista Brasileira de Psicanálise e Revue Française de Psychanalyse)*. 1991. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 1991.

RADO, S. A critical examination of the concept of bisexuality. *Psychosomatic Medicine*; v. 2, n. 4, p. 459-467, 1940. Disponível em: <<http://www.psychosomaticmedicine.org/cgi/reprint/2/4/459.pdf>>. acesso em: 03 out. 2007.

RASCOVSKY, A. *El psiquismo fetal*. Buenos Aires: Paidós, 1960.

R. DE VIDAL, M. I. Mrs. Esther Bick. *Psicoanálisis*, Buenos Aires, v. 6, n. 2/3, p. 403-405, 1984.

REENKOLA, T. The position of metapsychology in the formation of psychoanalytic knowledge and the concept of "I" (ego). *Scandinavian Psychoanalytic Review*, v. 6, p. 141-165, 1983.

REZENDE, A. M. O pensamento fetal e a situação unitária. In: REZENDE, A. M. *Wilfred R. Bion: uma psicanálise do pensamento*. Campinas: Papyrus, 1995, p. 107-126.

REZZE, C. J. Transferência: rastreamento do conceito e relação com transformações em alucinação. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 137-166, 1997.

REZZE, C. J. Da clínica às hipóteses psicanalíticas (contribuições sobre "Bernardo" e apreciações de André Green). *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 37, n. 1, p. 27-51, 2003.

RIBEIRO, M. M. M. Rêverie hostil e rêverie benigna (estudo clínico do fenômeno da rejeição e sua correlação com a noção de rêverie proposta por Bion em sua obra). *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 33, n. 3, p. 431-447, 1999.

RIBEIRO, M. M. M.; WIERMAN, M. L. Supervisão: exercício da função paterna em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 38, n. 1, p. 59-76, 2004.

RINALDI, L. Dal caos alla significazione? In: RINALDI, L. (ed.). *Stato caotico della mente: psicosi, disturbi borderline, disturbi psicosomatici, dipendenze*. Milão: Raffaello Cortina Editore, 2003. Disponível em: <http://www.cenapsi.it/luigi_Rinaldi_dal_caos_alla_significaz.htm>. Acesso em: 06 maio 2006.

RIOLO, F. Sonho e teoria do conhecimento em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Enzo Birolini. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 113-127, 1995.

ROBBINS, M. Toward a new mind model for the primitive personalities. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 64, n. 2, p. 127-148. 1983.

ROBBINS, M. Primitive personality organization as an interpersonally adaptative modification of cognition and affect. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 70, n. 3, p. 443-459, 1989.

RODRIGUÉ, E. Notes on Symbolism. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 37, p. 147-158, 1956.

ROSENFELD, H. A. *Impasse e interpretação: fatores terapêuticos e antiterapêuticos no tratamento psicanalítico de pacientes neuróticos, psicóticos e fronteirços*. Trad. de Paula Maria Rosas; Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Nova Biblioteca de Psicanálise, n. 1).

RYCROFT, C. *Dicionário crítico de psicanálise*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SÁ, A. A. *Algumas ponderações acerca da reintegração social dos condenados à pena privativa da liberdade*. São Paulo, [2006?]. Disponível em: <www.eap.sp.gov.br/pdf/ponderacoes.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2007.

SALIM, S. A. As recentes confluências teóricas na psicanálise e suas possíveis contribuições para a eficácia da prática clínica *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 35, n. 3, p. 483-493, 2001.

SAMPAIO, C. P. Freud e a literatura: fronteiras e atravessamentos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 38, n. 4, p. 803-817, 2004.

SANDLER, J. Reflections on some relations between psychoanalytic concepts and psychoanalytic practice. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 64, n. 1, p. 35-45, 1983.

SANDLER, J. On communication from patient to analyst: not everything is projective identification. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 74, n. 6, p. 1097-1107, 1993.

SANDLER, J., SANDLER, A. Theoretical and technical comments on regression and anti-regression. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 75, n. 3, p. 431-439, 1994.

SANDLER, P. C. O ponto de vista do “nacional” e a psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 25, n. 1, p. 123-145, 1991.

SARNO, L. *Winnicott e Bion: di alcune perturbanti affinità*. [S. l., s. d.]. Disponível em: <http://www.farestorie.ch/Testi/Articolo_Sarno.doc>. Acesso em: 20 nov. 2007.

SCALZONE, F. Notes for a dialogue between psychoanalysis and neuroscience. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 86, n. 5, p. 1405-1423, 2005.

SCHORE, A. N. Neurobiology, developmental psychology, and psychoanalysis: convergent findings on the subject of projective identification. In: EDWARDS, E. (ed.). *Being alive: Building on the work of Anne Alvarez*. New York: Brunner-Routledge, 2001, p. 57-76.

SCHORE, A. N. The right brain, the right mind, and psychoanalysis. In: SCHORE, A. N. *Affect regulation and the repair of the self*. New York: W. W. Norton, 2003, p. 205-248.

SCHUST-BRIAT, G. "Fertile Eyes" "Les yeux fertiles" (Paul Eluard, 1936): Considerations on visual phenomena in the analyst's mind at work. *Psychoanalytic Inquiry*; v. 16, p. 376-389, 1996.

SCOTT, W. Clifford M. Primitive mental states in clinical psychoanalysis. *Contemporary Psychoanalysis*, New York, v. 20, n. 3, p. 458-463, 1984.

SEARL, M. N. A note on symbols and early intellectual activity. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 14, p. 391-397, 1933.

SEGAL, H. *Introdução à obra de Melanie Klein*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Publicado originalmente em 1973).

SHAPIRO, D. The difficult patient or the difficult dyad? From a characterological view. *Contemporary Psychoanalysis*, New York, v. 28, n. 3, p. 519-524, 1992.

SHENGOLD, L. A note on symbolism: a brief communication. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 74, n. 5, p. 961-964, 1993.

SHUTTLEWORTH, J. A relação entre os métodos e modelos da psicanálise e os da psicologia do desenvolvimento. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Mariângela Mendes de Almeida Pinheiro. São Paulo; v. 29, n. 2, p. 219-234, 1995.

SIGNORINI, J. Algumas considerações a propósito da pré-monição. *Revista Brasileira de Psicanálise*; São Paulo, v. 33, n. 2, p. 325-338, 1999.

SILVA, G. Borborygmi as markers of psychic work during the analytic session – a contribution to Freud's 'experience of satisfaction' and to Bion's idea about the digestive model for the thinking apparatus. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 71, n. 4, p. 641-659, 1990.

SILVA, J. F. R.; YAZIGI, L. Dois vértices da investigação de pacientes borderline: a clínica psicanalítica e a avaliação psicológica. Alice quebra-vidros. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 38, n. 3, p. 621-636, 2004.

SILVA, M. E. L. Bion: uma teoria sobre a mente. *Estudos de Psicologia*, Campinas; v. 5, n. 1, p. 39-55, 1988.

SOUSSUMI, Y. Uma experiência prática de psicanálise fundamentada pela neuropsicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 37, n. 2/3, p. 573-596, 2003.

SOUSSUMI, Y. Tentativa de integração entre algumas concepções básicas da psicanálise e da neurociência. *Psicologia clínica*; v. 18, n. 1, p. 63-82, 2006.

SOUZA, M. H. F. Supervisão clínica: Donald Meltzer. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 24, n. 4, p. 527-546, 1990.

SOUZA, M. R. Teoria evolucionista e psicanálise: ressonâncias? *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, v. 16, n. 167, p. 57-65, 2003.

SOUZA, P. C. L. A nova edição francesa de Freud. *Jornal de Psicanálise*; São Paulo, v. 27, n. 52, p. 115-127, 1994.

SOUZA, P. C. L. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Ática, 1999.

SPIEGEL, R. Faces of truth in the psychoanalytic experience. *Contemporary Psychoanalysis*, New York, v. 21, p. 254-265, 1985.

SPITZ, R. A. *A formação do ego: uma teoria genética e de campo*. Tradução: V. L. B. Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

SPITZ, R. A. *O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais*. Tradução: E. M. B. Rocha. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

STEIN, R. A new look at the theory of Melanie Klein. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 71, n. 3, p. 499-511, 1990.

STEINER, J. *Refúgios psíquicos: organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e fronteirços*. Trad. de Ricardo Quintana e Maria de Lourdes Sette. Rio de Janeiro: Imago, 1997. (Nova Biblioteca de Psicanálise, n. 19).

STEINER, J. A luta pela dominação na situação edipiana. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Tânia Mara Zalberg. São Paulo; v. 34, n. 2, p. 285-297, 2000.

STEINER, R. Dora: “la belle indifference” ou “label (le) in difference”. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Luiz Tenório de Oliveira Lima e Reinaldo Moraes. São Paulo; v. 24, n. 1, p. 75-87, 1990.

STEINER, R. In Vienna veritas? *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 75, n. 3, p. 511-583, 1994.

STRATTON, P.; HAYES, N. *Dicionário de psicologia*. Tradução de Esméria Rovai. São Paulo: Pioneira, 1994.

SYMINGTON, J. The survival function of primitive omnipotence. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 66, n. 4, p. 481-487, 1985.

SZEJER, M.; STEWART, R. *Nove meses na vida da mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. Tradução: M. N. B. Benetti. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

TÄHKÄ, V., Psychoanalytic treatment as a developmental continuum: considerations of disturbed structuralization and its phase-specific encounter. *Scandinavian Psychoanalytic Review*; v. 7, p. 133-159, 1984.

TÄHKÄ, V. On the early formation of the mind I: differentiation. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 68, n. 2, p. 229-250, 1987.

TÄHKÄ, V. On the early formation of the mind 2: from differentiation to self and object constancy. *Psychoanalytic Study Child*, New Haven, v. 43, p. 101-134, 1988.

TARANTELLI, C. B. Life within death: towards a metapsychology of catastrophic psychic trauma. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 84, n. 4, p. 915-928, 2003.

TAYLOR, G. J. Clinical application of a dysregulation model of illness and disease: a case of spasmodic torticollis. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 74, n. 3, p. 581-594, 1993.

TEIXEIRA, C. *Disputas acerca da arte. Intelectu*, [S. l.], n. 2, 1999. Disponível em: <http://www.intelectu.com/intelectu_archive_win_02_01.htm>. Acesso em: 27 jun. 2009.

TEIXEIRA, M. R. Por que conceitos empíricos são indefiníveis?. *Barbarói*; Santa Cruz do Sul, n. 26, p. 102-116, 2007.

TOMAZELLI, E. O laço de sangue: uma leitura kleiniana da fraternidade. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, v. 14, n. 148, p. 45-60, 2001.

TOMAZELLI, E. Notas sobre a depressão. *Boletim Formação em Psicanálise*, São Paulo; v. 13, n. 1, p. 61-79, 2005.

TONELLO, F. Melanconia e perversione. *Convegno organizzato da "Squiggle"*. Pisa, 2003. Disponível em: <<http://web.tiscali.it/bibliopsi/melanconia&perversione.htm>>. Acesso em: 06 maio 2006.

TRACTENBERG, M. Embriogênese do aparelho psíquico. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v. 27, n. 1, p. 59-78, 1993.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 4ª tiragem; São Paulo: Atlas, 1995.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes, 2003.

TUSTIN, F. *Estados autísticos em crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

TUSTIN, F. *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Tradução de M. C. Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

TUSTIN, F. A perpetuação de um erro. *Letra Freudiana*; ano XIV, n. 14, p. 63-79, 1995.

TUTTMAN, S. Edith Jacobson's major contributions to psychoanalytic theory of development. *American Journal of Psychoanalysis*; v. 45, n. 2, p. 135-147, 1985.

UNGAR, V. O trabalho psicanalítico com adolescentes, hoje. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Tradução de Nilde Parada Franch. São Paulo, v. 38, n. 3, p. 735-749, 2004.

URBAN, E. *Resenha*. Livro resenhado: ALHANATI, Shelley. Primitive mental states – v. 2: psychobiological and psychoanalytic perspectives on early trauma and personality development. New York: Karnac, 2001. *Infant Observation*, London, v. 6, n. 1, p. 117-123, 2003.

VALLADARES, M. S. R. M. O que quer uma criança? *Revista Brasileira de Psicanálise*; São Paulo, v. 39, n 2, p. 149-152, 2005.

VERNY, T. A. *A vida secreta da criança antes de nascer*. São Paulo: C. J. Salmi, 1989.

VIEIRA, C. A. Evoluções em psicanálise: a psicanálise contemporânea – será que existe?. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo; v. 34, n. 3, p. 441-450, 2000.

VIEIRA, K. C. Temas enfocados em Transinformação de 1989 a 1996. In: WITTER, G. P. (org.). *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997a. p. 41-54.

VIEIRA, K. C. Produção científica de docente/pesquisador da área de ciências. In: WITTER, G. P. (org.). *Produção científica*. Campinas: Átomo, 1997b. p. 249-264.

VILETE, E. O brinquedo e o sonho. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 29, n. 1, p. 25-34, 1995.

VILETE, E. P. Castração e sexualidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 30, n. 4, p. 905-914, 1996.

WALLERSTEIN, R. S.; FONAGY, P. Psychoanalytic research and the IPA: history, present status and future potential. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 80, n.1, p. 91-109, 1999.

WARHAVCHIK, I.; SADDI, L.; KHOURI, M. G. Um estudo sobre características da pesquisa psicanalítica. In: HERRMANN, F.; LOWENKRON, T. (orgs.). WARHAVCHIK, I.; SADDI, L.; KHOURI, M. G. (cols.). *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 09-19.

WEICH, M. J. The terms "mother" and "father" as a defense against ingest. *Journal of the American Psychoanalytic Association*; v. 16, p. 783-791, 1968.

WEISS, J. Clinical and theoretical aspects of "as if" characters. *Journal of the American Psychoanalytic Association*; v. 14, p. 569-590, 1966.

WEITZ, M. The role of theory in aesthetics. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*; v. 15, n. 1, p. 27-35, 1956.

WERBART, A. 'The meaning of dreams in the psychotic state: theoretical considerations and clinical applications': Paola Capozzi and Franco de Masi. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 83, n. 2, p. 551-563, 2002.

WESTEN, D. Towards a revised theory of borderline object relations: contributions of empirical research. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 71, n. 4, p. 661-693, 1990.

WIDLOCHER, D. O lugar da pesquisa clínica em psicanálise. In: GREEN, A. (org.). *Psicanálise Contemporânea*: Revista Francesa de Psicanálise: Número Especial 2001. Tradução de Álvaro Cabral *et al.* Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Departamento de Publicações da SBPSP, 2003. p. 51-64.

WILHEIM, J. *A caminho do nascimento*: uma ponte entre o biológico e o psíquico. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

WILHEIM, J. *O que é psicologia pré-natal*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

WILHEIM, J. Psiquismo pré-natal. *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, v. 30, n. 55/56, p. 19-38, 1997.

WILLIAMS, P. The changing aims of psychoanalytic psychotherapy: an integrative perspective' by Jeremy Holmes. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 79, p. 841-851, 1998a.

WILLIAMS, P. 'Psychopathology and primitive mental states' by Robert Caper. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 79, n. 5, p. 1055-1064, 1998b.

WILLOUGHBY, R. 'The dungeon of thyself': the claustrum as pathological container. *International Journal of Psycho-Analysis*; v. 82, n. 5, p. 917-931, 2001.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Tradução: J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Tradução: J. Russo. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982a.

WINNICOTT, D. W. *A criança e seu mundo*. Tradução: A. Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982b.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução: I. C. S. Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WITTER, G. P. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca de informação. *Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 7, n. 1, p. 5-30, 1990.

WRYE, H. K. The body/mind dialectic within the psychoanalytic subject: finding the analyst's voice. *The American Journal of Psychoanalysis*; v. 57, n. 4, p. 360-369, 1997.

XAVIER, I. A.; PADILHA, B. M.; DUCATTI, M. A. G.; SILVA, M. E. L.; SANTOS, M. F. Um olhar psicanalítico de um matricídio. *Psikhê – Revista do Curso de Psicologia do Centro Universitário FMU*; São Paulo, v. 5, n.1, p. 38-50, 2000.

YOSHIDA, L. A. M.; PEREIRA, C. B. D.; SOUSA, L. M.; KLEIN, S. M. R. P.; CORDEIRO, S. N. Transexualismo: uma visão psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 92-112, 2001.

ZANGRILLI, Q. La palla di fuoco. *Bolletino dell'Istituto Italiano di Micropsicoanalisi*, Turim, n. 13, 1992. Disponível em: <<http://www.psicoanalisi.it/Zangrilli/p/fuoco.htm>>. Acesso em: 04 maio 2006.

ZANIN, J. C. Crises de interrupção da análise e contratransferência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 24, n. 3, p. 401-413, 1990a.

ZANIN, J. C. Crises de interrupção da análise e contratransferência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo; v. 24, n. 4, p. 513-525, 1990b.

ZANOCCO, G.; DE MARCHI, A.; POZZI, F. Sensory empathy and enactment. *International Journal of Psychoanalysis*; v. 87, n. 1, p. 146-158, 2006.

ZILBOORG, G. Affects, personal and social. *Psychoanalytic Quarterly*, New York, v. 14, p. 28-45, 1945.

ZIMBRES, P. Q. C. *Bion? Mas qual Bion?* *Jornal Gradiva* [on line]. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.gradiva.com.br/site/scripts/mat26.htm>>. Acesso em: 05 maio 2006.

ZIMERMAN, D. E. Bion e o psiquismo fetal. In: ZIMERMAN, D. E. *Bion: da teoria à prática – uma leitura didática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 133-141.

ZIMERMAN, D. E. A face narcisista da sexualidade edípica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 495-514, 1997.

ZIMERMAN, D. E. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZOLTY, Liliane. Apresentação: como definir um conceito psicanalítico. In: NASIO, Juan David. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989. p. 9-10. (Publicado originalmente em 1988).

ZUSMAN, W. De volta a Tebas (uma leitura sígnica do Oráculo de Delfos). *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, v. 7, p. 532-541, 2006. Disponível em: <http://www.fepal.org/images/revista2006/revista_zusman_voltatebas.pdf>. Acesso em: 05 maio 2007.